

BRINDE

AOS

SENHORES ASSIGNANTES

DO

DIARIO DE NOTICIAS

BRINDE

AOS

SENHORES ASSIGNANTES

DO

DIARIO DE NOTICIAS

EM 1873

O Cypreste e o Pecegueiro, por Francisco Gomes de Amorim.
O Phantasma do Lago, por Sousa Viterbo.
A Alma do rei de Thule, por Alberto Pimentel.
Expiação de uma alma, por João de Mendonça.

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1873


LIBRARY
NOV 27 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

O CYPRESTE
E O PECEGUEIRO

POR

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

A ABILIO AUGUSTO DA FONSECA PINTO

O CYPRESTE E O PECEGUEIRO

I

Sabe toda a gente, e é por isso que eu não o ignoro tambem, que por mais verdadeira que seja uma historia não se deve começar a contar logo de principio: « Havia uma vez um cypreste e um pecegueiro... » O escriptor que quer leitores para mais vezes, não revela o seu assumpto de repente; cala-o prudentemente, como fazem os vendedores de melancias, no sitio onde tem certeza de encontrar a côr vermelha e a pevide preta, indicando o estado de sazonamento. Não se adquirem freguezes começando por se lhes dar a provar fructas verdes. Os escriptos que só no meio mostram a madureza do assumpto são os que mais deleitam a maioria do publico. Não é á primeira dentada que se saborea o bom pecego. E por isso a litteratura puxante, da alta escola, deu ha tempos em começar os seus romances pelo meio.

Effectivamente, quem ha de resistir a um livro que principie assim:

« João parou diante do espelho e achou-se tão palido, que insensivelmente olhou para traz, julgando que via outra pessoa. Ao mesmo tempo entrava Thomé com a caixa das pistolas e o mancebo pensou comsigo:

— Era a cara d'elle que eu estava vendo no espelho.

E ficou mais tranquillo e consolado.

— Partamos. — Disse Thomé.

— Viste-a?

— Vi.

— E elle?

— Subiu para a trazeira da carruagem, vestido com a libré de um dos seus lacaios.

— Inferno! Segue-me! Não me percas de vista, que eu sinto-me capaz de os tragar vivos!

E sairam, como dois foguetes, um atraz do outro. »

Qual seria o leitor assaz indifferente, que largasse uma obra d'estas, depois de a ter começado?! Ah! mas estes rasgos de genio são só para os grandes mestres, aguias gigantes, que até

quando fitam o sol consta que o obrigam a piscar o olho!

Os pequeninos contentam-se em olhar para a lua; e isso mesmo não é sempre.

II

Ora eu, apezar de pertencer a estes ultimos, entendo tambem, que é pouco judicioso começar as historias pelo principio; mas como não tenho o engenho sufficiente para as encetar pelo meio, nem mesmo pelo fim, pareceu-me bem, para não fugir de todo a tão excellente moda, começar pelo lado a historia do cypreste e do pecegueiro. O systema não é novo, nem de minha invenção (confesso-o com magoa!) e por isso o emprégo sem basofia. Calemos, pois, sem mais detença, esta melancia litteraria.

III

Está demonstrado desde remota antiguidade, que uma das mais gratas distrações do homem é a cultura das arvores e das plantas que florecem. E prova-se do mesmo modo, que tão deleitavel occupação concorre para melhorar a natureza humana e arreigar no coração o amor da virtude. Bastaria citar o caso de Adão e Eva, que postos por Deus em Paraiso de delicias nos fizeram a picardia que sabemos...

Expulso do Edem por causa da mulher, Adão tel-a-hia feito em postas se o explendido espectaculo da natureza, que o rodeava, e a vista das formosas flôres que elle cultivára lhe não tivessem modificado os sentimentos.

Outro exemplo notavel da influencia das plantas no animo de quem as cultiva é o dos fundadores de Antiochia, capital da Syria no tempo da dynastia dos Seleucidas.

Nenhuma das cidades fundadas pelos descenden-

tes de Seleucus Nicator foi enriquecida pelo genio das artes com mais vistosas galas. A natureza favorecera-a largamente; o gosto grego e o gosto oriental deram-se as mãos para a coroar de maravilhas e vergeis ridentes.

« Antiochia, diz Ernesto Renan, tem dentro de seus muros montanhas de setecentos pés de altura, rochedos a prumo, torrentes, precipicios, quebradas profundas, cascatas e grutas inaccessiveis; e por entre tudo isso jardins deliciosos! uma espessura de myrtos, de buxo florído, de loireiros, de plantas sempre verdes e do verde mais fino; vistosas penedias, tapetadas de cravos, de jacinthos e de cyclamens, dão a essas eminencias selvagens a apparencia de canteiros suspensos! A variedade das flôres, a frescura da relva, composta de innumera multidão de graminiasinhas, e a belleza dos platanos, que bordam o Oronte, inspiram contentamento e teem o que quer que seja do suave perfume que enebriava os admiraveis engenhos de S. João Chrysostomo, de Libanio e de Juliano. »

E sabem quem creou os jardins de Antiochia? Foram os Antiochos! Conhecem? Eram sujeitos que passavam todo o tempo que lhes sobejava de cul-

tivar plantas a roubar os reinos uns aos outros, a invenenarem-se e esfaquearem-se mutuamente, e até a casarem-se, descasarem-se e recasarem-se differentes vezes com as mesmas mulheres!

Ahi vae um d'elles para amostra:

IV

Antiocho primeiro apaixonou-se por sua madrasta Stratonica e como ella lhe não deu corda immediatamente, adoeceu ou se fingiu doente e combinou com o medico para que este fosse dizer ao pae o motivo da sua doença. O pae, que era raposo velho, e já estava arrependido de ter caido segunda vez em casar-se, simulou-se internecido com a historia. Mas para que a coisa não fosse muito calva, tomou uma attitude antiga, copiada do theatro grego; levou as mãos á cabeça como se quizesse arrepellar-se (não tinha um só cabello!) e depois de varios ohs! e ahs! tudo em estylo de Sophocles e de Eschylo, arrancou a catana e partiu, dando-se ares de quem ia matar o filho.

O côro foi atraz d'elle entoando os sabidos:

Oh! pae! Senhor! que fazes!?
Perdôa ao filho, e incolume
O deixa á dôr que o punge!

O velho pára, n'uma posição tragica. Julgam todos que mudou de resolução e se vai varar a si de lado a lado com o terrivel alfange.

Senhor! Senhor! detem-te!

Bradam os cortezãos, consternados por fóra, em quanto que por dentro se impacientam por elle não se apressar em pôr as tripas ao sol.

N'isto apparece o filho, Antiocho, que está magro como um peixe espada; vem com passo grave, olhar sinistro e batendo o queixo com a febre do amor. O velho encrespa as sobrancelhas, e torna a erguer o chanfalho, que já ia deitar fóra.

— Temos chinfrim! — Diz um Satrapa ao ouvido de outro.

O pae Seleuco, que o ouve, embainha-lhe o terçado na barriga e lança-se a soluçar nos braços do filho, que chora tambem n'um berreiro descomposto.

V

Stratonica, que estava no quarto a estudar a maneira mais suave de se livrar do marido, sente o barulho e acode para saber a causa da choradeira. O primeiro objecto que se lhe offerece á vista é o Satrapa assassinado; ella toma-o pelo esposo e exclama:

— Oh! sorte adversa! Oh! fado injusto!

Cobre o rosto com as mãos, esfrega os olhos e pede aos deuses que lhe emprestem duas lagrimas; os deuses, que estavam a pensar n'outra cousa, não a ouvem, mas o marido avista-a e grita:

— Filha! Stratonica?!

— Sombra implacavel! — brada ella, como fez seculos depois a bella Ignez de Castro. — Pavoroso espectro!...

Cuidando ser a alma do esposo que lhe falla,

enche-se de justo horror e procura o enteado para se abraçar a elle e pedir-lhe amparo. Reconhece, porém, que o morto não è o marido, esquece-se de ser prudente e diz, sem ser em áparte:

— Esta só pelo diabo!

Seleuco, a uma tal exclamação, revira os olhos e sente vontade de fazer escandalo; mas, como o desejo de se ver livre da mulher prevalece, finge que não percebeu o que ella dissera, com o louvavel intuito de a impingir ao filho.

— Stratonica, minha amada Stratonica, prepara-te com alma grande para uma desgraça, que nos fére a todos..

— Dize lá, menino; estou preparada para tudo.

— O meu filho teve a dita... não; teve a desdita de se apaixonar por ti!...

— Céos!...

Stratonica deita ao patife do enteado um olhar de gratidão e procura uma cadeira de braços, afim de desmaiar com todas as commodidades.

— Não desmaies ainda — diz o rei, que lhe percebera a intenção.

Stratonica torna a erguer-se e toma uma atitude digna.

— O infeliz — continúa Seleuco — é o herdeiro do meu throno; tenho obrigação de não o deixar morrer.

— É verdade — murmura Stratonica; — temos obrigação...

— Não me interrompam! — grita o rei. — Estou assás enternecido e o sacrificio que vou fazer custa-me os olhos da cara.

Seleuco tirou um lenço da algibeira, sendo imitado por todos os cortezãos e pela mulher e o filho.

— Stratonica! — prosseguiu elle. — É preciso ser forte e acceitar os destinos que nos impõem os deuses. Tu já não és minha mulher...

— Oh! sorte infausta! — clama a rainha, rebentando de jubilo.

— Sim; — continuou o marido — o bem do estado exige esta medida e este sacrificio. Agora és esposa de teu enteado e como tal ficas sendo tambem avó dos teus filhos, mãe dos teus netos e madrasta de ti propria.

— Meu pae! meu prodigioso pae! — berrou Antiocho, ajoelhando-se-lhe aos pés — desejava, mas não posso, regeitar o seu favor.

— Rei! Senhor! Monarcha excelso e glorioso!

— disse tambem Stratonica, ajoelhando — abençôa a tua filha! Tu sabes fazer bem as cousas!

Seleuco ergueu-os, abraçou-os e aconselhou-os a que se fossem embora, porque era tarde.

O côro de cortezãos cantava:

Só tu, Seleuco, és grande!
Bem hajas tu Senhor!

VI

O velho foi-se deitar, esfregando as mãos de contente, e dizendo comsigo:

— Mais dia menos dia elles pregavam-m'a na menina do olho e davam-me cabo da pelle com uma empanzinadella de veneno. Assim, fiz boa figura e fiquei livre d'aquella vibora!... Nenhum homem de idade madura deve casar segunda vez, sobre tudo se tiver um filho que se chame Antiocho... Safa! E eu ainda aqui não fico seguro! Durmamos sobre o caso; e ámanhã... veremos.

No dia seguinte abdicou a corôa no filho e sahiu

da côrte. Dizem alguns auctores, que elle sabia que não o veriam ali com bons olhos, por ter sido o primeiro marido de sua nora; outros, affirmam, que fôra fugido, receoso de que Antiocho se arrependesse e quizesse restituir-lhe a mulher.

Fosse como fosse, os Antiochos eram gentinha para tudo! E as cousas não se passariam tão suavemente se pae e filho não tivessem abrandado com a cultura das violetas e cyclamens a ferocidade nativa. Isto é afiançado por muitos historiadores graves, cujos nomes não tenho agora tempo de revelar ao leitor. Fica para outra vez. Saiba-se, porém, desde já, que a antiguidade sábia desprezava profundamente todos os ricos, que, podendo, não cultivassem um jardim. E Antiocho primeiro, apezar de ter sido insigne patife, foi considerado um borrego comparado com os outros reis do mesmo nome, unicamente por ter creado os vergeis de Antiochia!

Muitos homens notaveis, antigos e modernos, tiveram a paixão da jardinagem. Reis, imperadores, poetas, artistas e historiadores se comprazeram em empunhar n'uma mão o regador e n'outra o sacho. Em nossos dias são raras as vocações verdadeiras.

Ha parques e jardins magnificos em diversos pontos do globo, mas são todos cultivados por mercenarios ou por pessoas que vivem do commercio das plantas. Amadores sinceros e desinteressados, estou que ainda existem alguns, mas só conheço um unico. Sou eu.

VII

É verdade. E faço esta vaidosa declaração tão publica e solemnemente para dar ao sr. D. Antonio Romero Ortiz occasião de manifestar uma vez mais a boa fé e ingenuidade da sua critica litteraria.

O leitor não esperava de certo por uma d'estas ?! Pois vae ver se não tenho motivo para desvanecimentos, tratando-se do meu jardim.

Eu fixei a minha residencia n'um quinto andar; mas se por ventura o leitor quizer alguma vez fazer-me a honra da sua visita, aviso-o, por descargo de consciencia, para que não conte a sobre-loja, sob pena de achar seis andares.

São cento e vinte e seis degraus, faceis, suaves de subir, que se offerecem aos pés com uma condes-

cendencia e delicadeza a que não são insensiveis as melhores pernas! Póde-se descançar em todos os lanços da escada, até em todos os degráus! E quando se chega á minha porta sente-se uma alegria extraordinaria, desconhecida aos que nunca vieram tão alto; a alegria de não ter que subir mais! Fica-se um pouco de tempo a tomar a respiração; toca-se a campainha muito de vagar, para que não abram logo a porta; e quando se entra, e se goza a vista da cidade, esquece tudo!

Depois, penetra-se no meu jardim e salta immediatamente aos olhos a razão da minha vaidade de jardineiro. Instinctivamente pensa-se nos jardins de Antiochia; e em todos os vergeis construidos nos cumes de montanhas. E vê-se que todos ficam abaixo d'este paraisosinho, improvisado a meio caminho do céo. Não faltam aqui plantas raras, nem formosas flôres; e, além d'isso, as ruinas pittorescas e grandiosas do convento do Carmo... e as minhas proprias ruinas, sem hera que as sustenha!

VIII

Convenham que é necessario serem muito exigentes para não vir fazer-me uma visita? Os que se arriscarem a esta ascensão devem concordar facilmente, que não é ambiciosa ou desassisada a idéa de querer dar a este Edem em miniatura um poucochinho de celebridade.

Acaso os jardins de Semiramis ou o parque consagrado a Diana, por Xenofonte, nas immediações do Olympo, teriam a altura de um sexto andar, com cento e vinte e seis degráus acima do nivel da rua?! Deixemo-nos de modestias mal entendidas! O jardim mais alto que se tem feito no mundo é o meu; fui eu que tive a gloria de inventar esta oitava maravilha!

Os vergeis de Alcinôo e de Laertes; os magnificos jardins de Antiocho, afamados entre os mais bellos; os de Epicuro, cujas arvores poderiam dar um curso de philosophia; o paraiso da Persia; as villas — de Cicero, em Tusculum; de Varron, em

Casinum; de Horacio, em Tibur; de Plinio, em Laurent; — os parques de S. Luiz; de Carlos v; do rei Renato; do papa Julio II; e o de Luiz XIV: gregos; romanos; a idade media e a renascença — tudo fica a perder de vista comparado com o jardim que estou celebrando!

IX

E era de razão que eu possuisse esta perola verde, porque tenho passado uma parte da vida a fazer jardins para os outros. O penultimo, que ajudei a plantar, foi o de Garrett, na rua de Santa Isabel n.º 78. Conservo ainda d'esse um ramo de flôres sêccas, colhidas na noite da morte do poeta, em 9 de dezembro de 1854, das plantas que elle dois mezes antes tratava com tanto amor. De outro, que fiz ha annos n'uma aldêa, consta-me que os arbustos, que lá cultivei com tanto gosto, serviram de regalo ás cabras e burros dos habitantes do sitio!

Este de que agora fallo é o derradeiro. Se a sorte me privar d'elle, protésto que não terei ou-

tro, salvo se mão piedosa quizer ir plantal-o sobre a minha sepultura.

O culto das flôres é, depois do culto de Deus, do amor e da amizade, o mais bello de todos. Se, como creio e espero, a minha alma sobreviver ao meu corpo, ella virá por vezes, permittindo-o Aquelle que tudo póde e ordena, pairar entre as plantas que eu tanto amei e perfumar-se nos aromas das rosas e dos goivos, se por ventura a saudade continuar a cultival-as, consagrando-as á minha memoria. Oh! abençoados sejam os que juncarem de flôres a terra que cobrir meus ossos!...

Perdôe-me o leitor benevolo estes desvios para além da campa; eu côlho já as vellas da poesia funebre e volto ao assumpto, que vae amadurecendo.

X

Não se julgue que o meu jardim, por ser em miniatura, é como os das jovens costureiras, que põem sobre o telhado uma roseira e um craveiro,

com a generosa intenção de fazer crer ao seu canario que tem á vista um pedaço da patria. Não, senhor; o meu jardim é menos pequeno ou menos grande, mas não é menos interessante.

A frente da casa a que elle pertence olha para uma rua das mais ruidosas de Lisboa; e, para completa consolação dos meus ouvidos, tem as janellas á altura da bateria do castello de S. Jorge! Esta ultima circumstancia permitte-me apreciar devidamente o rebombo da artilheria e faz com que eu tenha tomado um odio figadal aos jubilos da nação.

Já o nosso Garrett dizia, que em Portugal nada se fazia sem foguetes; devia dizer antes, que se faz tudo com salvas e foguetes. A imaginação dos nossos festeiros, particulares ou officiaes, não sobe mais alto; e, em consciencia, já não é pouco levantar-se á altura do foguete. Mas os tiros?! Nasce um principe, fogo! Faz annos, fogo? Casa, fogo! Morre, fogo! Sae, entra, embarca, desembarca, vae, vem, fogo! Sempre fogo! Commemoram-se já tres anniversarios funebres de reinantes, por meio da artilheria! Aonde irá isto parar, em duzentos annos?! Não chegarão os rendimentos publicos só para salvas!

E se fosse só a despeza da polvora queimada nos navios e fortalezas!... Que importa que se incommode um povo para lhe fazer constar que o seu rei casou, que vae ou vem de passear? É permittido maldizer os tiros, quando elles nos attacam os nervos; mas o peior é que téem ficado alguns artilheiros sem braços, e outros téem morrido, victimas das salvas!

N'estes tempos de economias severas, em que se sacrificam até os mais necessitados para diminuir a gordura do monstro que se chama *defficit*, não seria possivel supprimir tambem a enorme despeza que se faz com essas ruidosas e ridiculas demonstrações, sem que parecesse desacato á magestade? Poupavam-se uns poucos de contos de réis e o esplendor da realeza não perigava com essa falta, que teria, para mim, a suprema vantagem de me livrar da maldita bateria do castello meu visinho.

— Mas que se havia de fazer ás peças, aos artilheiros e á polvora, em tempo de paz?

— Valha-nos Deos!... Pois não haveria outro meio de as utilizar? Gastassem a polvora em foguetes, que são menos bulhentos e téem apenas o

inconveniente de se poderem espetar nas cabeças dos transeuntes.

— E os artilheiros?

— Ah!...

— E as peças, que se fizeram para dar salvas?

— Oh!...

XI

Para o lado da rua Nova do Carmo temos, pois, á vista o castello de S. Jorge; a Sé, que me mostra as horas no seu relogio; a cidade baixa; uma nesga de rio, e alguns mastros, que fazem suppôr a existencia de navios; ao longe, as praias do Barreiro, o fumo dos comboios do caminho de ferro do Sul, e Palmella, embrulhada n'uma capa cinzenta. Para o norte do Castello, vejo outro pedaço de Lisboa; varios monumentos notaveis; a igreja da Graça, a do Monte, as terras da Penha de França; o historico palacio dos marquezes de Ponte de Lima; o hotel Pelicano e casa de tabacos, que já foi igreja de Santa Justa, theatro de D. Fernando, e loja de loiça! O templo de S. Domingos; o hospital de S.

José: o theatro de D. Maria — Paço dos Estáos, casa de Nuno Alvares Pereira, palacio da inquisição, erario, e theatro normal.— Pobre agonizante! Tão novo ainda e já valetudinario como eu! A este meu infeliz collega se póde applicar o celebre *verso*:

« Mancebo imberbe de alvejantes barbas! »

Ao lado do theatro, o palacio dos condes de Almada, famoso pela conspiração de 1640. (Abro aqui um parenthesis, que me parece necessario. Andam agora por ahi com a febre dos monumentos e pedem como cegos para proteger o desinvolvimento... dos aleijões artisticos. Ora Deus queira que a projectada estatua de João Pinto Ribeiro não sáia outro alarve como... Ih! Jesus! em que me eu ia metter!)

Avista-se do meu jardim o logar onde se está levantando, na praça do Rocio, o monumento á memoria de D. Pedro IV, o que me deixa intrever a despeza de um chá e bolos, ás visitas, no dia da inauguração.

Tinha vontade de abrir outro parenthesis, para

perguntar por que se não deu preferencia a um dos projectos portuguezes para este monumento?... Um, pelo menos, poderia servir, fazendo-se-lhe pequenas modificações, e teria o merito de ser feito por nacionaes... Porém, fazendo a pergunta, cumpria-me declarar qual era o projecto que me parecia preferivel, e os excluidos podiam esborracharme, cahindo todos sobre mim! Sei por experiencia que alguns dos nossos artistas não reconhecem auctoridade na critica senão quando ella diz bem das suas obras; quando é severa, embora seja justa, exigem logo que o critico vá viajar, estudar e ver, não as bellezas, mas os disparates artisticos, que existam nos outros paizes, para vir depois desculpar os que elles por cá fazem. Em vista d'estes inconvenientes graves, não abro o parenthesis.

Do lado do Sul tenho um ferreiro, que coadjuva o Castello de S. Jorge no criminoso empenho de dar cabo de mim; e, do lado opposto, as ruinas monumentaes do Carmo fecham o recinto pittoresco onde vivem as minhas plantas.

XII

Já vê o leitor, que, mesmo não subindo os meus cento e vinte e seis degraus, não foi sem custo que entrou no meu jardim! Todo o bem é difficil de alcançar! A sahida ser-lhe-ha mais agradavel: aquella escadinha, em frente da minha porta, dá passagem para o largo do Carmo; e quando me fizer o favor de cá tornar, prefira a entrada por ali, que assim gozará desde logo a vista de um espectaculo magestoso e aprazivel.

Agora descanse um pouco: veja os meus lagos em miniatura, a cascata, os jogos d'aguas, os meus peixes, e a minha cruz, que dá mais poetica e singular feição a esta residencia. Repare n'estas bellas ruinas, de gothico puro, que os frades *melhoraram*, cá do meu lado, com remendos toscanos e janellas quadrilongas! — Grandes homens eram os frades! — Olhe para este grandioso arco, que serve de escora ao edificio, e para aquelle portico soberbo; e logo, quando sahir, vá ver pelo interior

das ruinas os feixes de columnas e os arcos fechados em ogiva, que recordam ainda os tempos gloriosos da arte em Portugal.

Sente-se; goze com socego o fresco d'este retiro. Qualquer que seja a sua posição social, não desdenhe descançar alguns minutos n'este modesto banco de cortiça. Aqui se têem sentado muitas vezes os principes da sciencia, das lettras e das artes, honrando o obscuro e ultimo cenobita d'estas ruinas. E, seculos antes d'elles e de nós, ahi n'essa capellinha se reuniam tambem um grande rei e um grande capitão — D. João I e o seu condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Aqui vinha orar frequentemente o piedoso fundador do mosteiro. E em torno de nós, dentro e fóra do edificio, jazem mortos illustres. Por honra d'elles cultivo essas rosas e goivos, que além florecem. O grande poeta Antonio Ferreira; o jurisconsulto Manoel Alvares Pegas; os cosmographos-móres Luiz Serrão Pimentel e seu neto Manoel Pimentel; o auctor da *Corographia Portugueza*, padre Antonio Carvalho da Costa; Garcia Mendes de Castello Branco, primeiro conquistador de Angola; João de Guimarães, tão conhecido e celebrado como alfageme de Santarem,

a quem Garrett immortalisou sob os nomes de Fernão Vaz; João Gonçalves Velloso, talvez pae d'aquelle «Velloso amigo» de quem nos fallou Camões; Pedro Alvares de Camões, por ventura parente do poeta... ahi se enterraram todos, com outros muitos, não menos distinctos; e por este chão, tantos annos profanado de torpes immundicies, anda dispersa a poeira de seus ossos!...............
....

XIII

Ha um anno ainda não havia n'este recinto senão pedras, entulho, repugnante aspecto. O terreno parecia ter horror á verdura! Nem as hervas menos exigentes de nutrição e mais fortes contra os rigores atmosphericos vegetavam aqui! Hoje, porém, ufano-me de mostrar o meu jardimsinho, como exemplo do que podem a vontade e o trabalho persistente. As paredes estão cobertas de trepadeiras floridas; e no chão — preparado com longos e penosos sacrificios,—vivem e florecem admiravelmente

as plantas de todas as zonas. Um dos meus melhores amigos compraz-se em dizer, que eu fiz das pedras pão! É certo que para chegar a este resultado as minhas mãos caleijaram-se com o uso da enxada e o meu suor regou abundantemente as raizes de todos estes arbustos; mas que alegria póde comparar-se á que eu tive quando lhes descobri as primeiras flôres ou me sentei pela primeira vez á sombra das suas ramas?! N'esse momento não pensei nas fadigas e esforços que me custára cada uma das folhinhas que contribuiam para me abrigar, nem na agua, tão cara! que tinha sido precisa para as fazer desinvolver. Pensei unicamente, que se um homem, pobre e doente, pôde, com paciencia e tenacidade, transformar um monturo n'um jardim, como é que ha tanta gente com saude, cheia de necessidades?...

XIV

O leitor, para quem o amor das plantas não tenha attractivos, deve estar pouco contente commigo, e, provavelmente, imagina que me esqueci do titulo

da minha historia? Tenha paciencia; eu necessitava preparar a scena para depois dar entrada aos personagens. Agora, que chegámos ao logar onde viveram e morreram o cypreste e o pecegueiro, de que reza este conto, vou, sem mais delongas, referir os successos assombrosos de que foram matizadas as suas existencias.

XV

Apezar de pequeno, o meu jardim deu incommodos a muita gente; e foi começado com plantas vindas de muito longe. Da ilha de S. Miguel recebi, entre cincoenta ou sessenta variedades, quasi todas raras, um cypreste, que teria, quando muito, dez centimetros de altura e dois ou tres mezes de existencia. No vasinho para onde o transplantaram metteu-se uma estaquinha, que ao principio julguei ser de salgueiro, para lhe servir de apoio; e a ella amarraram o joven cypreste.

Quando o recebi, passei-o para o chão, conjunctamente com a varinha a que elle se amparava, e

tratei-o com os cuidados e affectos que merece a infancia. Passados mezes, o troncosinho-tutor rebentou e começou a crescer com uma força, que denunciava grandissimo apêgo á vida. O cypreste estendia horisontalmente as suas hastes frageis e delicadas, apoiando-se no encosto protector com a confiança do orphão, que encontra na ama que lhe deu a caridade official um pouco mais do que merece o ordenado — mesquinho e atrazado — das misericordias. Quando entre as suas raizes sentiu formigar as do seu arrimo, chamado á vida pela força da seiva, o tenro arbustinho tomou como um dever sagrado repartir com ellas a fresquidão da terra e o calor benefico do sol; afastou os seus raminhos para que o ar e a luz chegassem ao seu amigo, e deu-lhe generosamente metade da agua destinada por mim para sua alimentação.

Uma tarde, em que sobre uma pimenteira proxima cantava, baloiçando-se alegremente, uma toutinegra, os primeiros bafejos da primavera fizeram desabrochar umas poucas de folhas á estaquinha que amparava o cypreste. Este, com enthusiasmo infantil, e cheio de affectuoso reconhecimento, encarregou uma aragem, que lhe andava a brincar por

entre os ramos, de ir communicar a boa nova ás suas visinhas mais proximas, que eram uma justicia *carnea*, uma cunonia *capensis*, e uma yuca *filamentosa*.

As visinhas nem sequer fingiram alegria ao receber a noticia!

No dia immediato, e nos seguintes, succederam-se os rebentos na joven planta; ao fim de uma semana a sua especie revelava-se distinctamente até aos mais inexperientes.

Era um pecegueiro.

O seu amigo, todo jubilos, dançava-lhe o hymno a seu modo, bamboleando-se na haste, e esquecia-se de si para lhe ceder quasi inteira a sua ração de agua, adubo, ar e luz!

XVI

Decorreram dois mezes. Uma noite, estando eu sentado no meu banco de cortiça, deliciando-me com o murmurio da agua, que vinha da cascata para o tanquesinho, ouvi um ciciar proximo, que chamou a minha attenção.

Quem nunca viveu no meio dos bosques, nas solidões profundas, onde as mil vozes da natureza fallam á alma do homem, e conseguem fazer-se entender por ella, difficilmente acreditará que nenhum dos dialogos que se seguem é de minha invenção. Posso, todavia, affirmar, que a minha missão n'esta veridica historia é simplesmente a de chronista fiel e muitas vezes de tachygrapho.

Era o cypreste quem fallava e dizia assim, dirigindo-se á justicia:

— Ó visinha, as suas flôres estão lindas! Dou-lhe os parabens.

— Ora... o visinho sempre é muito amavel! — Respondeu modestamente a justicia. — Esta primeira florecencia tem-me custado muito! Não faz idéa!... Triste coisa é sahir a gente vegetal da sua terra e do abrigo dos seus parentes! Se eu estivesse na minha querida e formosa ilha de S. Miguel, no jardim do Botelho... Lembra-se? Na casa nova?... Veria as flôres que eu dava! Mas falta-me o clima temperado, a atmosphera humida e suave, que convem ás creaturas do meu temperamento!... Todos têem o seu tyranno! Eu tambem tive o meu! Arrancaram-me dos braços maternaes e enterra-

ram-me n'um vaso pequeno; metteram o vaso n'um caixote, o caixote n'um vapor, e vim, através dos mares, da distancia de duzentas e cincoenta legoas, parar á alfandega de Lisboa! O visinho sabe o que é a alfandega, porque foi meu companheiro de viagem. Empurrão d'aqui, sopapo d'ali, quédas, esmurradellas, pisaduras brutaes, olhos vasados... cheguei uma lastima! Quando me pozeram n'este chão estava quasi morta de calor e de sêde, enfrascada em agua salgada e alcatrão, *raspailisada*, poeirenta, a dar á casca! O dono d'este retiro tratou logo de mim, devo confessal-o; não me tem faltado regador nem sacho... Mas que se hade fazer aqui, ao pé d'estas paredes velhas, cheias de osgas nojentas? Dizem que isto são umas ruinas monumentaes e que têem lá dentro umas pedras roidas e uns sabios?... Eu sei cá se têem ou se não têem?! O que sei é que tenho suado para crear estes cachinhos, que nem de longe arremedam os esplendidos thyrsos que os meus irmãos devem ter a estas horas na nossa querida ilha. Oh! patria! Oh! saudade!

XVII

— Falle baixo, pelo amor de Deus, que me accorda o meu protector! Irra! — continuou o cypreste, em áparte — bem se vê que é do outro sexo! Falla pelos cotovellos! Que ella tem cotovellos como qualquer animal. O meu querido pecegueirinho está a socegar, coitado!... O' visinha — tornou em voz alta; — peço-lhe o favor de deitar lá para o outro lado os seus penachos, quando o vento lh'os saccudir; póde cahir alguma folha d'elles nos olhinhos do meu camarada, que ainda os tem muito tenrinhos, e esmagar-lh'os.

— Ai! pois não! Esteja descançado, que não lh'o quebro! — E rosnou em voz baixa. — Ora o toleirão! Sempre é bem fidalgo! Deixa estar que hasde ter bom pago, não tem duvida! E então pecegueiros! Eu tenho-os visto d'aquelles de se lhes tirar o chapéu!... A gente sempre ouve coisas! Ah! mundo, mundo!

— Não pense a visinha que estes meus cuidados são fingidos; não senhora. Devo tudo a este amigo.

Quando eu era pequenino foi elle quem me serviu de apoio; amparou-me até que as minhas raizes tivessem forças para me sustentarem...

— E elle cria agora as suas á custa do visinho?!

— É justo. Considero-me feliz, retribuindo-lhe o serviço que elle me fez outr'ora.

— Deus queira que não se arrependa! Tome sempre cautella, visinho! Tem-se visto protectores que devoram os protegidos! Eu sou muito nova, mas lembro-me de ouvir contar aos meus parentes coisas de metter medo! Desconfie d'essas creaturas vaidosas, que produzem fructos de que os homens gostam.

— Não m'o esteja a maltratar sem razão! O pêcego é uma bonita coisa! Recordo-me tambem de ter ouvido referir a meu pae, que vira, durante muitos annos, a alma de um defunto andar a carpir-se á roda do cemiterio, em busca de uma d'essas arvores, para matar saudades do fructo que mais amára em vida! O acaso fez com que na mesma cova em que tinham sepultado aquelle amador mettessem, mais tarde, um sujeito, que morrera engolindo um carôço de pêcego. O carôço grelou no buxo do defuncto e nasceu-lhe um pecegueiro na barriga.

XVIII

— Ora essa!

— É tal e qual como lhe digo. A arvore cresceu e deu fructos magnificos.

— Podéra! com tão fino adubo na raiz!

— Mas nunca ninguem lhe apanhava os pêcegos; e, comtudo, elles desappareciam!

— Muito me conta!

— O administrador do cemiterio, que não tinha escrupulos nem pieguices, dava urros com o roubo e accusava os coveiros; os coveiros, furiosos, juravam que estavam innocentes, mas davam-se a perros por não poderem provar a sua innocencia! Meu pae era a unica testemunha que sabia a verdade do caso; porém, meu pae era um velho prudente, o Nestor dos cyprestes, que desde mais de trezentos annos reformava a fevera com toicinho humano e não queria metter-se em intrigas com que arriscasse a casca, verdadeira côdea de defuncto.

— Que nojo! Cale-se ahi com essas historias, que me está causando engulhos e atacando os nervos!

— Ah! se a minha rica visinha provasse d'aquelle adubo, veria o que era medrar e florecer!

— O visinho já o provou?

— O acaso fez cahir a noz que me deu vida dentro do ouvido de uma mulher, enterrada á sombra de meu pae. Aquella creatura tinha sido citada como a mais formoza maravilha do seu tempo; porém, o seu craneo estava tão vazio de miôlo, que apenas me deu alimento para um dia! Felizmente consegui deitar uma raiz para o lado de fóra e encontrei logo uma riqueza de tecidos adiposos, que me consolou. A encantadora beldade tinha, como muitos homens grandes, a séde das suas faculdades no estomago. Era toda reconstruida com tassalhos de porco, e, vista de dentro para fóra, parecia mais um *paletot* de carne do que uma fórma humana! Eu começava a saborear as primeiras alegrias da infancia, quando me arrancaram d'essas delicias para me trazerem a este desterro!...

— E a historia dos pêcegos? Quem os comia, finalmente?

— A alma do tal, que andava á procura do pecegueiro.

— Ah!

—É verdade. Engolia-os com caróços e tudo; por isso não ficavam vestigios do furto.

XIX

N'este ponto foi interrompida a conversação por um bocêjo do pecegueiro, que accordava.

O cypreste inclinou-se para elle e afagou-o, aproveitando-se de um sopro de vento que o auxiliava. A justicia sorriu-se e disse comsigo:

— Estás arranjado! Eu cá, com pecegueiros não quero nada.

O cypreste, que até alli se desinvolvera rapidamente, suspendeu de repente o crescimento; os seus tenros raminhos descahiram em pouco e perderam o viço e frescor, que primitivamente ostentaram.

O pecegueiro, pelo contrario, crescia com rapidez; tomou o dobro da altura do cypreste; cobriu-se de ramos e folhas, e em logar de protegido achou-se segunda vez na posição de protector! Não era já a estaquinha modesta, prestando apôio a outro arbustinho; nem tão pouco a plantasinha de olhos

tenros e frageis raminhos, que carecia encostar-se ao seu joven amigo e pedir-lhe metade da propria existencia para adquirir forças. Tornára-se vigoroso arbusto, arvore quasi, direito, alto, de aspecto insolente, que ameaçava esmagar sob a sua folhagem compacta o humilde cypreste a quem devia a vida!

O protector devorava o protegido, como a justicia prognosticára.

Todos os visinhos vegetaes murmuravam da soberba e insolencia do *parvenú*, que á custa d'elles ia medrando, ao passo que os fazia emagrecer e definhar, roubando-lhes o ar e a luz. Com as raizes sugava-lhes os succos da terra e estrangulava-lhes as d'elles; com os ramos, tirava-lhes a respiração!

Eu ouvia as queixas dos opprimidos, que achava justas, mas não me atrevia a tomar nenhuma resolução. Amo as flores... e sabia que teria de perder algumas das minhas melhores plantas, por causa do pecegueiro; mas não detesto os pêcegos... e abstinha-me de intervir. O infeliz cypreste, que passára, muito primeiro que as suas visinhas, á posição de victima, era atormentado quotidianamente com as recriminações e insultos das que o tinham advertido.

XX

— Eu preveni-o com tempo — lhe dizia a justicia n'uma noite de luar. — Se vossê não fosse um asno, teria esganado esse patife em quanto tinha mais forças do que elle; agora, pegue-lhe com trapos quentes! E o peior é que todos nós temos de pagar com a vida as suas asneiras!

— Ainda a visinha, póde espirrar com os seus cachos lá pelo lado da parede! — Dizia a cunonia *capensis* á justicia. — Porém eu, que sou tão pequenina, aqui morro asfixiada pelo monstro!

— E eu? — Accudiu a yuca *filamentosa* — que não posso viver senão desaffrontada? Esse cachorro d'esse cypreste precisava uma licão mestra!

— Ainda mais do que estou tendo?! — Perguntou o miseravel arbusto, quasi morto de fraqueza. — Pago com a vida a minha confiança e generosidade e ainda as senhoras visinhas acham pouco?

— Morresse vossê, que o levasse a bréca! Mas não desgraçasse os outros! — Berrou a justicia,

fazendo-se vermelha de raiva. — Nós não temos culpa de vossê ser tolo.

— Eu procedia com boas intenções — replicou humildemente o cypreste. — Sabia lá, que se pagavam assim os beneficios!

— Olhem o parvalhão! — tornou a outra. — D'onde virá elle com tamanha innocencia?! Já ouviu alguem gabar-se de não ter levado coice d'aquelles a quem fez bem? Não fallo só cá pelas do meu sexo, que se agatanham physica e moralmente até por causa de uma flor mais ou menos fanada ou por amor de uma folha cahida; mas lá os do seu, que se téem em grande conta e se andam sempre a gabar uns aos outros em voz alta e a morderem-se em voz baixa!... São peiores do que os cães, quando alguem lhes faz obsequios!...

—Não diga isso, creatura de Deus! Apre! Sempre tem uma linguasinha!

— Porque digo as verdades?! Quer que lhe abra ao acaso a historia? Não a tenho aqui... E a lição seria inteiramente perdida. Resta-nos pouco tempo para viver a todos; dentro de breves dias teremos que pagar o ultimo tributo a esse ingrato, que ahi cresceu á sombra do seu beneficio, dizen-

do-lhe: « Salve, pecegueiro! os que vão morrer, saudam-te! »

— Nada peza tanto como o favor recebido; aquelle a quem se faz bem é um inimigo que se adquire. — Disse sentenciosamenie a cunonia.

— Forte novidade! — observou no mesmo tom a yuca; — os amigos não são senão inimigos domesticados.

— Agora é tarde para reparar a minha falta — volveu melancolicamente o cypreste; — o sol não allumiará por muitos dias os meus palidos ramos; já não ha orvalhos de noites serenas, nem lagrimas de frescas madrugadas, que apaguem a sede ardente que me devora! Os meus momentos estão contados: mas, como foi por fazer bem que perco a vida, Deus sentenceará entre mim e o meu assassino. A Justiça Divina alcança todos e é para tudo.

— Credo! — murmurou a justicia. — Estou-me a internecer com o que elle diz!

E, aproveitando uma lufada de vento, curvou-se e foi limpar um olho na borda do tanque

XXI

O pecegueiro tinha accordado havia minutos, porém fingia dormir ainda para ouvir a conversação. Vendo que todos se calavam, saccudiu-se violentamente e rosnou com visivel mau humor:

— A ignorancia é atrevida!

— Accordou o tratante! — disse em voz alta a yuca.

— Tratante?! Veja lá como falla!

— Que maior prova quer da sua má indole do que a de ter sugado a vida d'esse mesquinho tolo? — lhe retorquiu a yuca. — E ainda mais: não nos está roubando desaforadamente a luz e o ar com os seus ramalhões? Mas que admira, se priva da existencia quem lhe deu a sua!

— Podia dispensar-me de responder á sua chôcha tagarellice — tornou gravemente o interpellado; — mas o respeito que deve a si proprio todo o pecegueiro honesto, obriga-me a esclarecel-a.

— Pois esclareça, faça-me essa graça. — Volveu ironicamente a outra.

— Em primeiro logar — disse o pecegueiro — só a Deus devo a vida...

— É verdade — murmurou a justicia; — mas se não o ajudassem, desde muito que tinha espichado.

— Ou espicharia ou não — respondeu elle. — Se depois de Deus devo favores a alguma creatura é a esse pobre diabo, que ahi está sentado ao pé do tanque; limpa-me todos os dias de formigas e piolhos. e estafa se a regar-me, sem saber ainda se me comerá os fructos!

—Pois sim; mas vossê não póde negar que viveu á custa da ração do pobre cypreste; e agora deixa-o morrer!

— Quem o manda ser asno?!

—Ainda em cima! — disse o cypreste.—Depois de quéda, coice!

— Elle ignora — continuou o pecegueiro — que o Creador, dando a todos os entes creados a terra, esta mãe commum, *terra mater*, (desculpem este bocado de latim, que eu apanhei a um homem que não o sabia) disse a cada um de per si: «Trabalha que eu te ajudarei.»

— E que faz vossê? Em que se occupa? — Interrogou muito azeda a cunonia.

— Que faço ?! Lavro com as minhas raizes o chão onde me collocam; procuro, no seio materno, os veios humidos e os succos nutritivos, que me dão vida e força; sondo as profundezas da terra em busca dos segredos que renovam e augmentam a seiva, preparando-me dia e noite para os mysterios augustos da florescencia e da fructificação.

— Charlatão! — rosnou a yuca.

— Intrujão! — secundou a justicia.

XXII

O pecegueiro proseguiu com enthusiasmo:

— Trabalho, para consummar os destinos que Deus impôz a todos os viventes; tento ser util e corresponder á confiança do homem, que me cultiva, pagando-lhe com fructos deliciosos as suas fadigas e cuidados. O cypreste é uma planta inutil e esteril!...

— Sacrilego! — clamou indignada a sua victima.

— Não juntes á ingratidão a calumnia. Tenho soffrido até hoje as tuas extorsões e vilanias e re-

signava-me a morrer em silencio... Visto, porém, que insultas a minha especie, não quero nem devo succumbir sem protestar primeiro, perante o céo e a terra, contra as tuas asserções mentirosas. O cypreste é a arvore de eleição, a cuja sombra piedosa se acolhem os mortos. O homem, o mais perfeito de todos os sêres creados, o unico a quem Deus concedeu o poder de alterar as fórmas das plantas, corrigindo a obra divina, consagrou o cypreste, desde o Paraizo, ao amor e á saudade dos que amou e perdeu.... e não ousou nunca talhar-nos os ramos, como faz ás outras arvores! Isto prova, que na opinião d'elle só a minha especie sahira perfeita das mãos do Eterno, e que todas as outras precisam emendadas e melhoradas pela tesoura da sabedoria humana! Em toda a parte onde eu existo o chão é sagrado; as almas dos que passam comprazem-se em vir, quando Deus lh'o permitte, colher entre os meus ramos orvalhados de lagrimas celestes as preces dos que ficam. Com o acre cheiro das minhas folhas preservo os vivos da peste, que sem a minha intervenção lhes causariam os corpos corrompidos. Alongo-me para o céo, na attitude humilde da sup-

plica, offerecendo a minha fronte ao raio, para que a colera Divina poupe os que repouzam protegidos por minha verde coma. Sentinella da campa, vélo pelos que dormem o ultimo somno e advirto os que me contemplam de longe para que se não esqueçam de orar em quanto não adormecem !... Assim como a fórma dos meus ramos, na opinião dos antigos póvos, symbolisava, pela sua egualdade, a regularidade que deve haver na distribuição da justiça terrestre, a minha madeira, mais incorruptivel do que a do cedro, attesta, que me não póde ser comparada nenhuma outra arvore e muito menos d'essas que pertendem fazer ostentação de qualidades que não possuem !...

XXIII

— Cala-te, propheta de infausto agoiro ! — rugiu o pecegueiro. — A paciencia vegetal tem limites e a minha esgotou-se inteiramente. Desejo-te, porém, que vivas ainda algum tempo, afim de assistires aos meus gloriosos triumphos. Sinto já palpitar em

meus turgidos gommos o embryão das flores com que a primavera me vae cobrir de gallas! Espera, que o teu miseravel orgulho será punido com o apparatoso espectaculo da minha fructificação. Tu verás como o homem apprecia as creaturas da minha especie, e como adora os meus fructos deliciosos e formosissimos!...

—Que tu produzes, forçado pela podôa, que te corta os ramos, vaidoso parlapatão! Se te deixassem á vontade, tornavas-te ao que primitivamente foste: planta silvestre, sem utilidade nem belleza. Só o cypreste foi sempre cypreste, sem necessidade de que o ferro profanasse jámais os seus virgineos ramos!

— O homem fez-me comprehender, que eu podia ser-lhe util, tornar-me agradavel aos olhos do meu Creador, ostentando as minhas flores e fructos no meio do grandioso espectaculo da natureza; se eu fôra funesto ou estéril, como alguns que conheço, recusava-me; porém os pecegueiros são doceis e gostam de desempenhar o papel que lhes coube na obra immensa da creação. Dobrei sem sacrificio os meus ramos inuteis sob o cutello, para tornar os outros mais fortes, productivos e fecundos! As-

sim provei, que se póde servir a Deus e fazer a vontade aos homens...

—Empanzinando-os de fructos indigestos e creando-lhes doenças de estomago, que zombam da sciencia e encurtam a vida?!

—Não; o pêcego da minha qualidade é um pômo suave, roseo, aveludado, que lisongeia a vista, o olphato e o paladar, e que tempéra e corrige os estomagos delicados. Todo o abuso é mau; quem fôr alarve, tanto estoira com os manjares finos como com os grosseiros. Mas isto são questões de alta philosophia, em que não podem entrar os brutos cevados com toicinho de defuncto.

—Não me insulte!

—Já não estou para lhe dar mais corda! Vossê não está á altura d'estas discussões. Vá para o cemiterio lamuriar com os seus similhantes; e tire-se immediatamente de cima das minhas raizes, que m'as está a sujar com unto humano.

—Insolente!

—Nada de palavrões! Arvore de mau agoiro, que uma vez cortada não tornas a rebentar, nem a produzir ramos, nem pimpolhos! Foste, por isso, consagrada aos mortos que tambem não voltam,

uma vez partidos d'este mundo; e, se alguma coisa com verdade symbolisas é a ausencia de toda a esperança!

Lasciate ogni speranza...

Perdoem tambem este pedaço de italiano, apanhado a outro sugeito, que o repetia sem o entender. Vae-te, cypreste luctuoso! Some-te com o teu verde sinistro para a morada da solidão e do horror! O teu logar não é aqui, entre plantas alegres, nascidas para jubilo da naturesa e que o teu aspecto lugubre impede de sorrirem e florescerem! Ellas amam, como eu, o esplendor do sol, o murmurar do vento, as perolas formadas pelo orvalho matutino, os insectos com azas de diamante, o canto das aves que saudam o dia e o zumbido das abelhas que pedem ás nossas flores aromas para os seus fávos! Tu não tens flores, nem risos, nem coisa que alegre os olhos; a tua presença nefasta intristece quantos te contemplam! Vae-te, pois, sáe de entre nós para sempre, oh! funebre conviva, que perturbas a nossa existencia!

XXIV

— Bravo! bravo! Fallou bem!

— Muito bem! Apoiado!

— Fóra o cypreste! Fóra! Fóra! — repetiam com enthusiasmo todas as visinhas, que tinham ouvido o pecegueiro.

— Que oiço?! — exclamou o infeliz cypreste, aterrado. — A justicia, a cunoñia, a yuca, o tecoma, o hibiscus, o metrosideros... todos contra mim! Até as que ainda ha pouco o accusavam de lhes roubar o ar e a luz!...

— Fóra! Fóra! Vae para o cemiterio!

— Oh! passaram do lado do fraco para o do forte, do opprimido para o oppressor, porque acham este rico e poderoso!... É uma triste imitação, uma copia servil das miserias humanas! Escutae-me, pobres miseraveis: elle matar-vos-ha tambem...

— Basta! Fóra! fóra! Mata! mata! mata o patife, que insultou o illustre pecegueiro!

— Infames sevandijas!

— Afoguem-n'o! — gritou a justicia. — Aprovei-

tem o vento, que começa a soprar forte, e caiam-lhe todos em cima.

—Vamos a elle! Esganemol-o!

—Vá! todos á uma!

— Mata!

— Esfola!

— Espicha!

E as plantas enfurecidas, curvando-se a um tempo sobre o misero cypreste, partiram lhe todos os ramos, deixando-lhe apenas a haste principal! Quando pela segunda vez voltàvam á carga, o pecegueiro, que era o maior, cahindo por cima dos outros, esmagou tambem a maioria dos seus auxiliares, que gemeram dolorosamente casando os seus ais com as vozes da ventania. A yuca perdeu o olho; a cunonia ficou chata como um bôlo; e a justicia, partida ao meio, largou os tres magnificos thyrsos, que momentos antes a adornavam!

O cypreste presenciou ainda esses desastres; e, momentos antes de expirar, fez um supremo esforço e bradou:

—Aprendei, miseraveis! Essa é sempre a sorte dos que servem a tyrannia e se fazem instrumentos dos poderosos da terra!

XXV

Apóz o cypreste, morreram as suas visinhas, asfixiadas pelo illustre pecegueiro, como ellas, por adulação, o tinham qualificado. Em torno d'este succumbiram egualmente todas as outras plantas miudas, deixando-o inteiramente senhor do terreno. E elle, vendo-se á vontade, deitou ramos soberbos e cubriu-se de flores, que produziram quinze pêcegos magnificos! Mas as formigas tinham-lhe declarado crua guerra, desde que lhe nasceram os primeiros rebentos! Emquanto nas proximidades vegetavam outros arbustos, distrahiam-se os terriveis insectos com elles; porém, apenas o viram só, como se representassem a vindicta dos mortos, assaltaram o orgulhoso pecegueiro com o mais poderoso exercito que jámais se viu em jardins ou pomares! Eu, que por amor d'elle tinha perdido tantas plantas estimadas, empenhei-me na lucta e, durante mezes, bati-me a pé firme com o temeroso formigueiro. Alcatrão, azeite, cinza, potassa, as receitas

caseiras e as que aconselham os livros, tudo foi inutil!

Consegui que os fructos chegassem ao termo do seu maior crescimento; porém, antes de amadurecerem, a arvore amarellou de repente, alongou os ramos como se lhe faltasse o ar e a luz, perdeu a força vegetativa e succumbiu em tres dias a uma phtisica fulminante! Quando entrei no jardim e vi os quinze pêcegos, cheios de rugas, pendendo melancholicamente dos ramos estiolados, lembrei-me do cypreste... e pensei se seria temeridade accreditar, que fosse a justiça Divina quem puniu com a morte o orgulho da arvore fructifera?!

Escaparão ao castigo os actos de violencia, praticados por individuos não pertencentes á especie humana? O tigre, que devora o cordeiro; o cetaceo, que aniquilla milhares de sêres de ordem inferior á sua; o collosso vegetal, que atrophia o tenro arbusto — viverão e morrerão impunes? Não têem a consciencia dos seus actos? Não pensam, não raciocinam?... Quem sabe?! Os irracionaes vingam-se, estudando tão bem como o homem o momento mais opportuno para a vingança; as plantas sabem procurar a luz e o ar; e algumas descem com as

suas raizes a profundidades extraordinarias, em busca da nutrição; outras, as trepadeiras, *vêem* de longe o apoio a que *desejam* agarrar-se e se se pretende forçal-as a enroscarem-se em sentido contrario á sua natureza, voltam a traz e sóbem, não como o homem quer, mas como ellas entendem que lhes convém para se segurarem melhor!

Estas considerações levariam muito longe, por um caminho arriscado e talvez imprudente. A verdade da minha historia é que o pecegueiro morreu depois de matar o cypreste, que o alimentára a elle em pequeno; e a moralidade consiste em que *ninguem faça mal á conta de que lhe venha bem.*

O
PHANTASMA
DO LAGO

POR

SOUSA VITERBO

O PHANTASMA DO LAGO

I

A historia da edade media lê-se ainda perfeitamente nas ruinas dos castellos e nos claustros sombrios das cathedraes.

A lucta e a meditação! O castello symbolisa a força, é a imagem conjuncta do escravo e do senhor; cimentou-se com o sangue dos miseraveis e opulentou-se com as alegrias dos fidalgos; encheu se de crimes e de festas: cada janella ogival era um olho de Caim a espreitar a Providencia. A cathedral preparava o espirito para o resgate. O povo que se ajoelhava sob as naves silenciosas enchia-se de fé, e perguntava á imagem do Christo se a aurora da redempção não brilharia de novo, se a luz da liberdade não faiscaria da sua corôa de espinhos, se os commentadores e interpretes do Evangelho seriam unicamente os padres do concilio, os

bispos de montante e capacete de ferro, os sacerdotes pantagruelicos das abbadias senhoriaes e os monges ascetas dos conventos das serranias.

A cathedral é o poema da dedicação, o castello é o poema do egoismo. O castello tem os subterraneos; incommoda-o a luz: a cathedral tem as flechas; adora o sol que as doura.

A cathedral é inspiradora e inspirada. Debaixo das suas abobedas rendilhadas está a cisterna da arte. A architectura fez as cathedraes, como a natureza animal fez o mastodonte, como a natureza vegetal fez a figueira da India. Os homens passam nas suas caravannas ou nas suas hostes bellicas, as migrações succedem-se, as raças destroem-se pisando-se mutuamente as ossadas, mas os collossos permanecem. A cathedral é eterna, porque representa o supremo esforço da intelligencia artistica. Embora mutilada, embora em destroços como os templos de Palmira, ella dirá nos seus pedaços de marmore roseteados a exuberancia da imaginação que a concebeu, como o dente do elephante primitivo fez com que os naturalistas recompozessem os seres gigantescos da edade de pedra.

A cathedral tem o côro, tem as litanias canta-

das na voz fresca das mulheres, tem o murmurio das orações piedosas; o castello tem os alaridos de guerra, os gemidos dos encarcerados, o som rouco dos gonzos e das cadeias e o estridor das cornetas de caça. Completam-se as duas construcções; ambas são duas sombras, a sombra do bello e a sombra do terrivel; são os dous cantos extremos da comedia dantesca: o Inferno e o Paraizo.

No entanto o castello tambem tinha as suas alvoradas, o seu regurgitar de luz, o seu dia de banquete, as suas flores brotando mysteriosamente por entre as seteiras, as suas alegrias caracteristicas. O burguez e o servo viam lá dentro o despotismo vestido de sedas roçagantes e coberto de pedrarias; tremiam diante do Senhor como diante do carrasco; meditavam a vingança e amassavam em cholera o coração dos filhos, mas ao mesmo tempo o trovador suspirava languidamente debaixo dos balcões, em noites perfumadas, e annunciava a egualdade por meio das leis universaes do amor.

Por vezes, no silencio lugubre que reinava nos valles dominados pelo castello, ouvia-se um som plangente, que se prolongava horas e horas, tendo por unica resposta os ecos medonhos das grutas.

Era o clarim dos combatentes que chamavam os seus companheiros, mas elles tinham perdido a batalha e jaziam pisados debaixo dos corceis indomitos do inimigo. E o som do clarim ia esmorecendo, e o castello perdia-se nas sombras da noite, e os rios murmuravam tenebrosos, e as ramarias psalmodeavam, e os lobis-homens corriam tresloucados no seu fadario, soltando uns uivos despedaçadores, e só os insectos não se apavoravam das trevas.

Outras vezes ouvia-se a musica doida, os ruidos do prazer, as poesias dos jograes, as melodiosas palavras das fidalgas, a linguagem suspirosa da mocidade dourada. Era o senhor que voltava da Palestina e trazia um punhado de terra do sepulchro de Christo. Tilintavam as espadas e faiscavam os olhos. Estava estendida a meza e os vinhos purpureavam as taças. Um raio de luar illuminava o seio das princezas de quinze annos. Respirava-se a felicidade e desfolhava-se a mãos cheias a alegria sobre a cabeça altiva dos pagens louros.

No meio d'esse drama de volupias, um unico personagem tinha a consciencia do espectaculo, que representava, e ao qual assistia ao mesmo tempo. Era o bobo, o anão, que tinha para cada risada

um sarcasmo, que afiava a satyra chocarreira, que não chorava, mas que mordia com as suas palavras, que lambia os pratos como o cão, mas que apontava para a testa dos fidalgos, como quem denuncia um criminoso.

E todavia o castello tinha o quer que fosse do palacio encantado; era uma vivenda de fadas na encosta da montanha. O povo das charnecas via aquelle fulgor lá em cima como se fôra um incendio miraculoso e enchia-se de profunda tristeza, porque á luz d'aquelles concertos avultava mais sinistra a miseria das suas cabanas. As paredes do castello eram negras, mas occultavam como o silex a luz. As cabanas nem sequer tinham fogo no lar, porque para obter a lenha era necessario ser-se ladrão, porque tudo o que a natureza creara era do senhor feudal, e o pobre só devia ter a obediencia cega, os braços para o trabalho, e a intelligencia para a bestialidade obediente.

Em competencia aos saraus dos nobres, o povo tinha os seus sabbaths, as suas noites de regosijo infernal, na floresta negra, á beira dos grandes rochedos cobertos de musgo. A orgia democratica e a orgia do proletario! a choreia dos sylphos e a

dança das bruxas! a bacchanal d'uma sociedade, que se havia de perder nas ruinas dos castellos, e os mysterios d'uma sociedade, que tinha esboçados no seu espirito os lineamentos do progresso; á similhança das imagens gravadas nos ossos das rennas pelos contemporaneos do urso das cavernas! O servo, o desherdado da fortuna, o escravo, o pária, tinha o instincto da sua grandeza; sabia que havia de formar o moderno mundo social, assim como os foraminiferos, os infinitamente pequenos da entomologia, tinham formado as montanhas. A escada de Jacob é um symbolo das classes, que tiveram á beira do berço a madrasta em vez de mãe. O miseravel subiu ao apice da piramide: o seu olhar dominará absoluto!

II

O castello de *** era uma pequena ilha granitica convertida em fortaleza. Circumdava-o um lago, cujas margens eram abastecidas de florestas, que se estendiam a perder de vista. A floresta era triste, uns pinheiraes bravios, mas o lago era risonho;

aguas transparentes e azuladas, onde se desenhavam as torres melancholicamente. O castello tinha a natureza selvatica da floresta. Em noites de tempestade, era um demonio coroado de raios.

Não se sabia quem o havia edificado. Corria a lenda de que um dia apparecera como por encanto acima da superficie das aguas. Fôra o proprio rochedo que se alteara, modelando, por uma força mysteriosa, as barbacãs, as ameias, as torres. Era uma obra anonyma, diabolica; como que tinha os alicerces em communicação com o inferno.

Tudo era singelo e rude n'aquelle edificio. Se o demonio foi o architecto, já tinha de certo consumido os primores da sua phantasia no aqueducto de Segovia ou na cathedral de Colonia. Nenhuma rendilhagem delicada; sempre a severidade da linha recta, sempre o granito aspero e negro, inflorado apenas por algumas parietarias.

Uma ponte d'um só arco ligava o castello com a terra firme no mais estreito do lago. A agua rumorejava uns indifinidos queixumes nas pilastras. Alguns salgueiros pendiam n'aquelle sitio e augmentavam com a sua ramaria os murmurios plangentes.

Antigamente, o lagedo da ponte estropeava sob

as patas dos corceis que marchavam para as algaras ou para as monterias. Na actualidade, eram raros os peões que a atravessavam. O que fôra uma especie de covil de feras convertera-se n'um simulacro de Thebaida. Não se ouvia o bater das espadas nos sombrios corredores, e as lanças jaziam enferrujadas na sala d'armas.

Enviuvara o senhor do castello. Tinha vinte e cinco annos a flor que lhe arrancaram do seu dorido peito. Era uma esplendida mulher com todos os encantos da mocidade, que nem a morte fizera empallidecer. Morrera, quando as suas pomas se preparavam para a segunda maternidade. Não quiz o destino que deixasse uma irmãsinha á pequerrucha que tanto idolatrava. Como ella se doia quando avultava a seus olhos moribundos o quadro da rosea orphandade, o quadro do lucto infantil!

O barão tinha trinta e tres annos. Fôra audacioso, d'uma temeridade brilhante. Conquistara o sorriso das mulheres em todos os torneios. Era d'uma valentia adoravel, mixto de guerreiro e de poeta, disperdiçador de affectos, repartindo o amor da mesma maneira que repartia golpes no mais ardente do combate.

Depois da morte da mulher, a sua cabeça era uma especie de sepulchro povoado de phantasmas. Todas as recordações da mocidade passavam de quando a quando por diante do seu espirito inquieto, como um oceano dourado, mas depressa a tempestade surgia medonha e as ondas rutilantes desciam ao abysmo depois de se terem despedaçado nos rochedos da saudade. De que lhe serviam as tradicções de um passado venturoso, se a felicidade se não podia reproduzir no seu futuro, se o sol que lhe tinha coberto de esplendores o coração se havia apagado para nunca mais resurgir, se a voz harmoniosa que o embalara se tinha perdido n'um mundo completamente ignoto? Podia-se dizer que tinha egualmente morrido. Não era a estatua da dôr, era a estatua do esquecimento.

E todavia a natureza não lhe fôra tão madrasta. Era um ingrato! Quantos ahi ha que vivem ricos na pobreza de um só affecto! Quantas mães vêem em volta de si a noite perpetua e se rejubilam no olhar de uma creancinha, unico despojo do naufragio que tudo lhes roubou?

E elle tinha calor que lhe podia dar alma nova sob as cortinas assetinadas de um berço! O anjo

da consolação era um anjo de tristeza. A filhinha ia crescendo, chorava de encontro ao seu rosto macillento e procurava acaricial-o com as mãosinhas côr de rosa. O velho — elle envelhecia de hora para hora — dir-se-hia ter medo da infancia. Passava dia e noite junto ao berço, mas não sabia chegar aos labios o vaso da consolação. Era uma arvore que tivesse o calor na raiz sem o poder espalhar pelo tronco e pelas ramarias.

Definhava-se aquella existencia tão combatida de magoas e dentro em breve não seria mais que o torrão que se esboroa na mão de quem o aperta. Elle sentia perfeitamente o cair dos ultimos grãos na ampulheta da vida, e como que convidava a morte com um sorriso de esperança. Ia descer ao mesmo sepulchro da esposa, convertido em leito d'amores ; ia gosar o noivado mysterioso dos mortos. Era para saborear-se a dôr dos ultimos momentos !

Chegara o dia fatal. Havia um antigo criado na casa, Fernando, o escudeiro, em quem o fidalgo depositava a maxima confiança. Não era servo, era amigo, era irmão. Mandou-o chamar na hora extrema e fallou-lhe d'esta maneira :

«Fernando, entrego-t'a, como quem deposita o mais precioso thesouro na mão do mais precioso amigo. É um encargo pesado, bem sei; contrahiu o meu nome uma grande divida de gratidão para comtigo, mas bem deves conhecer quanto se estima a confiança dos fidalgos da minha raça. Que te posso eu legar senão a tutella de minha filha?

«Acaricia-a tu que és bondoso e tens um coração preparado para as grandes afflicções. Como se tratam os lyrios? Pergunta escusada... Tu serás toda a sua familia para ella, tu só! És a providencia que a guarda. Se as serpentes se lhe enroscarem debaixo dos pés, tu sabes como se afogam as serpentes.

«Ha na nossa familia uma reliquia religiosamente phantastica, que se transmitte de mãe a filha, que nem que fôra o nosso brazão. É uma cruz negra pendente de um fio de perolas. A minha avó contava-me repetidas vezes, quando ainda era creança, nas noites do inverno, a lenda d'essa cruz negra e eu entrelembro-me que tinha medo. De quê? Não sei bem.

«Ella está ahi guardada n'esse armario, n'um cofresinho de madreperola. Dá-me o cofre, que te

quero ensinar a abrir a chave de segredo. Vês? Ahi tens a chave. Quando Elisa completar doze annos, lançar-lh'a-has ao pescoço. É essa a edade fatidica. Recommenda a minha filha, mas recommenda-lh'o ardentemente, que nunca a deixe perder, que nunca a deixe cair. O dia em que isso acontecesse seria um dia de lucto. Tu estás certo do que succedeu a Beatriz no dia em que estavamos á sombra dos laranjaes, respirando os perfumes da primavera. Quiz apanhar uma flôr, ergueu o braço mas não a alcançava. Saltou graciosamente; os ramos estremeceram, um d'elles roçou levemente pelo collo, prendeu-se-lhe na gargantilha e a cruz negra caiu sobre a herva. Tu sabes o resto.»

O fidalgo caíra desfallecido. O cofre resvalara-lhe das mãos gelidas. As arterias quasi que não batiam. D'ahi a algum tempo entrava no castello a clerezia de um mosteiro proximo e ouvia-se o psalmodear monotono do canto gregoriano. Elisa, a filha do barão, completava cinco annos no dia em o pae emmudecera de vez. Que invejavel anniversario! Fernando, como lhe tinha recommendado o fidalgo, preparava-se para ser a providencia d'aquelle anjo.

III

Elisa crescera com o esmero de todas as graças, mas via-se que esmorecia n'ella o typo das mulheres varonis, que povoaram desde todos os tempos o castello. Não era a caçadora intrepida; não se perdia no escuro das florestas, nem galgava vertiginosamente, montada no seu cavallo castanho, os abysmos cavados nas penedias do monte. Tinha o espirito meigo, e o corpo, como o espirito, flexivel. Não comprehendia bem o que fosse a pobresa, mas chorava ao vêr as creancinhas nuas á roda de si quando as encontrava no caminho do mosteiro, onde ás vezes ia ouvir missa.

Ella não sabia bem egualmente o que era mocidade, mas soffria já da melancholia intraduzivel das almas pensativas e apaixonadas. Fernando procurava aliviar-lhe as tristezas, mas a sua linguagem, apezar de muito affectuosa, não era nem podia ser o natural lenitivo. Quem se atreve a consolar com palavras o rouxinol que está preso, que presente a primavera, e que não póde voar para o céo embalsamado?

Amar! Amará ella? dizia de si para si Fernando, ao lembrar-se de que tinha quinze annos a sua gentil tutellada. Como? se ella não via senão as suas feições pallidas no espelho, o rosto sereno mas severo de Fernando, as nedias faces dos rotundos frades do mosteiro visinho, fundação de seus antigos avós, e as caras tostadas e selvagens dos cabaneiros da floresta! Pode-se conhecer o marmore mas nem por isso se póde fazer idéa do que é a Venus de Milo ou o Appollo de Belvedere.

Fernando era um homem de saber, que tinha passado os primeiros annos da vida a serviço de um alchimista. Fôra portanto o habil perceptor de Elisa. Ensinara-lhe os principios das sciencias e alguns dos grandes mysterios da natureza. Os segredos da alchimia, vagamente introduzidos no espirito de Elisa, deram-lhe o que quer que fosse de alucinamento, e d'ahi provinham as suas concentrações, os seus extasis, os seus monologos, sombrios ás vezes como os de Hamlet, risonhos outras vezes como os de um poeta orientalista.

A livraria do castello continha apenas alguns tratados de Alberto o Grande, umas *Actas dos Apostolos* e uma chronica de cavallarias, um poema

talvez do Graal ou da Tavola redonda. Era este o livro que enchia algumas das longas horas de tedio de Elisa. O manuscripto era enriquecido de illiminuras, que representavam combates e scenas de amor. A vida aventurosa do heroe fascinava-a; sobresaltava-se com os seus perigos e rejubilava com o exito das suas emprezas. Nas paginas illustradas do livro não havia debuxado o vulto do aventureiro, mas ella desenhava na sua mente uma figura ao mesmo tempo deslumbrante e scismadora, filha da sua imaginação phantastica, modelada apenas por alguns traços da narrativa.

Fernando, muitas vezes, era quem lia. Ella interrogava-o sobre diversas passagens e discutia alguns pontos obscuros. O escudeiro tinha gosto em apresentar a erudição que aprendera do alchimista. Ha ainda hoje representantes do illustre criado.

Estava-se á leitura. Era uma noite de inverno, tempestuosa, desabridamente tempestuosa. Como é doce a leitura no aconchego do lar! A natureza enfurecida torna-se em musica; os pensamentos do livro como que se casam com a orchestra da tempestade. Os ventos passam como um côro de

feiticeiras e a chuva, batendo nas janellas, pergunta-nos se estamos voluptuosamente reclinados na nossa amiga poltrona.

De repente ouviu-se um aldrabar violento á porta do castello. A criadagem sobresaltada inquiriu das seteiras quem batia. Era um viajante que pedia abrigo por aquella noite. A porta abriu-se sem delongas.

O desconhecido representava cincoenta annos, era d'uma vigorosa musculatura, mas notava-se desde logo que as escabrosidades da vida lhe tinham avincado demasiadamente o rosto. A tempestade ensopara-lhe o amplo capote, e das barbas longas e nevadas resvalavam os pingos da chuva.

— Quasi cheguei a ter medo da noite! exclamava elle, tiritando de frio. O meu cavallo é que estava deveras assustado. Dir-se-hia que lhe passavam rente os lobos, cujo uivar medonho se ouvia ao longe nos recessos da floresta. Meu pobre Orpheu, como eu tinha pena d'elle!

Fernando descera a tomar cuidado do viajante. A hospitalidade era proverbial no castello. No tempo das cruzadas eram numerosos os peregrinos que ali se vinham abrigar de volta da Terra Santa. De

dia o castello era negro, soturno, ameaçador; mas de noite, no meio d'aquella natureza selvagem, com a sua mudez no meio do rugir dos pinheiraes, tinha alguma cousa de similhante com o pharol. Ficava sempre uma janella illuminada. Era o ciclope com o seu olho a destacar-se fulgurante nas trevas. Era um amigo sinistro, mas sempre era um amigo.

IV

Estava posta a ceia. A meza em noites de tempestade é o verdadeiro aconchego, é a verdadeira alegria. No casebre do pobre, é horrivel o quadro, quando se espreita pelas fendas da porta arruinada e se vê o repartir do pão negro pelos filhos esfomeados. Então a ceia é uma revelação da miseria, é um enganar a fome e não um regalo do paladar. Mas n'uma sala esplendente de luzes, com a atmosphera suavemente aquecida, o tilintar das porcellanas e dos cristaes, o vaporar lento das caçarolas perfumadas, as taças coloridas pelos vinhos e pelos licores, tudo isto é melodia, tudo isto é preparar a alma para os gozos do paraiso.

A sala da ceia tinha um outro aspecto n'aquella

noite. De ordinario, os convivas eram tres; Elisa, Fernando e uma velha aia, uma pobre e supersticiosa mulher, que se sentia remoçar quando fitava os seus olhos amortecidos nos olhos languidamente fulgurantes da gentil castellã.

O viajante dera animação á meza. Apezar de certa melancholia, que logo se denunciava no fallar pausado e grave, tinha uma tal serenidade, a sua fronte inspirava tamanha sympathia, que Elisa julgava-se feliz por o ter defronte de si, nem que se estivera revendo na physionomia d'um pae que de ha muito estivesse ausente.

Ao principio tudo estava silencioso. Um escudeiro de cabellos brancos servia á meza. No castello tudo era velhice; uns poucos de invernos a cercar uma só primavera!

Elisa mostrava-se inquieta, anciosa de interrogar o desconhecido viajante. Seria indiscrição perguntar quem era, indiscrição contraria aos costumes da casa, onde nunca se procurava saber o nome do hospedado, segundo a tradição homerica.

Afinal, não podendo dominar-se com a sua palavra maviosa, mas cheia de commoção, disse para o velho:

— Ainda é longa a sua viagem?

— Não lhe sei responder, minha senhora.

— Pois viaja ao acaso?

— Ao acaso, é verdade, advinhou. Tenho o quer que seja de lobis-homem. Caminho fatalmente impellido, mas sem destino. Sou por ventura o Judeu Errante? Interrogo-me a mim mesmo e não sei decifrar o mysterio.

— Mysterio dos mysterios! não ha duvida. Cumpre alguma penitencia imposta pelo Papa? Porque não faz uma romagem á Terra Santa ou a S. Thiago de Compostella? É assim tamanho o seu crime?

— E julga-me criminoso? é possivel? Como póde confundir a desgraça com o crime?

— Ah! perdão. Eu não podia duvidar da sua bondade. Bastava vel-o. Dizia apenas um gracejo. E depois, que sei eu do que é um crime?

— Diz bem, minha senhora. Eu não sou galanteador de salas e não quero affirmar que a sua innocencia tem a sciencia do bem e a ignorancia absoluta do mal.

— Obrigado, cavalheiro. As minhas palavras incommodam-no decerto. Vem fatigado, precisa de

restaurar as suas forças. Não lhe sabem bem as nossas iguarias?

— Excellentemente!

— Á sua saude, cavalheiro!

O desconhecido levou a taça á boca, mas a mão tremeu-lhe e o rosto cobriu-se-lhe de pallidez. Duas grandes lagrimas cahiram-lhe na taça.

Elisa soltou um grito, não de terror mas de compaixão.

— Não se assuste, minha senhora, acudiu o hospede. Foi excesso de alegria, que me fez recordar a felicidade da minha vida intima, felicidade que ainda ha bem pouco me deliciava, e que me fugiu, me foge e me fugirá para sempre.

— Para sempre não, objectou a interessante menina, com um sorriso acariciador. Quem lhe tirou do fundo do coração a esperança? Pois não é ella uma flôr que, quando se quer arrancar, se parte o vaso onde estava enraizada? E, partido o vaso da esperança, não é morrer?

— Como eu admiro a sua candura, Elisa! Como a planta murcha se deliciaria com o seu frescor! Vae a gente pelo atalho aberto na floresta e a cada passo, da ramaria espessa, sae d'um lado e d'ou-

tro a seta que nos fere. Vae-se caminhando no entanto até que a seta mortal nos atravessa o peito. É assim o meu morrer. Levo a seta enterrada no coração.

— E se houvesse alguem — objectou Elisa — que lhe arrancasse com toda a brandura o ferro, que lhe cicatrizasse a ferida, e lhe derramasse o balsamo santo de todas as consolações?

— Essa mão procuro-a eu. Onde a encontrasse, teria o renascer immediato ou a morte das subitas e impetuosas alegrias.

— E é inconveniente pedir-se-lhe a chave do seu segredo? Irei dilacerar-lhe mais a alma? Avivar-lhe-hei o pungir da sua saudade excruciante?

— Calar-lhe a minha dôr, a minha vida mysteriosa, seria desobedecer-lhe. E é isso possivel?

— Porque não? Mereci-lhe eu por ventura toda a confiança que exige a desgraça?

— Se mereceu! Tenho duvidado algumas vezes da providencia, mas de si, cuja candura me é palpavel... Bem sei que me vae chamar blasphemo... perdôe-me, perdôe-me e escute-me.

O viajante levou mais socegado aos labios a sua taça. Como que buscava concentrar as idéas. O

rosto apresentava-se meditativo. Depois d'alguns instantes rompeu o silencio d'esta maneira:

« O meu castello era na encosta d'um serro. Eu amava a vida montanhosa; sabia-me o conviver com as aguias, que vinham fazer ninho nas torres. Sabia de cór as brenhas dos ursos, mas a caça não me tornara feroz o espirito. Portas a dentro, a minha existencia tinha o colorido patriarchal. Ha vinte annos que a aurora me encontrava successivamente alegre: as trevas da noite não me entravam no coração. Tinha duas estrellas a alumiar-me e a aquecer-me. Vivia abraçado a estes dois mundos de amor. Quem me poderia expulsar de qualquer d'estes paraisos?

Meu filho completara dozoito annos. Era a candura na intrepidez. O seu coração dilatava-se como o oceano. Amava.

Chegara o dia das nupcias. Eu trazia a mente tão cheia de sonhos dourados como elle. Vivia na sua mocidade. Banhava-me na agua do mesmo baptismo de prazer.

A ceremonia do noivado celebrara-se com toda a pompa. Era ao escurecer d'um dia de primavera. Á noite os jardins estavam phantasticamente illu-

minados. Musica e perfumes por toda a parte. Os lenhadores tinham accendido as suas grandes fogueiras e as florestas envolviam-se n'um manto esbranquiçado de fumo orlado de vermelho.

De repente ouviu-se um borborinho á beira dos lagos, que ficavam um pouco distantes do castello. A noiva passeiava com uma das suas amigas da infancia. Tinha a melancholia da ventura extraordinaria. Um vulto surgiu d'entre os pomares e arrebatou-a com impeto. Por algum tempo se viram as roupas alvejantes da pobre menina ao clarão das fogueiras que iam esmorecendo. Tudo tomou aquella direcção, mas dentro em breve perderam-se os vestigios. Ao alvorecer reinava ainda o sobresalto em todos os povoados visinhos. Durante a noite as chammas resinosas cruzaram-se nos bosques e nos alcantis, mas nada foi possivel descobrir. Satanaz vingava-se cruelmente da minha felicidade de vinte annos.

Eu julguei que meu filho endoidecia. Aquelle caracter generoso estava dominado pela mais profunda ira. Tentei socegal-o, mas cada vez mais excitava a sua dôr. A voz supplicante da mãe perdia-se no deserto do seu desespero.

Mandou apparelhar o mais fogoso dos seus cavallos e jurou não voltar em quanto não tivesse cumprida a sua justa vingança. Apenas consentiu que o acompanhasse um criado, homem de ferro como as armas de que iam revestidos. »

O viajante suspendeu ligeiramente a sua narrativa para limpar as gottas de suor que lhe cobriam a fronte. Elisa tinha deixado aperceber no rosto uma série de sensações; alguma cousa a sobresaltava mais do que a curiosidade. Fernando fitava-a com olhos investigadores. Era o unico que parecia assistir indifferente. A velha aia tinha os olhos marejados de lagrimas.

— E nunca mais se soube noticias de seu filho? inquiriu Elisa anciosamente como quem receiara ao mesmo tempo uma resposta negativa.

— Nunca mais! proferiu o velho com desalento. Durante um anno enviei emissarios para toda a parte, mas nunca me chegaram os menores indicios, tentei tudo o que me era possivel, mas sempre a adversidade coroava os meus esforços. Até que emfim resolvi eu mesmo partir. Tenho trilhado todos os caminhos, tenho batido a todas as portas; ninguem me dá uma indicação segura. Mostro aos

viandantes que veem de longes terras a medalha que tem gravado o seu retrato e nenhum conhece as suas feições.

— E traz agora comsigo essa medalha? atalhou Elisa, estendendo a mão n'um movimento apaixonado.

— Trago, respondeu o velho, depondo-lh'a na graciosa e nevada palma.

Elisa aproximou-a nervosamente dos olhos e soltou um grito, que tentou disfarçar quando já era tarde.

Depois voltou-se para a ama e mostrando-lhe a medalha apostrophou:

« Dize, não é esta a imagem que te tenho delineado, a imagem que povoa os meus sonhos de todas as noites, a sombra dos meus extasis? Que similhança, Helena! Não é verdade, não é elle?»

A velha aia abanou a cabeça em signal de assentimento.

O viajante estava surprehendido. Se o allucinamento da pobre menina lhe desse um raio de luz! Mas não, tudo aquillo era influencia da sua compleição débil. Para que a havia de affligir com interrogações excusadas?

— Porque me não cede esta medalha? accrescentou ella, voltando-se para o velho.

— É um sacrificio que me pede, mas seria para mim mais doloroso sacrificio recusar-lh'a. Permitta-me, porém, que seja esta a ultima noite que eu durma com esse talisman conchegado ao seio. Amanhã será esta a moeda com que pagarei a minha hospedagem. Fico em divida ainda, não é verdade?

— Não, accudiu Fernando. A hospedagem, se é um dever, não póde descer a mercancias.

Ia ja alta a noite. Era necessario que o viajante tomasse algum repouso. Elisa, recolheu-se ao quarto, allucinada, vertiginosa, inquieta, febril, anceiando pela manhã seguinte. Que martyrio o somno intermittente d'aquella noite! Quando rompeu a madrugada, Elisa mandara informar-se do conviva da ceia, mas elle já tinha partido sem deixar o cumprimento da sua promessa.

Fôra Fernando quem lh'o prohibira.

V

Que delirio cruel o dispertar de Elisa! Foi o mesmo que despenharem n'um abysmo de gelo a

sua imaginação exaltada. Era a primeira lucta da vida e desde logo vencida! Não tinha chegado a gosar sequer as manhãs serenas e já a atormentavam as noites tempestuosas!

Por alguns dias não sahiu do quarto. Fernando estava arrependido e desesperado. Ella condoeu-se do pobre escudeiro e quiz-se resignar, violentando o coração e fazendo por esquecer todo o poema dos seus sonhos.

A velha Helena chorava amargamente vendo empallidecer a sua querida menina. Supplicava-lhe de mãos postas que a deixasse morrer socegada com a certeza de que Elisa ficava feliz. Não sabia outra eloquencia; não se traduzia d'outra fórma a sua alma rude, como se acaso a voz da tristeza e da amargura se podesse calar ao pedido d'uma voz amiga.

— Que é isto, Helena! exclamava de quando a quando a castellã. Como se explica esta mysteriosa creação, que de dia a dia foi apparecendo no meu espirito? Eu nunca o vi e conheço-o! Que cadeia fatidica nos liga? Comprehende-se que se possa amar uma visão, mas o que se não comprehende é como essa visão tenha uma realidade. Se assim fôra,

porque é que se não encontram no mundo todos estes paraizos que me vicejam na alma? Que vias tu nos sonhos dos quinze annos? Os semblantes dos cherubins que nunca descem á terra. Mas o teu anjo da guarda nunca despia as suas azas, nunca se humanisava. Isto é horrivel, não é? Porque sahi do meu sonho? Quem houvera de crer que se animassem as estatuas da capella? Foi uma fatalidade. Eu devia viver com a minha illuzão, com o meu extasi, com a minha phantasia. Tinha as aspirações vagas, remotas, indifinidas. A que podia aspirar, se elle vivia no meu mundo interior? Se tinha de lançar uma ponte, era entre o meu espirito e o meu coração. Havia de encontral-o em qualquer dos extremos. E agora? Sei que existe fóra de mim e não posso ir-lhe ao encontro. Sei que tem uma existencia separada da minha e nada ha que as possa attrahir. Que te dizem os teus setenta annos, Helena? Parece que nasceste hontem, que não te afizeste ainda nem ás trevas nem á luz!»

Era n'este labyrindo de idéas que se perdia o espirito da innocente e graciosa menina. A tristeza augmentava-lhe incessantemente e os seus grandes olhos iam perdendo o brilho. Os rouxinoes da se-

guinte primavera já lhe não haviam de diliciar os ouvidos nas moutas das laranjeiras.

VI

Corria o mez calmoso de junho.

As tardes passava-as Elisa no lago, sosinha, entregue aos seus devaneios, ás suas grandes magoas. Tinha um pequeno bote dourado, que ella dirigia com indolencia, como se quizesse ensinar ás aguas o desalento que a dominava.

Os passarinhos, atravessando em bandos o lago de ramaria para ramaria, cantavam-lhe uns concertos maviosos que se casavam deliciosamente com a tristeza d'ella. Mas uma vez e outra, entre o chilrear incessante, sobresahia uma voz de timbre harmoniosissimo, com um sentimento sublime. Aquella musica traduzia um affecto enorme; não eram gorgeios incomprehensiveis, eram palavras com alma, eram versos admiravelmente cantados. Uma occasião pouzara os remos embebida na voz mysteriosa e como que adormecera.

Dizia assim o canto que a embalava:

« Amemos! A primavera
tem rosas em demasia.
Teu coração porque espera?
Tua alma que phantazia?

Ás notas apaixonadas,
que eu tiro do mandolim,
respondem alvoraçadas
as aves do teu jardim.

Idylios da madrugada,
serões amenos do estio,
teem seus encantos de fada
junto á margem d'este rio.

Tens alma e corpo de seda,
porque de mim te não does?
Á sombra d'esta alameda,
seremos dois rouxinoes.

Quem me leva á florea gruta
do teu doce devaneio,
onde o archanjo que te escuta
se esperguiça no teu seio?

Onde o incognito retiro
do teu saudoso scismar?
Podesse um longo suspiro
ir teu silencio cortar!

Oh! em vão, no verde encosto
das singelas margaridas,
busco as fórmas do teu rosto
nas hastes amollecidas.

O lago vive dormente,
e as brisas zues do céo
não molham sobre a corrente
as fitas do teu chapéo.

Bebo as lagrimas das rosas,
e as rosas, por ti chorando,
acompanham-me saudosas
n'este martyrio nefando.

De hora em hora mudo o aspecto,
só no amor não mudo eu;
e o teu olhar inquieto
sem nunca fitar o meu.

E no entanto, se te vejo,
não sei porque, tenho medo,
e, reprimindo o desejo,
fico detraz do arvoredo! »

Era um canto de amenissima saudade.

Elisa ha dias que não tinha ido bordejar no lago e o obscuro poeta soltava a sua voz plangente.

Quando acabou, Elisa sentiu estremecer o barco

e accordou do seu gratissimo *far niente*. Dir-se-hia que a mão d'um gigante puxava para a margem a pequenina embarcação. Era quasi noite e o crepusculo não deixava distinguir o vulto que estendia o braço d'entre os ramos pendentes. Ella apanhou os remos em sobresalto e com vigor desusado tomou a direcção do castello.

VII

Passaram-se alguns mezes. Chegara-se ao inverno sem incidente notavel. Elisa declinava serenamente. Quem convivesse com ella não notaria as ruinas da doença. Não era a flor que deixava evaporar-se n'um minuto os seus aromas.

Uma manhã estava ella á janella vendo cair sobre o lago as folhas amarellidas. Quando a levaria tambem a viração? Pensava de certo no seu destino e tinha a immobilidade pintada no rosto.

Para se distrair talvez, desatou o collar d'onde lhe pendia a cruz negra. Beijou-a e cobriu-a de lagrimas. De repente, uma ave que atravessava o lago produzindo um grande ruido com as azas, fel-a estremecer de inopinado susto e a cruz caiu-lhe nas aguas. Novo e terrivel prenuncio de morte!

Elisa ficou longo tempo como demente, contemplando o abysmo que lhe tragara o seu thesouro. N'este momento, Fernando entrou á sala e acercou se da janella. Elisa, colhida d'improviso, levou a mão ao pescoço para esconder a perda do seu thesouro, mas o sobresalto traiu-a. Fernando interrogou-a e ella ficou tremula e chorosa.

O velho escudeiro era supersticioso e vieram-lhe logo á mente as derradeiras palavras do fidalgo. Tinha chegado o dia da grande desventura. A pallidez subita que lhe cobriu o rosto denunciou a inquietação que lhe reinava no espirito. A pobre menina sentiu-se mergulhar na sua e na dor alheia.

Depois d'este incidente poucas vezes se levantava da cama. O seu quarto era nos baixos do castello, quasi ao lume d'agua. Aprazia-lhe o murmurio do lago, e gostava de descer a mão e de afagar o pescoço dos cysnes, em dias de mais alegre sol e mais socegada atmosphera.

A voz mysteriosa não cessava de se ouvir, de madrugada e de noite principalmente. Era quasi sempre triste e melodiosa, mas por vezes tinha o quer que fosse de sarcastica; era o grito do desespero.

Elisa ainda se deixava enlevar, de quando a quando, por aquella musica, mas chegava a ter medo, principalmente quando se recordava do phantasma indistincto, cuja mão se estendia d'entre as ramas para lhe segurar o barco. Havia muito de celeste n'aquelles cantos, mas havia tambem o quer que fosse de infernal. Revelava-se em todas as poesias um amor ardente, uma paixão de gigante, ao passo que se notava tambem uma voluptuosidade febril, uns desejos pagãos, uma sede de beijos que enodoariam as azas d'um anjo. Não, não podia ser a voz d'elle!

Aproximára-se a primavera. Era n'uma d'essas noites que produzem arrobos indefinidos. Elisa estava reclinada no leito, gozando o luar que entrava pela sala. A voz mysteriosa ouvia-se ao longe até que se foi cada vez mais avisinhando. Os ultimos echos perderam-se junto do castello.

Embevecida na sua contemplação, embalada no rumor do canto mysterioso, Elisa olhava para a janella como quem olha para um quadro. De repente junto da vidraça foi-se alteando uma figura extraordinaria. Via-se-lhe a cabeça disconforme, e o peito largo. Banhado pelo luar, aquelle vulto era um ser

perfeitamente phantastico. O rosto, ora tinha uma côr esverdeada, ora se afogueava como se lhe batesse de chapa uma fogueira. Na physionomia havia a expressão de todos os sentimentos, a voluptuosidade dos faunos e a ternura das dryades. O seu riso era um medonho descerrar de abysmo. Dir-se-hia que similhante figura fôra arrancada de um templo do Egypto ou de um pagode indiano. Os cabellos eram formosos e cahiam-lhe revoltos em anneis. Era uma dourada moldura para um quadro grotesco. Hogarth teria pintado aquelle monstro.

Elisa imaginou que estava sonhando. O phantasma a cada instante soffria uma metamorphose. Era o disforme a querer tornar-se sympathico. Era o horrivel a querer embellezar-se. Era um Adamastor em miniatura.

Inesperadamente, baixou a figura e ouviu-se, acompanhado de um instrumento suavissimo, o seguinte canto:

«Vês? A flôr da laranjeira
começa a abrir no jardim,
menos alva que a fieira
de teus dentes de marfim.

Tens a grinalda já prompta,
que bem te não ficará!
Mas o noivo, ó minha tonta,
mas o teu noivo onde está?

Hade a flôr mudar-se em fructo,
ou hade ao chão resvalar,
e tu sempre, sempre, em luto,
sem nunca o veres chegar.

Se a cadeia da tristeza,
que me prende a ti, ó flôr,
a mudasse a natureza
n'uma cadeia de amor!...

Oh então a flôr modesta
do copado laranjal
teria um dia de festa
no teu leito nupcial!

Já não resvalára ao solo,
nem a levára o tufão,
murcharia no teu cóllo,
dando o aroma ao coração.»

Quando acabava o canto, a cabeça do phantasma resurgia diabolicamente formosa, com um sorriso de satyro, alegre do seu canto, impressionado de si mesmo, orgulhoso da sua musica, namorado da sua

melodia. Elisa, ao vel-o de novo, ferida das lembranças dolorosas, que lhe dispertaram os versos, soltou um grito dilacerante que eccoou por todo o castello.

Acudiram todos á sala e viram a menina prostrada, como soffrendo de um delirio.

— « Oh! fechem-me a janella! que horrivel visão! que monstruosidade a assustar-me! que pesadelo! Eu não sonhava, eu via um phantasma, que se sorria para mim com uma bocca que me queria devorar. Oh tirem-mo dos olhos; parece-me que ainda o estou vendo, alvacento como o luar. Não me deixem só, que tenho medo! »

Os creados não viram nada. Correram os cortinados e tomaram á conta de delirio as palavras da castellã. Ella sentia-se profundamente abalada. Fôra o ultimo golpe.

Na madrugada do dia seguinte entrava no castello um moço de olhar altivo e das mais brilhantes maneiras. Vinha cumprir a promessa de seu pae, vinha depositar nas mãos de Elisa a medalha promettida em noite de hospedagem, e, se ella o acceitasse, o coração.

Fernando recebeu-o com alvoroço, persuadindo-se de que chegaria a aurora do resgate para

a sua pupilla. A apparição do phantasma ficava bem compensada. Estava impaciente por ir ter com a menina, mas como ella tinha passado a noite em desvarios, esperou que fosse mais alta manhã.

Andavam passeando por um dos corredores do castello, quando Fernando defrontou com Helena que o procurava com lagrimas nos olhos. O escudeiro dirigiu-se immediatamente ao quarto de Elisa. O moço fidalgo acompanhou-o, adivinhando de certo alguma desgraça, sabendo do estado melindroso da doente.

Ella tinha a frialdade em todo o corpo. Apenas os olhos estavam entreabertos. Fernando fez com que o moço se abeirasse do leito para a castellã o reconhecer. Vinha tarde o remedio. A desditosa menina soltou um sorriso que logo se lhe extinguiu com a vida. Tivera ao menos uma morte feliz.

Fernando tomou das mãos do fidalgo a medalha e lançou-a ao pescoço d'Elisa. Ambos ficaram silenciosos, com os olhos baixos, sem se fitarem, como se tivessem medo de mostrar as lagrimas.

A velha Helena estava ajoelhada aos pés do leito. Resava, mas as suas orações não quebravam o silencio funebre.

Uma voz o interrompeu. Vinha das florestas do lago e fez estremecer a todos. Era o piar d'alguma ave agoureira? Não; era um canto fatalmente seductor: era a mesma harmonia que fizera desvairar Elisa na noite antecedente. Eram estas as palavras do canto:

Chegou hoje o teu romeiro,
— malfadada romaria!
Alvorece o amor primeiro
no teu derradeiro dia!

Os lyrios da madrugada
esperam por ti, ó bella,
e eu já tenho entrelaçada
a tua nivea capella.

Nunca mais na agua dormente
se ha de espelhar o teu rosto;
e eu hei de cahir demente
no abysmo do meu desgosto!

A ALMA

DO

REI DE THULE...

POR

ALBERTO PIMENTEL

A ALMA DO REI DE THULE...

I

Decerto se lembram ainda muito em Lisboa das duas viscondessas de Suzarem, — a viuva e a filha.

Os echos do Chiado hão de conservar viva memoria da viscondessinha, aquella gentil creatura de faces pallidas, cabellos e olhos pretos, toda ella nervos, e toda ella espirito até ás extremidades rozeas dos dedos, como diria o doutor Raspail, sem que todavia nos molestasse com o tom zombeteiro, que tanto degrada as mulheres aos olhos de Dumas filho, segundo deixa ver n'uma phrase recente: *La raillerie, chez la femme, est symptome d'enfer.*

Cesar Machado, fallando da pallida belleza das lisbonenses, mais d'uma vez alludiu á viscondessinha, com a delicada reserva com que elle sabe fallar das mulheres, sem as entontecer d'orgulho.

Perguntem ao Julio se isto é ou não verdade; ahi o teem na calçada do Salitre, e é-lhes facil desenganarem-se.

Recordam-se certamente que o visconde morreu de repente n'um dia em que sahia do ministerio do reino e subia á caleça. Sabem tambem da profunda sensação que este lamentavel incidente produziu na viscondessinha, a ponto de se receiar pela sua vida e lhe ser aconselhado o passeiar no estrangeiro.

A viscondessa sahiu logo com a filha para Hespanha, aproveitando a occasião da feira de Sevilha. Do ar de Madrid impozeram-lhe absoluto resguardo, porque

> El aire de Madrid es tan sotil,
> Que mata á un hombre,
> Y no apaga á un candil.

Para Sevilha é que ellas foram, a mãe esperançada na influencia benefica d'um espectaculo novo para a filha; a filha intimamente desenganada de que a sua melancolia era incuravel.

A esse tempo toda a animação andalusa revoluteava na feira de Sevilha. Ondeavam no ar as

flammulas que serviam de corôa aos galhardos pavilhões; estrondeavam noite e dia as fanfarras e os pregões dos arlequins e bufarinheiros; acotovelava-se a cada momento um portuguez ou um italiano, porque nos deslumbrantes programmas da feira, publicados pela imprensa hespanhola, tinha ido irresistivel convite a todos os cantos da Europa.

Que borborinho, que movimento, que inferno! diria eu, se não fosse aquillo o supremo gozar da vida! N'um grupo, baralhavam-se os inquietos andaluzes, de *navaja* em punho, só porque um espirrára na cara do outro; muito perto, e indifferentemente, estadeavam-se as formosas sevilhanas, agitando as ventarolas, como os homens do povo agitavam a navalha, — com a consciencia d'igual superioridade. As raparigas do campo, nascidas nas planicies banhadas pelo Guadalquivir, faziam circulo em torno de todas as raridades que lhes engodavam os olhos, desde o anão milanez, que mostrava um panorama, até ao macaco da America, que piroeteava ás soltas, encarregando-se de provar que homem e macaco não estão tantos seculos distantes como affirma Edgar Quinet no seu

formoso livro *La Creation*. Os estrangueiros, consoante os sexos, ou se enlevavam na voluptuosa alegria das sevilhanas ou se penduravam dos balcões escolhendo ventarolas e manilhas.

Era alli que se vivia n'esses dias, que se fallava sem rebuço, o que dispensava de se galantearem os namorados atravez dos stores das janellas, *hablar á la reja*, como lá se diz ainda ao sabor das comedias de Caldéron ; estavam desertas as *escuelas de bailes*, onde se conserva ainda a primitiva originalidade das danças hespanholas ; a *Plaza de Toros* e o *Theatro de S. Fernando* eram apenas frequentados pelos estrangeiros, porque Sevilha estava toda na feira a bailar em pleno ar, a jogar a *navaja* e a comer *azucarillos*.

Nos *casinos* adormeciam os porteiros, nos *miradores* não assomava cabeça curiosa, tudo estava na rua, na mais despreoccupada alegria, só os creados das *fondas* pareciam indifferentes ao bulicio exterior e absorvidos na azafama de portas a dentro.

A viscondessa e a filha hospedaram-se, se estou bem lembrado, na *Fonda de Londres*, na « calle de las Sierpes » uma hospedaria de primeira ordem, cujo pateo bastava já a enfeitiçar com os seus bo-

nitos vasos de Triana a bracejarem vergonteas floridas, e que fôra a que reunira maior numero de estrangeiros de distincção.

II

A viscondessinha parecia reanimada. Não obstante a mãe suspeitava que fosse ephemera aquella alegria, que entrava na alma da filha com o formoso sol das Hespanhas, e para logo fez tenção de se demorar em Sevilha o mais tempo possivel.

Receiava que ao voltarem a Lisboa, a convivencia de pessoas conhecidas e uma vida raro accidentada de episodios novos, despertassem no coração da saudosa viscondessinha a antiga magua com que ella sahira de Portugal.

Em Sevilha havia apenas duas horas para se estar em casa; eram as que se passavam á meza. Estavam na mesma *fonda* um rapaz do Porto, que tinha ido passeiar para demorar um casamento que o constrangia, um francez de Bordeus igualmente moço, e um pintor italiano que fôra a Sevilha expressamente para copiar o typo do paiz.

A conversa ao jantar era scintillante e inquieta.

A viscondessinha collaborava com fina delicadeza nos mais difficeis assumptos; o pintor italiano folhetinisava a historia da arte em Italia e arrebatava-se em extasis d'artista; o francez jogava dextramente as duas armas com que é dado esgrimir na *causerie* — o bom humor e a *verve;* o portuense, mais melancolico, tinha uns dizeres resaibados de ligeira tristeza; — os restantes convivas eram hespanhoes, alguns deputados, outros jornalistas, que charlavam alegremente, sobremodo despreoccupados, o que faz suppôr que nem todos os hespanhoes pensam na União Iberica...

Uma vez perguntou o italiano á viscondessinha, nos animados dialogos dos *dessert*, que recordação preferia de Hespanha.

— A ventarola, respondeu ella com alegre sorriso. Comprei uma ante-hontem na feira, que é uma obra prima de caprichoso gosto. Era a unica que restava e já duas hespanholas a estavam namorando com olhos cobiçosos. Pude ainda salval-a das inquietas mãos que não tardariam a quebral-a, e acreditem que supponho ter na ventarola um thesouro...

Instaram para vel-a, e a viscondessinha deu ordem á sua criada de quarto para que lh'a trou-

xesse. Veio a ventarola, e o primeiro que a recebeu da mão da viscondessinha foi o pintor italiano, aguilhoado pelos seus instinctos artisticos.

— *Corpo di Baccho!* — apostrophou o pintor. — Que formosa! Quem lh'a não ha de invejar!

— *La reina*, respondeu um hespanhol mirando a ventarola por cima do hombro do italiano.

— *Ce n'est pas un eventail; c'est la baguette de la bonne fée*, accrescentou o francez.

E cada um dos commensaes foi addicionando uma phrase a este folhetim que passava de bocca em bocca para se ir rojar aos pés da formosa viscondessinha.

— Que diz o senhor? perguntou ella ao portuense, vendo que elle examinava silencioso a ventarola. Não diz nada; nós, os portuguezes, somos menos lisongeiros.

— Que hei de eu dizer, a não ser que ella pertence a v. ex.ª?

— Ih! Parece que teve o proposito menos benevolo de me desmentir no respeitante á sinceridade dos portuguezes...

Riram todos estrepitosamente.

— Dá vontade — exclamou o italiano — da gente

brincar com o lapis sobre o marfim das varetas, tão alvo e tão liso é!

— *Á la disposicion d'usted* — respondeu a viscondessinha imitando, quanto lhe foi possivel, a pronuncia hespanhola. Muito folgava da distincção que me concederia um artista italiano, desenhando no meu leque.

O pintor tirou do bolço um estojo-carteira e desenhou a *crayon* um vago perfil, que poderia dar alguns longes da viscondessinha, e terminou escrevendo por baixo do desenho estes versos de Petrarca:

Cosa si bella
Devea'l ciel adornar di sua presenza.

— Muito bonito! articulou a viscondessinha. Só esta vareta vale mais que o leque todo. E o sr. — apostrophou ella ao francez — porque não se *installa* na vareta visinha, para que eu fique possuindo uma ventarola-album?

O francez tomou o *crayon* e o leque e escreveu:

... quel œil peut la voir
Sans pétiller d'amour, de jeunesse, d'espoir?

Chenier.

Um hespanhol, que estava proximo, debuxou este verso d'Espronceda:

Angel puro de amor que amor inspira.

Escreveram mais dois hespanhoes e, quando a ventarola chegou á mão do portuguez, escusou-se elle por falta de meritos litterarios.

Sorriu a viscondessinha e replicou:

— Póde ser que o meu leque opere no meu patricio o milagre d'escrever, como hontem operou em mim o milagre de cantar, eu, que tinha perdido a voz ha mezes...

— Comprometto-me a escrever na primeira occasião — obtemperou o portuguez — se v. ex.ª nos prometter que se fará ouvir...

— Prometto, asseverou a viscondessinha.

III

Estavam impacientes d'ouvil-a.

O italiano propôz que mandassem servir o café na sala do piano, á qual, acceite o alvitre, se trasladaram sem delonga. A viscondessinha tentou op-

pôr-se, allegando que não era ensejo opportuno; elles, porém, insistiram amavelmente, inculcando-se obsequiados se ella cantasse a meia voz.

A viscondessinha annuiu.

Sentou-se ao piano e cantou com voz timida, mas sobremodo meiga, a ballada do rei de Thule, que um poeta mysterioso lhe havia traduzido em portuguez:

Tinha um velho rei de Thule,
Extremoso namorado,
Uma taça auri-luzente,
Que era amoroso legado.

Quando elle a chegava aos labios
Da ceia á ruidosa mesa,
Descia o pranto dos olhos
Com voluptuosa tristeza.

Moribundo, entrega ao filho
Dominios, paço, thesouro...
Só lhe escacea a coragem
D'entregar-lhe a taça d'ouro.

Chama a côrte, e no castello,
Que mar dentro ergue as ameias,
Manda illuminar de festa
A mesa das aureas ceias.

Desnerva-lhe a morte o braço
E o rei de beber não cessa...
Até que, ao findar a ceia,
A taça ao mar arremessa.

Fluctua o copo nas aguas,
Gira, encheu-se, vai ao fundo.
Treme o rei, suspira e morre...
Mas não deixa a taça ao mundo.

O pintor italiano levou o seu enthusiasmo artistico até gritar a celebre phrase com que a população milaneza saudava Mozart:

— *Evviva il maestrino!*

Os hespanhoes disseram hyperboles mais ou menos pittorescas e o francez aproveitou a occasião para fallar do *Fausto;* de Gounod; e rebater o falso preconceito que negava aos francezes talento musical, sendo que elles tinham lá compositores como Auber, Berlioz, Feliciano David, Ernesto Reyer e Gounod. O italiano lembrou a celebre phrase *Les français viennent tard á tout, mais ils y viennent,* e foi reivindicando fóros de primazia musical para a sua patria. Disse que os francezes, deliciados com a audição das melhores partituras italianas e allemãs, só muito tarde pensaram em crear-se in-

dividualidade em musica, mas que já tinham talentos muito originaes, e que para elle Hérold e Auber representavam a musica franceza como Adam e Offenbach resumiam a musica parisiense, o folhetim sonoro, segundo uma expressão d'elle. Accrescentou que a Italia era privilegiada no tocante a artes, e fallou com arrebatado lyrismo da graça delicada e triste de Bellini e da alegre vivacidade de Rossini.

Os hespanhoes, logo que encontraram occasião, contentaram-se de não ter opera apregoando que na Hespanha havia musica caracteristica de nacionalidade como na Escocia, e um d'elles preveniu qualquer objecção do francez com estas palavras de George Sand: *Toute l'Écosse est dans un air écossais, comme toute l'Espagne est dans un véritable air espagnol.*

A viscondessinha aproveitou a discussão para dizer ao portuguez:

— A sua mysteriosa tristeza leva-o até incorrer no desaire de passar por menos amavel. Olhe o que para ahi gritaram os hespanhoes, o francez, e o italiano! O sr. contentou-se com dizer uma banalidade que me desilludiu ácerca dos meus talentos

artisticos, — *Muito bem!* Isso diz-se a toda a gente!

— Queira v. ex.ª desculpar-me, mas é que eu não estava prevenido para a profunda commoção que v. ex.ª me deu cantando a ballada do rei de Thule. Não sei que deliciosa melancolia, que vaga e etherea tristeza ressumbra d'essa formosa canção do velho rei amante, que sempre me deixa alheado!

— Ah! Gosta? Tambem eu; muito, muitissimo. Isto será talvez de nós sentirmos dentro do peito a alma do rei de Thule...

N'este relanço ensarilharam armas os discursadores e instantemente pediram á viscondessinha que repetisse siquer os versos finaes.

Ella, que estava ainda sentada ao piano, harpejou modulandó:

Fluctua o copo nas aguas,
Gira, encheu-se, vai ao fundo.
Treme o rei, suspira e morre...
Mas não deixa a taça ao mundo.

Estrondearam applausos.

A viscondessinha, erguendo-se, disse ao moço portuense:

— Eu cumpri. Agora quando é que o sr. tenciona escrever no meu leque?

— Logo que v. ex.ª ordenar.

Ella ia talvez dizer alguma coisa, quando echoou no corredor a voz de:

— Á feira! á feira!

IV

No dia seguinte, levantou-se a viscondessinha da meza, antes de terminar o *dessert*, pretextando falta d'ar e debruçou-se na janella, ao fundo da sala, que dava para o pateo.

Acudiu a mãe com perguntas cariciosas, depois os commensaes, e ella a todos serenou respondendo que o respirar o ar balsamico de fóra lhe havia desopprimido o peito.

Quando se aproximou o portuguez, disse-lhe ella:

— Se o não incommodo muito, sr. Gaspar de Noronha, desejava que me fizesse companhia para ao menos não ter de molestar-me a hespanholar o portuguez.

— Oh! minha senhora... balbuciou o moço.

E ficou.

— Para que veiu o sr. a Hespanha — apostrophou a viscondessinha, — se anda por aqui absorto na sua mysteriosa tristeza? Quer-me parecer que furtivamente bebe na taça do rei de Thule as lagrimas d'uma saudade rediviva, e que não tem a coragem d'atirar ao mar o copo encantado. Não o quer deixar ao mundo mas tambem não o quer arremessar ás aguas. Deve de ser tormentoso inferno! Este é decerto o mysterio da sua vida. O que da sua biographia se sabe em Hespanha é o que menos me interessa, — que o sr. Gaspar de Noronha é sobrinho d'um banqueiro portuense, que recusou outro dia o titulo de visconde...

— Pouco mais tenho a dizer a v. ex.ª que lhe inspire interesse. Ha maguas intimas que, quando muito, apenas chamariam aos labios de pessoa extranha delicadas palavras de compaixão, mas que, decorridos momentos, nem lembrariam siquer...

— Isso depende tambem da escolha dos confidentes. Sabe que eu sou excepcionalmente impressionavel, e que vim fugindo á morte que em Portugal me ameaçava...

— Pois, minha senhora, é essa então mais uma

causa que me impõe silencio no interesse de v. ex.ª...

— Ah! é uma evasiva! Jé vejo que lhe não inspiro confiança...

— Pelo contrario, minha senhora. Eu queria simplesmente poupar v. ex.ª a ouvir um romance vulgar mas sempre triste. Quando meu pai foi despachado juiz para a provincia, era eu então criança e fiquei a educar em casa de meu tio. Deslisaram os primeiros annos da infancia na convivencia de minha prima, outra criança, com quem eu frequentemente tinha aquellas pendencias infantis que desandam em passageiro choro. Meu tio mandou-me educar liberalmente, e esforçou-se por debellar com estudada brandura o natural e visivel antagonismo que parecia interpôr-se ás duas crianças. Supponho que meu tio suspeitou que minha prima veria com maus olhos o primo que estava usufruindo regalias que só a ella pertenciam, em razão de meu tio me haver presenteado aos dezoito annos com um cavallo e um briska. D'aqui procedeu decerto o começar a dizer que eu era o noivo de minha prima, e com isto não obteve meu tio successo algum, porque minha prima continuava a hostilisar-me. Por mais d'uma vez fallei á puridade a meu tio,

pedindo-lhe que me franqueasse carreira que me désse honesta independencia. Meu tio recebia com azedume o meu alvitre e acabava por chamar-me criança e offerecer-me uma caixa de charutos, dizendo que as impertinencias infantis se accommodavam com dadivas que engodavam os olhos. O que é certo é que minha prima me hostilisava por impulso natural, e que eu era para toda a gente o noivo presumptivo de duzentos contos, excepto para minha prima e para mim. Foram decorrendo os annos, durante os quaes minha prima se manteve para comigo, menos aggressiva é verdade, mas em glacial reserva. Eu, que tinha por ella completa indifferença, evitava ser-lhe molesto, e quando por ordem de meu tio a acompanhava ao theatro não trocavamos palavra na carruagem e estavamos no camarote, até chegar meu tio, sem encontrarmos um unico olhar. Muitas vezes, porém, me lembrei de que tudo isto havia de ter um desfecho tempestuoso, e tanto me preoccupavam vagos receios pelo futuro, que cheguei até hoje sem estender a minha capa de cavalleiro namorado diante do carro triumphal d'uma realeza disputada. Pouco tempo ha, chamou-me meu tio ao seu quarto e gravemente me

disse que me tinha educado para noivo de sua filha, e que minha prima me daria a sua mão d'esposa sem repugnancia. Objectei energicamente, contrapuz que minha prima me odiava quanto uma senhora d'educação póde odiar um homem, e meu tio despediu-me chamando-me criança, como era seu costume, e dizendo-me que a elle cabia aprazar o dia do casamento. Decorrida uma semana, chamou-me de novo e disse-me que, passados quinze dias, casariamos. Minha prima, n'este meio tempo, continuava a ser friamente reservada para mim. Para adiar a catastrophe — deixe-me v. ex.ª chamar-lhe assim — pretextei a meu tio desejos de vir á feira de Sevilha, e elle consentiu na minha partida, depois de exigir de mim a minha palavra d'honra de que eu voltaria a esposar minha prima, terminada a feira. Aqui tem v. ex.ª o romance vulgar da minha vida.

A viscondessinha tinha escutado a narração de Gaspar de Noronha fixando n'elle os seus formosos olhos docemente avelludados. Parecia levemente anciada, como quem está lendo uma novella que deseja conhecer, e disse afinal:

— Assisadamente suppunha eu no sr. Gaspar de

Noronha a alma do rei de Thule. A taça encantada é a liberdade que lhe arrebatam, e todo o seu soffrimento está em não querer atiral-a ao mar. Pois com o impossivel não se lucta, meu caro senhor. Faça de conta que estes ruidosos jantares de Sevilha são os derradeiros festins do real sonhador da ballada. Atire a taça ao mar, e vá esposar sua prima.

E sahiu abruptamente da janella para a mesa.

V

N'essa tarde as duas viscondessas de Suranem sahiram a passeiar e recolheram ao anoitecer, porque a viscondessinha se inculcou fatigada. Não obstante, entrou á sala de visitas e sentou-se ao piano executando com extremada correcção o seu variado reportorio; a viscondessa mãe amezendou-se n'uma poltrona e começou a leitura dos jornaes hespanhoes pela traducção d'um romance de Dumas, pai, que *La Epoca* estava dando em folhetim.

Veio surprehendel-as n'este remanço familiar Gaspar de Noronha, que do limiar da porta pediu licença para entrar.

— Pois ainda está em Hespanha? perguntou a viscondessinha. Tanto mais agradavel a surpreza, porque o fazia já caminho de Portugal...

— Eu não seria tão indelicado, que não recebesse préviamente as ordens de v. ex.as

— Suppuz que se teria molestado com o tom impertinente com que lhe fallei esta tarde. Mas que quer? Quando se trata de cumprir deveres, sou rudemente sincera. Depois a sympathia que nos merece sempre um patricio obrigava-me tambem a aconselhar-lhe que não prolongasse por mais tempo o inferno em que anda attribulada a sua alma.

— Então que me aconselha v. ex.a?

— O que lhe aconselhava esta tarde; — que parta quanto antes.

— Ah! Que fuja ao inferno em que me é dado ouvir os conselhos de v. ex.a para entrar a porta d'outro inferno em que um dos não menores supplicios será a recordação indelevel de Sevilha...

Isto dizia elle, brincando com a ventarola da viscondessinha que estava sobre o piano; a viscondessa mãe, pousando a *Epoca*, encetava a leitura da *Iberia*.

A viscondessinha, esquivando-se a responder, começou dedilhando no piano e apostrophou:

— Olhe que receio partir, sem que o senhor haja escripto no meu leque...

Esta evasiva era eloquente. Como que n'estas palavras raiou luz extranha que deixou ver o que a viscondessinha mais recatava no coração — ... o amor.

Gaspar de Noronha encaminhou-se á jardineira, pegou d'um lapis e escreveu n'uma vareta da ventarola: *Amo-a.*

— Cumpri o que prometti, disse elle.

A viscondessinha, interrompendo um adagio, exclamou:

— Deixe ver.

Leu, e subitamente continuou o adagio interrompido.

Depois, erguendo a fronte, pronunciou com olhar altivo e a meia voz:

— Extranho no sr. Gaspar de Noronha a ruim coragem de se declarar a uma mulher dias antes de dar a mão de esposo a outra!

E proseguiu harpejando no teclado.

Horas depois, portas a dentro do seu quarto, segredava-se a viscondessinha:

— Os outros incommodaram Chenier, Espronceda e Petrarca; todos elles pediram emprestada a mentira. Só este fallou a linguagem do coração, e escreveu simplesmente: *Amo-a*. E ama, é certo. Mas é preciso fugir-lhe, já que elle não póde fugir a si mesmo. Todavia quero vel-o, uma vez siquer, pelo braço da mulher desposada. Se elle se mostrar radiante de felicidade, de felicidade não, mas de despreoccupada resignação, não era digno do meu amor e mentia. Veremos...

E saiu a confidenciar com a mãe.

VI

Ao outro dia, cerca das onze horas da manhã, quando Gaspar de Noronha entrava á sala da mesa para almoçar, entregou-lhe um creado uma carta que lhe era subscriptada. Rasgado precipitadamente o *enveloppe*, encontrou Gaspar de Noronha um cartão de visita que dizia:

As viscondessas de Suranem

e á margem:

Agradecem vivamente e offerecem a sua casa em

Lisboa logo que recolham da viagem que hoje mesmo continuam.

A primeira ideia de Gaspar de Noronha foi procurar-lhes o rasto e seguil-as para onde quer que fossem.

Almoçou n'esse proposito e entrou ao seu quarto para mandar preparar a bagagem, mas lembrou-se que seria prudente interrogar o creado no tocante á inesperada saida das duas senhoras.

O creado que mais em relação tinha estado com as viscondessas de Suzarem, respondeu que ss. ex.as haviam mandado chamar a carruagem pelo seu proprio escudeiro, e que a creada de quarto, que as acompanhava, boquejara que a menina recebera telegramma de Pariz, onde era anciosamente esperada pelo noivo, addido á embaixada na côrte de Napoleão.

Gaspar de Noronha sentiu-se subitamente despenhado do setimo ceu, e disse ao creado que lhe preparasse a bagagem em todo o caso, porque estava enfastiado de Sevilha e era tempo de regressar a Portugal.

Saiu effectivamente d'Hespanha e, tão azoinado vinha, que não quiz fazer escala por Lisboa.

O tio banqueiro anciosamente o esperava, e estava disposto a ir buscal-o a Hespanha se elle se demorasse mais oito dias. Devem portanto comprehender que se não faria esperar muito o casamento. Foi ruidosa a cerimonia, e os noivos sairam logo para a Foz acompanhados por cem carruagens que transportavam a primeira sociedade portuense.

Oito dias decorridos, ao declinar da tarde, rodava vagarosamente a caleça dos noivos pela estrada de Carreiros.

Gaspar de Noronha, reclinado nos coxins, fitava melancolicamente o mar e parecia esquecido da noiva, que não se mostrava offendida de similhante alheamento.

Á beira mar, entre um grupo de meninas, filhas de titulares, estava a viscondessinha de Suzarem, que por muito tempo seguiu com o olhar a caleça dos noivos.

Pouco depois cantava como para si mesma a ultima quadra da ballada do rei de Thule e ao dizer:

Mas não deixa a taça ao mundo

cahia-lhe ao mar a ventarola, e apostrophava a vis-

condessinha ás amigas, que simultaneamente tinham vibrado um — ah — :

—É o mesmo; deixal-a ir. Façam de conta que foi a taça do rei de Thule. O peior é que vae a taça e fica a alma, o que não é precisamente como na ballada.

O resto sabem-n'o ahi em Lisboa perfeitamente. Ha de haver ainda muito quem se lembre ao certo do dia em que morreu, pouco depois d'isto, a viscondessinha de Suzarem, victima de soffrimentos moraes, disse uma folha lisbonense, que uma excursão ao estrangeiro e um passeio ao Porto não poderam debellar.

Assim devia ser. Depois de atirada ao mar a taça, que ficava a fazer na terra a alma do rei de Thule?

Porto, outubro de 1872.

Alberto Pimentel.

EXPIAÇÃO DE UMA ALMA

A EDUARDO COELHO

COMO PROVA DE ESTIMA E ADMIRAÇÃO PELO
SEU TALENTO

off.

João de Mendonça.

EXPIAÇÃO DE UMA ALMA

Era uma tempestuosa noite de dezembro. Achava-me em companhia do dr. Antonio Saavedra e mais dois amigos em uma pequena aldeia da Extremadura hespanhola. Ao pé de um bom fogo, embuçados nas nossas capas, sentiamos com um certo prazer egoista o ruido da chuva, a qual caindo a jorros, e impellida pelo vento, açoitava as vidraças da antiga sala em que estavamos. A chamma da lareira e o bruxelear de um velho candieiro de azeite espandiam luz indecisa sobre os retratos que ornavam as paredes e que das suas carunchosas molduras pareciam olhar-nos. Inspirados ou antes obedecendo á influencia da noite e do logar, fallavamos do mundo invisivel. A respeito de uma historia de apparições sobrenaturaes que o nosso hospedeiro nos contára, tinha-se levantado acalorada

discussão entre o meu amigo B. materialista exaltado e A. que mostrava grande convicção nas transmigrações da alma. Fallaram do espiritismo, d'essa doutrina tão generalisada na America e no norte da Europa, que professando a crença da immortalidade da alma, lhe dá como tarefa para attingir á perfeição diversas incarnações, sendo umas consequencias das outras. B. resolvia todos os factos que o meu amigo A. lhe citava, pelas doutrinas de Büchner e negava as que lhe pareciam pouco authenticas ou incriveis. A. desesperava-se. O doutor escutava-os em silencio; algumas vezes, porém, assomava-lhe aos labios ligeiro sorriso motejador.

Felizmente o nosso hospedeiro mandando servir a ceia pôz termo á discussão, que promettia não acabar tão cedo. Mas o sorriso do doutor tinha-me estimulado a curiosidade, e depois de ter bebido o ultimo copo de xerez, voltei-me para o doutor e disse-lhe :

— Que pensa da alma, D. Antonio? Existe ou não existe?

— É essa uma questão, tornou o doutor, bastante melindrosa.

—Mas emfim o doutor deve ter formado opinião...

— Engana-se; n'esse assumpto sigo o conselho do sabio: duvido e abstenho-me. Comtudo ha na minha vida uma historia, que talvez me levasse a crer no espiritismo se a maldicta duvida se não mettesse de permeio.

— E o doutor vae contar-nos essa historia...

— Com todo o gosto. Vou prevenil-os, porém que é uma historia extensa, extraordinaria, que parece reminiscencia d'aquelles contos de Edgar Poe, de Maxime du Camp ou alguma revelação de Allan Kardec... Mas assevero-lhes que é verdadeira.

O doutor renovou o tabaco do cachimbo, aconchegou-se na poltrona e começou pouco mais ou menos do seguinte modo:

Não ignoram que assisti e infelizmente tomei parte n'essas luctas fratercidas que por tanto tempo ensaguentaram esta pobre Hespanha. Duas facções formidaveis disputavam o poder, commettendo de parte a parte barbaridades inauditas, porque os odios eram implacaveis. Os habitantes das povoações ruraes soffriam toda a classe de vexames: deixando-se roubar para satisfazer a avidez de uma das facções e escapar á morte de que eram amea-

çados, tinham que fugir á outra facção que os espingardeava, que lhes violava as mulheres, que lhes incendiava as casas e devastava as searas, sob o pretexto de que haviam fornecido meios ao partido contrario. Nas cidades a vida não era melhor. As execuções não tinham treguas nem limites. Em toda a parte havia commissões militares. O militarismo, a peior das tyrannias, prendia, julgava, condemnava e executava sem appellação, para isso bastava uma palavra ou um gesto que pudesse ser interpretado de modo desfavoravel ao governo. Além d'isto, conjurações chimericas, baseadas no queixume abafado dos que tinham sido feridos no que lhes era mais querido, forneciam com abundancia victimas ao carrasco. As paixões mais abjectas surdiam de todos os lados : prendia-se o pae, o marido, ou o irmão e faziam-se propostas infames á filha, á mulher ou á irmã. Depois... afogavam-se em sangue as provas de um duplo crime.

Feito prisioneiro com parte do regimento em que servia, a minha qualidade de medico salvou-me a vida. Quanto aos meus infelizes companheiros foram passados pelas armas. Estas execuções, como observei varias vezes, faziam-se nos bandos

carlistas, de um modo excessivamente economico, sempre que as munições eram escaças e os prisioneiros numerosos.

Os padecentes eram mandados pôr em fileira e de joelhos; um official, acompanhado de dois soldados que lhe carregavam as armas, chegando uma pistola ao ouvido do primeiro condemnado, desfechava; e assim successivamente até ao ultimo.

Uma vez, lembra-me bem, quando eu contemplava cheio de horror uma d'essas hecatombes humanas, vi que o official encarregado d'aquella sinistra tarefa, ao dar o ultimo tiro, ao despedaçar o craneo da ultima victima, caira como fulminado. Apressei-me em acudir-lhe. Tinha perdido os sentidos. Mandei-o transportar e instalei-me á sua cabeceira. D. José, era assim que se chamava o official, tinha um fortissimo ataque de catalepsia. Estendido sobre a cama, o rosto impassivel, os musculos immobilisados por uma rigidez tetanica, os olhos tão revirados que a pupilla quasi desapparecia debaixo das palpebras, offerecia um espectaculo horrivel. Empreguei todos os meios ao meu alcance para o chamar á sensibilidade... foi tudo inutil.

Um velho soldado, que ajudára a transportar o

official, e que parecia ter por elle a mesma affeição que o cão tem pelo dono, disse-me que me não cançasse...

— Quando elle está n'esse estado, disse elle, não ha nada que o faça voltar a si. Um cirurgião que nós tinhamos e que esses malditos christinos nos mataram, enterrava-lhe agulhas nas pernas e nos braços sem que elle désse accordo.

O ataque durou uma hora; pouco a pouco os musculos distenderam-se, a respiração accelerou-se, o pulso tornou-se normal, a bocca entreabriu-se. Julguei que o accesso tinha passado. Enganei-me. Fui testimunha de um estranho phenomeno. Seria extase ou allucinação? Pensei repetidas vezes a tal respeito, mas as affecções nervosas dão logar a accidentes tão extraordinarios que é impossivel explical-os.

O rosto do official tinha adquirido toda a sua mobilidade. Respirava com força, levava as mãos aos cabellos com impaciencia, parecia escutar e com o olhar fixo interrogava um horisonte estranho, mas, eu vol-o affirmo, tudo isto sem consciencia das suas acções: dir-se-hia um sonambulo lutando contra um pesadelo.

Levantou-se. No rosto lia-se-lhe uma anciedade extraordinaria. Os labios pallidos entreabertos deixavam ver os dentes fortemente apertados. Um raio de suprema e feroz alegria veiu illuminar-lhe os olhos. Abriu a bocca e suspirou como um homem que vê realisado o que ha muito tempo deseja. Esteve assim por alguns momentos, finalmente assumiu um ar de compaixão hypocrita e ajoelhando disse com voz cava a interlocutores invisiveis :

—Resêmos pela alma do duque que acaba agora de padecer!

Parecia orar e levava a mão aos olhos como para limpar lagrimas. Por fim ergueu-se e lançando em volta de si olhar de supremo orgulho, foi cair sobre o leito. Agitou-lhe os membros convulsão espantosa, soltou alguns gemidos e fechou os olhos. O accesso tinha passado, mas D. José conservava-se ainda sem accordo. Empreguei os meios usados em taes casos e consegui chamal-o a si. Olhou para mim, pediu-me de beber, e com um gesto da mais perfeita resignação disse-me :

—Deus assim o quer!.... é mal incuravel.

—Talvez não, repliquei eu. Sujeitando-se a um regimen... bem sabe que a sciencia tem feito milagres...

—Bem sei: mas commigo seria tempo perdido. Por agora peço-lhe que me deixe socegar, sinto-me completamente extenuado de forças.

Effectivamente o pulso denotava ainda uma certa agitação nervosa. Preparei-lhe um calmante e retirei-me.

Era deveras extraordinaria aquella doença, e a mais ardente curiosidade se apossara do meu espirito. Lembrava-me de ter lido muitos casos notaveis de catalepsia, de extases, e de allucinações, mas não me recordava de uma unica observação em que aquellas enfermidades se achassem reunidas por aquelle modo no mesmo individuo. Tinha grande desejo de escrever para França, para Londres e para Berlim a consultar alguns dos meus collegas, mas na situação em que me achava, prisioneiro dos carlistas, e com as communicações interceptadas, era impossivel. Limitei-me pois a observar o meu doente, guardando as consultas para tempo opportuno.

No dia seguinte fui visital-o. Achei-o assentado a ler. Levantou-se para me cumprimentar e agradeceu-me o cuidado que tinha tido com elle.

—Estou melhor, mas sinto-me ainda fraco. Sem-

pre que me sobrevem um d'estes ataques fico abatido de forças por muito tempo.

— E padece d'esta enfermidade desde creança?

— Não doutor. Desenvolveu-se-me depois dos vinte annos.

— Sem duvida, commoção forte... um grande pezar...

— Compreendo a sua curiosidade doutor, e possa a minha complacencia em satisfazel-a provar-lhe quanto lhe estou obrigado pelo incommodo que teve commigo.

« Minha mãe pertencia a uma nobilissima familia de Biscaia. Namorára-se de um talentoso pintor italiano, mas de obscuro nascimento, e despresando os preconceitos sociaes e da familia casou clandestinamente com elle, e acompanhou-o para Italia.

Viveram felizes por algum tempo até que meu pae denunciado como carbonario foi preso e teve que deixar a vida no cadafalso. Minha mãe reuniu as suas economias e partio comigo para França aonde fui educado. De volta a Hespanha, entrou na posse da herança de seu pae e foi habitar em Biscaia o solar da familia. Mal entrado na juventude tive a infelicidade de a perder. Estive dois annos incon-

solavel, receei até algum ataque de loucura. Deliberei-me por fim, a viajar e n'este proposito acompanhado do meu fiel Beppo parti para Paris. Frequentei os divertimentos, joguei, tive amantes, assisti a orgias, mas tudo isso não me enchia o vacuo que tinha na alma. Começava já a achar a existencia insupportavel e a reflectir no modo de a deixar, quando me namorei de Stella, formosissima filha de um cavalheiro italiano que fôra amigo de meu pae.

Em breve se estreitaram as nossas relações, e eu marcando prazo para o casamento, voltei a Biscaia para pôr em ordem os meus negocios.

Os arranjos indispensaveis para o meu consorcio demoravam-me mais do que eu julgava. Tinha toda a confiança no amôr de Stella, mas a falta das suas cartas inquietava-me. Emfim passado um anno voltei a Paris. Era o triplo do tempo que eu julgara deveria estar apartado d'ella. A noticia de uma grande desgraça me aguardava. O pae de Stella vendo-se falto de recursos e allucinado pela perspectiva da miseria, tinha falsificado uma lettra pedindo a um amigo que lh'a descontasse. Este homem, conhecendo a falsificação, ameaçara-o de o entregar á justiça se lhe não desse a

mão de Stella, que muito amava e que em tempo requestára sem resultado. A filha para salvar o pae sujeitou-se, e o casamento fez-se. No outro dia, porem, Stella appareceu morta. Tinha tomado uma porção de arsenico.

A minha primeira idéa foi despedaçar o craneo com um tiro. Mas pensando no homem que me tinha mergulhado na mais acerba magoa, quando a existencia começava a mostrar-se-me risonha, senti espantoso desejo de vingança. Soube que habitava uma casa de campo pouco distante de Paris. Uma noite dirigi-me para alli acompanhado de Beppo que levava duas espadas. Assaltei-o na estrada quando se recolhia para casa e obriguei-o a internar-se n'um pequeno bosque.

O infeliz recusava-se ao duello, tinha medo e pedia-me perdão; eu fui inexoravel. Levado pelo desespero agarrou na espada com mão febricitante e precipitou-se sobre mim. Mas a minha lamina entrou-lhe no peito. Sentindo-se ferido largou a espada, ajoelhou e estendendo as mãos com gesto supplicante, murmurou:

— Perdão!... Perdão!...

Respondi-lhe com uma gargalhada e derrubei-o

com o pé! Depois tornei a embeber-lhe a espada no peito e... perdi os sentidos.

É pois desde esse espantoso acto de vingança, a que bem não posso chamar duello, que os ataques catalepticos se desenvolveram em mim. Se não ponho termo aos meus males, livrando-me d'esta existencia, para mim fardo pesadissimo, é porque pertendo expiar o meu delicto e tambem porque tenho uma idéa confusa de que a minha vida é expiação a uma outra vida anterior.

Quando descarreguei o ultimo golpe no meu adversario, senti em mim uma coisa singularissima que se repete sempre que aquella extraordinaria doença me accommette. Parece-me que ha alguma coisa que se separa no meu ser. Um poder formidavel leva-me para traz tão rapida e violentamente que é impossivel resistir. Julgo passar atravez de um subterraneo escuro, humido e frio. Aqui e alli produz-se alguma claridade e vejo diversos personagens aonde ha sempre um que sou eu, ainda que não esteja revestido da minha forma actual. A rapidez do meu curso não deixa distinguir as scenas que se passam entre aquelles mudos actores. Soffro muito, faço esforços inauditos para es-

capar á força que me opprime e arrasta. Repentinamente o movimento cessa. Apparece a luz e eu entro n'uma vida nova, inverosimil, mas que eu n'aquelle estado acho naturalissima. Em épocas que não posso determinar, encontro-me n'um paiz que em realidade não conheço, mas do qual durante o meu sonho eu sei as mais pequenas particularidades. Represento um personagem importante: cercam-me homens vestidos de ferro, que se curvam na minha passagem; nobres e gentis damas que me cortejam. Percorro ás vezes os meus dominios acompanhado de numerosa comitiva. Mas de subito desappareçe tudo e, sem transicção, volto á vida real.

Dos meus sonhos catalepticos ha dois que mais me impressionaram.

Estou n'uma sala espaçosa, forrada de tapeçarias, alumiada pela debil claridade crepuscular, coada atravez de largas janellas sacadas. Assentado em cadeira de espaldar tenho por traz de mim um homem de physionomia dura e artificiosa. Aos lados, de pé e descubertos estão tres cavalleiros. Mais desviado um homem vestido de ferro e encostado á sua comprida espada, parece vigiar dois outros

homens que manietados, estão diante de mim. Um d'elles mostra-se altivo, o outro bem diz no olhar que implora o meu perdão.

Para o lado de uma janella jaz um vulto por terra, coberto por escuro panno. Á minha ordem, o homem que está por traz de mim, ergue o envoltorio e deixa vêr um cadaver. É o de um homem de verdes annos. Tem os olhos abertos e embaciados, os dentes apertados, e dos cantos da bocca sáem-lhe dois fios de sangue coalhado. Veem-se-lhe diversas feridas no peito e no pescoço. Eu n'aquelle instante recordo-me perfeitamente de o haver morto, e conto mentalmente as feridas que lhe fiz.

Os dois homens estremecem. O que está mais proximo do cadaver parece desatinado e profere vociferações. O outro de joelhos pede misericordia. Depois entram homens armados que arrastam, por meu mandado, os dois presos para fóra da sala.

Esta scena esvae-se e eu por uma transicção repentina sou levado a um corredor de abobada. Um homem de vermelho caminha junto de tres outros: um d'elles é um padre. N'aquelle corredor ha diversas portas chapeadas de ferro. Entram

n'uma lobrega masmorra. Eu entro com elles sem que presintam a minha presença. Um vulto algemado e preso por largo annel de ferro de grossa cadeia chumbada na parede da prisão, levanta-se de cima da palha que lhe serve de cama, e, pallido, tremulo, no auge do terror, pergunta o que lhe querem. Então o padre dirige-lhe palavras de consolação, dá-lhe a beijar um crucifixo, e parece orar com elle. Um dos homens acerca-se, lê-lhe um papel, em quanto um outro lhe abre o cadeado que o prende á corrente de ferro. O homem de vermelho apodera-se d'elle, ata-lhe as mãos atraz das costas, liga-lhe os pés, lança-lhe um laço de corda ao pescoço. O padecente exclama:

—Deus perdôe a meu irmão Vasco, e a el-rei que me manda assassinar.

O carrasco tendo prostrado a victima, põe-lhe um pé sobre o peito e pucha para si a corda...

Excessivo soffrimento me opprime a alma, poderia dizer que um grande remorso me esmaga.

Esta scena sinistra desapparece e eu sou arrastado pelo mesmo mysterioso poder, que me impelle no começo do meu sonho, á borda de um antro. É uma profunda e escura cisterna. No fundo di-

viso um homem de vestes sacerdotaes. O rosto venerando demostra uma tristeza infinita. Aparta com os dedos cadavericos e tremulos os vermes de pelle glutinosa e fria que lhe percorrem o corpo. Cedendo á necessidade physica, pega n'um pedaço de pão que tem junto de si e come alguns bocados. Levanta-se como agitado por uma grande afflicção, leva a mão ao peito, sae-lhe espuma esverdeada pelos cantos da bocca e cae de bruços murmurando:

— Deus perdôe a el-rei... que me não perdoou a mim!

Sinto o estertor do moribundo. Quero fugir áquelle espectaculo... mas só passados momentos... momentos que me parecem seculos, é que a tenebrosa visão se esvae. Envolve-se-me a alma em espessas trévas. D'ahi a pouco desperto.

O outro sonho passou-se d'este modo. Achei-me em rico e apparatoso aposento. Bellas tapessarias cobriam as paredes, de onde pendiam retratos que eu sabia serem de meus antecessores. Rodeavam-me alguns cavalleiros. Eu, assentado sobre uma cadeira de espaldar, elevada em estrado tapetado e coberta por docel de damasco e ouro,

esperava mudo e anhelante um signal combinado. Como por encanto, a parede do aposento que me ficava em frente tornou-se polida como um espelho. Começaram a apparecer formas confusas que, pouco a pouco, se foram tornando mais distinctas. Vi uma praça publica apinhada de povo. No meio erguia-se um cadafalso forrado de pannos escuros. Uma ponte ou corredor tambem forrado do mesmo modo ligava a sinistra machina a uma casa, d'onde sahia um homem de bella presença, vestido de loba preta e com as mãos atadas com fita de seda da mesma côr. Acompanhavam-n'o tres sacerdotes entoando o *miserere*. Chegando ao cadafalso, o algoz, vestido de dó, capello sobre os olhos, e cingido por uma corda de esparto, tendo na mão uma finissima toalha para cobrir o rosto do padecente, e na outra o cutello, indicou-lhe como se devia deitar sobre o sinistro taboleiro. O condemnado, depois de algumas orações, e de ter feito recommendações verbaes a um dos padres, lançando-se de costas, começou a recitar com os tres sacerdotes o psalmo *In te domine speravi*, e tapando-lhe o algoz o rosto, decepou-lhe a cabeça. Então senti o dobre de um sino; a visão desappareceu; er-

gui-me da cadeira, e com modo que eu queria tornar pesaroso e sentido, disse, pondo-me de joelhos:

—Resemos pela alma do duque que acaba de padecer.

Fingi chorar. Ergui-me passados alguns momentos e lancei sobre os que me cercavam um olhar de supremo orgulho; fez-se noite no meu espirito.

Quando acordei, doutor, achei-o ao pé de mim.»

Interessou-me bastante a narração do official, e já pela curiosidade que a sua extraordinaria doença me inspirava, já pela affeição que elle parecia ter por mim, tornei-me seu amigo intimo.

Conversámos repetidas vezes. D. José tinha muita leitura, era erudito sem ser pesado. Logo que se convenceu que a minha amisade por elle era sincera, deu-se a conversações familiares e tive não poucas vezes occasião de admirar o numero e a escolha de conhecimentos que possuia. Estudára a historia profundamente, estava longe de ser um homem vulgar—era uma intelligencia rara e superior.

Uma vez disse-lhe francamente:

—É para mim coisa inexplicavel, D. José, que

tendo uma alma tão bem formada, se preste a essas infames execuções.

— Julga que as approvo ? Engana-se. Acceito-as como uma necessidade contra a qual não posso reagir.

Dias antes de eu deixar o bando carlista aonde estava detido, D. José foi encarregado de mandar fuzillar dois officiaes christinos.

Estava pallido, deu as vozes de fogo, e logo que a execução terminou perdeu os sentidos como de costume.

O accesso durou muito tempo. Quando voltou a si, achei-o muito fraco.

— É este o ultimo, disse-me elle, não poderei resistir por mais tempo.

Busquei palavras animadoras. Interrompeu-me dizendo :

« O que presenceei durante a minha crise, é um aviso do céo. Quando perdi os sentidos fui levado por essa mysteriosa força que me domina nos meus accessos, ao paiz que eu tão bem conheço nos meus sonhos. Ainda que representando sempre um papel principal já me não cercavam as sedas e os brocados. Deitado sobre uma cama de chão, n'um

aposento forrado de preto, via-me cercado por alguns sacerdotes que entoavam um cantico funebre. Repentinamente senti-me leve e aligeirado de um grande peso. A minha forma bem differente da actual, mas que eu sabia ser minha, continuava immovel no meio dos padres que ajoelhados e de tochas na mão entoavam o *De profundis*, mas eu em espirito apartava-me de alli. Deixava a superficie da terra a ponto de perder de vista o globo. Isolado no meio da immensidade tive medo... cercavam-me as trevas. De subito divisei ao longe, e tão distante que com os meus olhos naturaes o não poderia fazer, um ponto branco que, deixando um luminoso rasto se aproximou de mim e tomou a forma de uma mulher formosissima. Sorriu-se tristemente e disse-me palavras de conforto e de esperança. A visão desfez-se pouco a pouco e eu acordei. »

No dia seguinte devia eu deixar o bando, tendo conseguido a minha liberdade por meio de um resgate em dinheiro. Fui de manhã visitar a D. José.

— Passei a noite horrivelmente, disse-me elle.

Encontrei-o mais fraco do que na vespera. A

febre declarou-se e em breve se desenvolveu com toda a intensidade. Adiei a minha partida, e installei-me ao pé d'elle como medico e enfermeiro. Quando o delirio lhe deixava alguns momentos de lucidez conversava commigo sobre o seu assumpto favorito — *as transmigrações da alma.*

— A doutrina da metempsycose, dizia-me elle, é incompletá. A alma humana sobe sempre e não desce. Os gymnosophistas da India chegaram a entrever a verdade, mas não a comprehenderam.

Durante o delirio que se renovava frequentes vezes lutava contra a ideia fixa de que o não tinham enterrado.

— Porque me não enterraram no jazigo de meus antecessores?

Finalmente um dia em que eu contemplava o meu amigo, conhecendo que o momento extremo se aproximava, entrou na barraca um soldado e entregou-me uma ordem do chefe ordenando-me que me retirasse immediatamente do acampamento. Minha familia tendo pago o meu resgate e vendo que eu não voltava julgara-me morto pelos carlistas. Quiz reagir contra a intimação. D. José não consentiu.

— Parta. Lembre-se da sua mãe que deve estar assustada...

— Pois bem eu parto... mas voltarei.

— Não faça tal. Exigir-lhe-iam um novo resgate. Ainda assim, disse-me elle sorrindo tristemente, se até ámanhã á noite eu não fôr dizer-lhe que passei d'este mundo, volte que me encontrará ainda vivo. Não ria... por vezes os que eu fuzilava de dia me appareciam de noite.

Abracei-o como quem se despede para sempre de um amigo muito querido. Apartei-me com o coração oppresso.

Cheguei a casa de minha familia. Passei o resto do dia com os meus amigos e parentes que me felicitaram pelo meu regresso. Á noite, um caso estranho se deu comigo. Dispunha-me para dormir, quando me pareceu ouvir uma voz longiqua que chamava por mim. Pouco a pouco as palpebras cerráram-se-me e eu achei-me ao pé de D. José. Apontava para um relogio aonde claramente vi serem duas horas depois da meia noite e entregava a Beppo um annel. Olhou-me meigamente com uma tristeza indefinivel, e disse:

— Guardará essa lembrança de um amigo que

muito o estimava. O momento supremo chegou. Não me lamente; vou partir para nova incarnação, e talvez para mundo melhor.

Acordei. O sonho tinha-me impressionado por tal forma que não dormi no resto da noite.

No dia seguinte pela manhã senti bater á porta. Era Beppo que me trazia o annel de seu amo.

— O capitão, disse elle, morreu ás duas horas da noite e encarregou-me de lhe entregar este annel como signal do muito affecto que lhe tinha.

Aqui foi atalhado o doutor pelos meus amigos que lhe pediram que concluisse a historia com a sua opinião.

— Eu não concluo coisa alguma. Contei a historia e deixo aos meus amigos o direito de tirarem d'ella qualquer illacção.

— Mas emfim nunca consultou os seus collegas?

— Consultei tres. O primeiro respondeu-me: « Ha muito que entendo que quanto mais estudo menos sei. Ha phenomenos que se não podem explicar. Comtudo creio n'elles e não os nego como fazem a maior parte dos homens de sciencia. » O segundo escreveu-me aconselhando-me a fechar os olhos a

esses factos isolados e que parecem sobrenaturaes, para só tratar dos meus interesses; e o terceiro concluio: que a doença de D. José era uma allucinação periodica e de caracter particular, originada e desenvolvida pela leitura, e que eu tambem fôra victima de uma forte excitação cerebral [1].

[1] Esta narrativa moldada nas reminiscencias de um conto de Maxime du Camp, é baseada n'uma veridica historia que foi contada ao auctor durante as suas excursões em terras de Hespanha.

INDICE

DA PARTE D'EL-REI

BRINDE

offerecido pela

EMPREZA HORAS ROMANTICAS

aos seus

CORRESPONDENTES E ASSIGNANTES

e a todas as pessoas que têem contribuido para a prosperidade d'esta empreza.

1873

A. M. DA CUNHA E SÁ

DA PARTE D'EL-REI

ROMANCE HISTORICO DO SECULO XIV

Todo aquelle que jouver com manceba que viver com seu senhor, que moira porem. E esto se entenda assy nos fidalgos como nos villãos.

(Lei de D. Diniz.)



LISBOA

HORAS ROMANTICAS

102 — Rua dos Calafates — 102

1873

Typ. Portugueza — Rua da Paz, 7 (aos Poyaes de S. Bento)

ADVERTENCIA

O que vae ler-se, e a que se deu o nome de *romance historico*, é apenas uma desambiciosa tentativa d'alguem obscuro em coisas litterarias. Constantemente encarregado das traducções dos romances historicos publicados por uma das primeiras empresas editoras do meu paiz, muitas vezes tenho sentido verdadeiro pezar de ver que os factos da historia alheia, bem ou mal estudados, obtêem extraordinaria vulgarisação, emquanto que os factos da historia patria continuam desconhecidos para o vulgo, porque o vulgo não quer, e muitas vezes não pode, aprender historia nos livros que d'ella tratam exclusivamente. Escrevendo este volume nos minguadissimos momentos roubados ás minhas não poucas horas de trabalho quotidiano e indispensavel, não tive a louca pretenção de lançar um jorro de luz sobre a epocha de que elle trata, — jorros de luz que illuminem em cheio uma epocha, só podem partir d'homens da estatura do auctor do *Monge de Cister* ou da *Mocidade de D. João V*, — mas apenas passar para o

romance, cujo gosto está hoje tão generalisado, um facto que ainda não fôra, segundo me parece, tractado d'esta forma. Muitas vezes, ao consultar um ou outro livro que me podesse guiar no meu trabalho, deplorei a abstenção litteraria a que se condemnou o illustre auctor da Historia de Portugal, e outras tantas reconheci que os factos e os costumes portuguezes do seculo XIV, como da maior parte dos seculos que se seguiram, ainda estão por estudar, que o caracter do rei que se chamou D. Diniz, como de muitos de seus successores, ainda está por conhecer. O romance — DA PARTE D'EL-REI — não pode, nem poderia nunca preencher similhante lacuna, em relação á epocha de que trata, nem com similhante intento foi escripto; lançado aos ventos da publicidade, poderá, o muito, attestar a boa vontade de quem o escreveu. Aquelles porem, que mais felizes, tiverem tempo e talento, que emprehendam n'este sentido mais audazes commettimentos, e ensinem ao povo a historia patria, na forma que lhe é mais grata, o romance, porque hoje, mais do que nunca, seria conveniente que o nosso povo soubesse a sua historia.

A. M. da Cunha e Sá.

DA PARTE D'EL-REI

I

O firmal de oiro

Guarde-vos Deus,
Señor e lume d'estes olhos meus.
....
Al vos quero dizer
De que sejades ende sabedora.
(Trovas do seculo XIV)

Corria uma noite triste e sombria dos fins do anno de 1361 da era de Cesar. Reinava profundo silencio nas ruas da velha Lisboa, a escuridão era completa, e só por vezes a lua, espreitando por algum rasgão aberto nas nuvens grossas e pardacentas encastelladas no firmamento, illuminava frouxa e instantaneamente as ruas da cidade, cuja casaria se apinhava pelas ingremes ladeiras da Alfama e da Alcaçova ou monte do Castello, e que mal cabendo no estreito recinto da muralha velha, galgara esta, espraiara-se com desafogo da banda do Occidente pelo terreno que hoje occupam as freguezias da Magdalena e S. Julião, e já começava a trepar pela assomada do monte chamado então da

Pedreira, e onde presentemente ainda campeiam as ruinas do gothico mosteiro do Carmo, edificação devida á piedade do grande condestavel Nuno Alvares Pereira.

Eram porém raros esses momentos, a lua desapparecia bem depressa por detraz do negrume das nuvens, e a escuridão tornava-se profunda e tenebrosa nas viellas e encruzilhadas da velha cidade, porque ainda então ninguem se lembrara de substituir o pallido astro das noites por um systema qualquer de illuminação publica, embora mais pallido, melhoramento que só muito tarde, no seculo xviii, segundo rezam as chronicas, o intendente Pina Manique se lembrou de introduzir na cidade de Lisboa, cuja policia estava então a seu cargo.

Reinava, pois, silencio profundo, porque havia muito que nas torres da Sé tangera o *sino de correr*, que era n'aquelles velhos tempos o signal para todos os habitantes, peões ou fidalgos, besteiros do concelho ou cavalleiros da casa d'el-rei, se recolherem aos seus lares, e dormirem sob a guarda e vigilancia das roldas que percorriam as ruas, e dos velas ou vigias, que das muralhas e torres do Castello velavam attentos a cidade adormecida.

Através das frestas e janellas dos vetustos edificios não brilhava uma unica luz, e, o que ainda é mais para admirar, apesar do senhor rei D. Diniz estar então com a sua côrte no velho palacio da Al-

caçova, ou paços do Castello, como se chamava o alcaçar de Lisboa, era tambem tão absoluta a escuridão, e tão profundo o silencio na vivenda real como no albergue do mesteiral mais humilde ou do galiote mais brigão que por aquelles tempos servisse sob as ordens de Micer Pezagno, almirante das galés de sua senhoria el-rei.

De repente, porém, quando a noite já ia adiantada a avaliar pelo tempo decorrido após as ultimas badaladas do sino da cathedral ouviu-se um ruido de passos, e d'uma das viellas proximas do palacio real sahiu um vulto.

Como já dissemos, o alcaçar real chamava-se paços do Castello por ficar situado dentro do castello de Lisboa, e n'um sitio não muito distante e quasi fronteiro á porta hoje principal do castello de S. Jorge.

Pela maneira como parecia, apesar da escuridão da noite, querer esquadrinhar todos os recantos onde se podesse abrigar algum observador curioso, o vulto mostrava ter grande interesse em não ser visto n'aquella excursão feita sob o mysterio das horas mortas.

Cosendo-se o mais possivel com a parede, o vulto assomou á esquina da rua, que corria ao longo do alcaçar, e espreitou.

Esta rua era formada d'um lado pelo alcaçar, e do outro pela capella real. A meio da rua havia um

passadiço, que punha o palacio em communicação com a capella.

Depois de se certificar, quanto as trevas lh'o permittiam, que d'aquelles lados não vinha viv'alma, o desconhecido metteu pela rua em direcção á embocadura opposta.

Mas, ainda bem não tinha chegado ao passadiço, quando do fundo da rua soaram passadas, que pelo ruido pareciam de mais d'uma pessoa.

Então o mysterioso transeunte hesitou, parou e quasi fez menção de voltar para traz. Mas, como que inspirado por subita idéa, em vez de retroceder, avançou depressa, metteu-se n'uma especie de portal que havia por baixo do passadiço e esperou.

Não tardou muito que as pessoas que vinham pela rua fóra chegassem em frente do portal.

Eram dois vultos de homem. Vinham tão embuçados em fartos capeirões e com os rebuços tão puchados para o rosto, que ainda que fizesse muito luar, seria impossivel reconhecel-os.

Um dos vultos trazia uma lanterna.

Passaram tão proximo do portal, que se este não fosse muito profundo, teriam por certo divisado o vulto que se abrigava nas suas sombras.

Quando já iam a distancia do passadiço pararam ambos.

O desconhecido animou-se então a sair do portal, e poz-se em observação.

Os dois vultos tinham-se desembuçado um pouco e trocavam n'aquelle momento algumas palavras entre si. A distancia não permittia ouvir-se o que diziam; porém a luz da lanterna illuminou em cheio um d'elles, e o que se occultara no passadiço, exclamou com uma voz sumida e em que se revelava alguma commoção:

— El-rei!

Era effectivamente el-rei D. Diniz, mas os receios do desconhecido bem depressa se desvaneceram, porque sua senhoria, aconchegando mais o rebuço do seu capeirão, tornou-se a pôr a caminho e desappareceu d'ali a pouco voltando a esquina na direcção da porta da cerca chamada da Alfofa.

Assim que o mysterioso rondador nocturno se convenceu de que sua senhoria el-rei e o seu companheiro iam já longe, atravessou mais affoito a rua, e dirigiu-se para baixo d'uma janella gothica, que n'aquelle sitio, para além do passadiço, era a unica do alcaçar.

Momentos depois de se ter aproximado da janella, ouviu-se um como ruido de uma adufa, que se abria, e uma voz mimosa e juvenil que dizia n'um tom que o receio parecia reprimir:

—És tu, Affonso?

—Sou, Ermezenda. Ha muito que me aguardavas?

—Não, Affonso, n'este instante cheguei, e por certo não esperava ver-te já.

— É que o meu coração, Ermezenda, faz por abreviar o mais que pode as horas, quando anceia por te ver.

— Horas que o meu coração acha bem longas quando está triste de te não ver.

— Ermezenda!

— Affonso!

— A tua promessa.

— Insistes?

— Imploro.

— Oh! meu Deus.

— Recusas?

— Não, receio, mas não é por mim. Que valia o amor se hesitasse ante o sacrificio? É por ti, por ti só que tremo.

— Por mim! E dizes que não hesitas ante o sacrificio? Heide eu hesitar? Olha, Ermezenda, tenho muito, muito que te dizer, e a rolda está prestes a passar. E quem sabe? talvez peor que a rolda.

Gemeu no silencio da noite um fundo suspiro e passados momentos descia da janella ao longo da parede uma escada flexivel, uma escada de corda.

O mancebo, pois que a voz do desconhecido era fresca, sonora e varonil, depois de se assegurar de que ninguem apparecia, trepou com a agilidade só permittida aos verdes annos, e em poucos instantes galgava o peitoril e achava-se da banda de dentro

da janella, tendo o cuidado de recolher a escada de corda.

O aposento onde o mancebo entrou por modo tão estranho, era de limitadas dimensões. Allumiava-o escassamente a frouxa luz d'uma lampada que ardia em frente da imagem d'uma Virgem collocada em cima d'uma especie de bofete. Ao longo da parede fronteira ao bofete corria um estrado alcatifado.

Era n'este estrado que se achava o vulto de mulher que assomara ao peitoril da janella, e que dava pelo nome de Ermezenda.

Estava sentada, apoiava os braços nos joelhos e sobre as mãos apoiava o rosto. A luz da lampada dava-lhe em cheio no gracioso busto, mas não era possivel ver-lhe as feições. Occultavam-lh'as não só as mãos, mas tambem os bastos e louros cabellos, que divididos ao meio, e apenas seguros por uma estreita faixa de seda azul enfeitada de perolas que lhe circumdava a fronte, lhe caiam, segundo a moda do tempo, soltos e ligeiramente annelados em volta do collo e por cima das pequeninas mãos que da maneira como estavam pareciam querer occultar senão as lagrimas do remorso, pelo menos as rosas do pudor.

Era entretanto um vulto gentil; o airoso sainho de seda que lhe envolvia o tronco, accusava apesar de muito discreto que queria ser, umas formas de delicados e morbidos contornos, e d'uma graça e

d'uma flexibilidade capazes de causarem desesperada inveja á mais espartilhada beldade dos nossos tempos. Por baixo da roda da sua faldrilha ou saia refegada de festos, comprimido n'uma especie de sapatinho de marroquim vermelho terminando em bico, assomava um pésinho curvo, delicado e tentador.

Ao dar com os olhos na donzella sentada no estrado, o recemvindo estacou. Como que os movimentos se lhe paralysaram subitamente. Talvez fosse effeito do deslumbramento, talvez effeito d'um remorso repentino que lhe invadisse a alma ao ver tanta formosura como que vergando ao peso de vago soffrimento.

E de feito aquelle vulto assim curvado não parecia senão o de um anjo que houvesse descido á terra a carpir sobre a celeste flor da innocencia prestes a desfolhar-se.

Foi porem mais forte a fascinação do que a duvida ou o receio. A passos vagarosos, o mancebo dirigiu-se para a donzella e ajoelhando-lhe ao pés, disse-lhe n'uma voz suave como um murmurio, sentida como um suspiro:

—Porque estás assim triste, Ermezenda, quando n'este momento o meu coração tresborda de alegria e de felicidade?

Ao ouvir esta voz em cuja entoação vibrava toda a doçura e todo o affecto d'uma alma apaixonada Ermezenda ergueu a fronte.

Era uma fronte mimosa e de celestial expressão; na franja das aureas pestanas scintillava-lhe a humidade de duas lagrimas recentes.

Encarando no mancebo que lhe jazia aos pés, exclamou com um gesto em que se traduzia toda a ancia amorosa de que é susceptivel a alma d'uma virgem.

— E ainda m'o perguntas? Oh! não me perguntes pela minha tristeza, mas pelo meu desespero, pelos remorsos d'este crime que estou commettendo... que ambos estamos commettendo.

— Crime! que palavra tão dura, tão severa estás ahi a dizer?

— Crime, sim. O que nós estamos fazendo não tem outro nome. Pois não attentas, Affonso, em que estes aposentos fazem parte dos da rainha minha senhora? Oh! nem pensar quero nas horrendas consequencias que proviriam de se descobrir que tu, Affonso, entraste de noite a occultas, no aposento d'uma donzella do paço. Oh! demasiado sabes quanto sua senhoria el-rei é severo com similhantes faltas.

— Vãos receios, Ermezenda, quem havia de adivinhar que Affonso Fernandes, o escudeiro mais amado da rainha, entra por altas horas no aposento de Ermezenda Sanches, donzella de mui nobre linhagem ao serviço da mesma senhora?

— Difficil seria advinhar, por certo, Affonso mas

que impede que algum rondador nocturno veja casualmente sair um vulto de homem d'uma janella d'esta parte do palacio e acusasse a rainha... Oh! nem quero pensar n'isso.

E a donzella tornou a occultar o rosto nas mãos; pelo convulso ondular do seio parecia chorar.

—Ermezenda, redarguiu o mancebo com voz repassada de ternura e um pouco commovida, quem faz o milagre de transformar em rosas o dinheiro e o dinheiro em rosas, pode muito melhor fazer o milagre de emmudecer a lingua d'um vil calumniador.

Como se um tal argumento lhe calasse o animo, a donzella abaixou as mãos; estava já mais serena e uma vaga alegria começava a illuminar-lhe o rosto.

—Isso pode, Affonso, e a senhora rainha é uma santa.

Ao acabar de proferir estas palavras a donzella da rainha já chamada á realidade da situação, agarrou nas mãos do escudeiro que ainda estava ajoelhado e fez uma doce violencia para o levantar. O namorado mancebo beijou-lhe as mãos com ardor, e obedecendo docil e pressuroso aos desejos da amante, ergueu-se e sentou-se-lhe ao lado.

Foi então que reparou na imagem que lhe ficava em frente. Tirou por isso devotamente a sua gorra de veludo negro que até ali conservara na cabeça.

Ainda não tivemos occasião de descrever o personagem que primeiro figura no nosso romance. Vamos fazel-o, mas em traços muito ligeiros, agora que a luz indecisa que illumina o aposento nos permitte ver-lhe um pouco as feições.

Era um mancebo alto, robusto, e na flor da edade. O comprido cabello castanho escuro que lhe cahia solto até aos hombros, segundo o uso d'então, os olhos escuros e o rosto um pouco moreno accusavam a sua origem meridional. Tinha uma physionomia franca e expressiva que denunciava animo leal e resoluto. Trazia, como dissemos, uma gorra ou birrete de veludo negro, e só temos a accrescentar que era ornada por uma pluma branca presa ao lado por um broche de prata. Por baixo do capirote via-se-lhe um jubão de côr escura, mas farpado ou golpeado de côres mais vivas. Por unica arma cingia uma adaga presa n'um cinto de coiro ornado com alguns singelos lavores de prata. Pelo que se vê, não vinha muito armado, mas, a avaliar pela sua robusta corporatura, e pela energia que revelava no rosto varonil, devia ser adversario temivel, se alguem se lembrasse de o atacar na solidão das viellas e encruzilhadas da tenebrosa Lisboa d'aquelles tempos.

Como dissemos, sentou-se ao lado de Ermezenda. Agarrando-lhe uma das mãos com a mão direita e rodeando-lhe com o braço esquerdo o corpo

airoso que cedeu flexivel sob tão suave pressão, o moço escudeiro aconchegou-a a si.

Formavam um grupo encantador; os longos e aureos cabellos de Ermezenda confundiam-se com os cabellos negros de Affonso Fernandes.

Depois de permanecerem em silencio por algum tempo, silencio em que talvez dissessem mais do que se trocassem as palavras mais fervidas e apaixonadas que o amor inspirasse, o mancebo exclamou:

—Que bom seria, Ermezenda, se isto podesse assim durar sempre.

—Mas não pode, Affonso; é esta a primeira vez que entras n'este aposento, e será a ultima.

—Que dizes, volveu o mancebo com voz commovida; pois serás tão cruel, que mal eu toco com os labios na taça da suprema ventura, m'a arranques e com ella a esperança que tão fundas raizes tem creado na minha alma?

—Não, a esperança, não, atalhou a donzella; qnanta meus labios te podem dar, quanta meu coração te pode offerecer, tel-a-has tu; mas não vês, Affonso, quão terriveis seriam as consequencias, se el-rei soubesse do feito que esta noite praticamos. Quem seria fiador da innocencia dos nossos amores, da lealdade das nossas promessas? Não é por mim, Affonso, que receio. Que me poderia acontecer? que castigo me poderiam dar porque o amor me desvai-

rou a ponto de admittir no meu aposento o mais nobre e leal dos escudeiros que n'esta côrte se crearam? A perpetua solidão do claustro? E o que valia um tal castigo para quem tivesse a alma solitaria de todos os affectos, despojada de toda a esperança, attribulada pela dor mais cruel de quantas podem opprimir a alma d'uma donzella, a perda do ente amado, d'aquelle que constituia toda a sua illusão, todo o seu porvir? O claustro não seria castigo, seria consolo; quando as esperanças da terra nos fogem, levantam-se os olhos ao ceu, e raro será que ás almas puras e crentes não desçam as esperanças do ceu, como as gotas d'orvalho descem, nas trevas da noite, ao seio das flores. Não é por mim, repito, que tremo, é por ti, Affonso. Se el-rei soubesse d'este feito, que é um attentado contra a honra do alcaçar, a morte, talvez a morte affrontosa e infamante, como a tem o mais tredo villão, fosse o castigo da tua culpa.

—Mas quem poderia, Ermezenda, adivinhar que eu estou aqui?

—Na côrte as paredes têem olhos e têem ouvidos. N'estes paços fervem as intrigas, e para prova ahi vemos as constantes discordias que reinam entre el-rei e seu filho D. Affonso, intrigas a que nem a propria rainha tem escapado apesar de ser tão boa e virtuosa. E demais bem deves saber o rival que tens em Fernão Froyão, hoje valido de sua se-

nhoria el-rei, rival terrivel, não pela graça que ache ante meus olhos, mas pelo favor que el-rei lhe dispensa, e sobretudo pelos tenebrosos recessos da sua alma depravada. Se elle soubesse estarias perdido.

O moço escudeiro não pôde deixar de estremecer; lembrou-se do encontro que tivera havia pouco. Nada disse porém a similhante respeito para não assustar a donzella.

Passados poucos instantes, em que permaneceu em grave cogitação, exclamou:

—Tens razão no que dizes, mas por hoje estou certo que Fernão Froyão não me pôde nem me poderá ver. Sei que a estas horas está com el-rei na torre Albarrã; el-rei só voltará tarde ao alcaçar. Por hoje todos os receios são infundados.

—Mas não é só por elle que tens a recear, volveu a gentil donzella. Já todos suspeitam do nosso amor. Como te disse, a côrte é toda olhos e ouvidos, mas ouvidos muito apurados e olhos muito penetrantes. Ainda no outro dia, no ultimo serão que el-rei deu no paço, a poucos passaram desappercebidas aquellas trovas de tua composição, em que fallavas de fios de oiro em allusão aos meus cabellos. Todos me fitaram; não pude deixar de sentir a mais viva commoção; as faces escaldaram-me. Levada de instinctivo terror olhei para o teu rival; estava pallido e o olhar que para ti dirigia, foi mais de que

um olhar de morte, foi um olhar de odio vil e covarde que não hesita em recorrer á mais baixa intriga, á traição mais vil para satisfação dos seus maus impulsos.

— O covarde, volveu o moço escudeiro com voz tremula de colera, já não ousa medir-me face a face; tem medo, incommoda-o a minha generosidade. Lembra-se com rancor d'aquella lucta em que eu, fazendo-lhe saltar da mão a espada, lhe apontei a minha ao coração e o tive á minha mercê. Não o matei, não quiz esterilisar a terra com a peçonha d'aquelle sangue. Fiz melhor, cuspi-lhe nas faces o perdão. Hoje, mal podendo engulir a affronta, quer recorrer á intriga só propria de villões para tirar a desforra. Não receio; confio em Deus e no teu amor que para mim está logo abaixo de Deus.

— Não blasphemes, Affonso; não juntes o santo nome de Deus ao nome d'um sentimento tão mundano e tão mesquinho.

—Enganas-te, alma da minha alma; o amor tem uma natureza divinal. Que valeriam, sem o amor, a inspiração dos poetas e a espada dos cavalleiros? É o teu amor que dirige o meu braço na lucta das armas, é o teu amor que me inspirou um meio seguro de alcançar a minha ventura, de realisar os meus ardentes sonhos, mas de modo que nada possam contra nós, nem as intrigas da côrte, nem as odientas machinações d'algum rival indigno.

—Mas que meio é esse? exclamou Ermezenda com uma voz em que se manifestavam a anciedade e a duvida, o receio e a esperança.

—Eis o meu plano, Ermezenda. Como sabes, o ciume com que o senhor infante D. Affonso, filho legitimo e primogenito d'el-rei, e futuro successor d'estes reinos, vê sempre as provas de entranhado affecto que sua senhoria el-rei dá constantemente ao seu filho natural D. Affonso Sanches, tem sido continuada origem de graves desordens na côrte e até de luctas á mão armada entre el-rei e o infante. Ultimamente estas luctas e dissenções estavam um pouco acalmadas em razão do senhor infante D. Affonso Sanches se haver retirado para Castella; mas como o senhor infante voltou novamente a esta côrte, o infante legitimo, o senhor D. Affonso vendo com maus olhos o regresso de seu irmão natural, poz-se outra vez em campo contra el-rei seu pae. Tomando por pretexto não lhe haver satisfeito certas pretenções, acaba de sahir de Santarem á frente dos cavalleiros da sua casa e de turbamulta de peões e de malfeitores, e vem, caminho de Lisboa, resolvido a obter pelas armas o que de bom grado não logrou obter da real munificencia. El-rei está, como das mais vezes, resolvido a ir ao encontro do filho e a reprimir-lhe a ousadia. Da irritação de animo em que se acham os dois augustos contendores é de esperar que a lucta seja renhida e sanguinolenta.

Como escudeiro fidalgo da creação d'el-rei, pertence-me acompanhal-o e pelejar em prol de sua causa. É por esta occasião que espero, Ermezenda. Se for a lide renhida, como é de crer, hei de forçosamente ter occasião de mostrar quanto pode o gume da minha espada, quanto vale a rijesa do meu braço. Então, no mais acceso da lucta, tal proeza hei de praticar, tamanho feito d'armas hei de commetter, que el-rei, meu senhor, recompensará por certo o meu valor, armando-me cavalleiro. E eu, Ermezenda, terei conquistado pela nobresa das armas o direito de desposar uma donzella de tão nobre linhagem como tu, e não hesitarei mais em declarar a sua real senhoria o segredo do nosso amor, e pedir-lhe consinta na realisação das minhas, das nossas mais doces esperanças. Oh! e el-rei que é de animo justiceiro não me recusará por certo a legitima posse do teu amor, e tu, Ermezenda, serás minha, só minha, embora pese a covardes e traidores que me invejam a ventura de ser amado por ti.

A commoção fazia arfar o seio da donzella, cujas seductoras ondulações o sainho a custo recatava na sua prisão de seda. Com o fulgor da esperança a rutilar-lhe nos olhos, contemplava n'uma especie de embevecimento o garboso mancebo que na força da exaltação se pozera de pé.

Quando a commoção a deixou um pouco mais desenleada, Ermezenda exclamou:

— Participo das tuas esperanças, applaudo o teu temerario projecto, mas...

— Mas, o que, Ermezenda?

— É incerta a sorte das batalhas, ao braço mais robusto fallece ás vezes a força. E se tu morresses? accrescentou a donzella com a voz tremula de receio.

— Morrer! oh, não, não hei de morrer; confio em Deus, confio no teu amor, confio nas tuas orações. E foi para t'as pedir, e foi para te participar os meus projectos que vim aqui. Oh! e por isso puz em perigo a tua honra, a tua virtude! Que hei de fazer, meu Deus, para ser perdoado?

E n'isto o mancebo ajoelhou-lhe aos pés.

A donzella não redarguiu, fitou-o apenas com olhos em que se lia na profundidade d'uma alma a immensidade d'um affecto. Nos olhos do mancebo, viu ella outro abysmo; não pôde resistir á attracção, curvou-se, e pousando os seus labios nos labios do mancebo, formou assim mais um elo á cadeia que já unia aquellas duas almas sequiosas de ventura.

Foi um extase; ao accordar d'elle, Ermezenda teve uma como inspiração. Mettendo os dedos na alva gorgeira que lhe cingia o pescoço, tirou do seio um pequeno objecto que pela cor e pelo brilho parecia de oiro, e que trazia pendente do collo por uma fita de veludo negro.

Era um firmal, especie de veronica que por devoção muito se usava n'aquelle tempo extremamente religioso. Tinham similhantes objectos muitas vezes gravada uma imagem, outras vezes continham alguma santa reliquia.

Ermezenda desatou a fita e cingindo-a no pescoço do escudeiro, disse:

— Olha, Affonso, quando fores á lide com el-rei leva este firmal. Não te esqueças de o trazer sempre comtigo. Deu-m'o a nossa santa rainha quando estive doente de perigo ; mal m'o poz sarei logo. Tenho-o sempre trazido desde então. Se o levares quando fores á lide, fio que não te ha de succeder mal. Eu fico sem a sua milagrosa protecção, mas tenho ali a virgem e ella ha de amparar-me.

Affonso Fernandes levou aos labios o precioso objecto; estava ainda tepido com o calor do seio d'onde sahira.

Mas apenas tinha beijado a devota reliquia, no rosto de Ermezenda pintou-se o mais vivo terror. No aposento proximo ouviu-se o ruido d'alguem que se aproximava.

Ermezenda ergueu-se vivamente, e exclamou com voz tremula:

— Por Deus, retira-te; é a rainha!

O ruido dos passos tornava-se cada vez mais proximo. Não havia tempo a perder; cheio de terror o mancebo dirigiu-se para a janella, salvou o peitoril e

segurando-se nas mãos deixou cahir o corpo ao longo da balaustrada.

Mas no mesmo instante a maior angustia se apoderou d'elle; faltava-lhe a escada de corda, e já não era tempo de a ir buscar; a rainha assomara á entrada do aposento e parecia dirigir-se para a janella.

Com a vista allucinada mediu a altura; não lhe pareceu muita. Enchendo-se de coragem, e encommendando-se a Deus, largou as mãos. Caiu de pé, mas fugiu-lhe a luz dos olhos, teve uma especie de vertigem, cambaleou e baqueou de chofre na calçada.

N'aquelle momento vinham pela rua fora os mesmos dois vultos que tempo antes haviam passado e que não eram outros senão el-rei e seu valido.

Ao sentirem o baque correram ao sitio onde o corpo cahira, e viram um homem por terra.

II

As vigilias do rei e as vigilias da rainha

> Esta torre era muito forte
> e non foi porem acabada.
>
> Fernão Lopes, chr. de D. Pedro.

Como soubemos no capitulo antecedente pela exclamação que o amante de Ermezenda Sanches soltou quando pôde ver do seu esconderijo os dois vultos, graças á luz da lanterna que um d'elles levava, el-rei achava-se áquellas horas fora do alcaçar real.

Segundo dissemos, el-rei parara, e se o bom escudeiro podesse a tal distancia ouvir o pequeno dialogo que sua senhoria travara com o seu companheiro, teria serios motivos para graves aprehensões. Nós porem a quem as distancias não servem de obstaculo e temos o rigoroso dever de não perder o fio

d'esta veridica historia, fio que laboriosamente vamos seguindo, em meio da confusão das velhas chronicas e manuscriptos que rezam d'este caso, julgamos conveniente pôr o leitor ao facto das poucas palavras trocadas entre os dois rondadores nocturnos na rua ou viella que corria entre os paços da Alcaçova e a capella que lhes pertencia.

Quando já iam a distancia do passadiço um dos embuçados voltou-se para o que levava a lanterna e disse de repente:

— Quiz-me ha pouco parecer que sentia passos d'alguem. Percebeste algum vulto, Fernão Froyão?

— Saiba vossa real senhoria que não appercebi nem ouvi coisa alguma, se bem que não seria para admirar, porque me lembro agora de ter ouvido dizer que já alguem por horas mortas viu rondar um vulto por aqui, por baixo da janella...

— De que janella? accudiu o outro vulto que não era outro senão el-rei D. Diniz.

— Da janella da senhora rainha, respondeu Fernão Froyão, escudeiro que andava então muito no valimento de D. Diniz.

— Attenta nas tuas fallas, Fernão, atalhou el-rei com a voz um pouco alterada, a senhora rainha é tão austera de sua pessoa que difficilmente alguma das suas donzellas poderia illudir-lhe a vigilancia, ou conceber sequer pensamentos ruins tendo constantemente á vista os exemplos da sua virtude. Deixemos

porem esses boatos absurdos e sigamos nosso destino que já vae adiantada a hora.

E sua senhoria el-rei aconchegando mais o rebuço do seu farto capeirão, poz-se de novo a caminho, não sem primeiramente relancear um rapido olhar para o fundo da rua. Mas o silencio era absoluto e a escuridão completa, porque nem mesmo por onde vimos entrar o namorado escudeiro, irrompia n'aquelle momento pelas rotulas da adufa a mais frouxa claridade que despertasse suspeitas a el-rei.

Chegados ao fim da rua, el-rei e o seu escudeiro voltaram á esquerda, e depois de atravessarem quasi diagonalmente o terreiro que havia em frente do paço, desceram pela rua ingreme que ia ter á porta da Alfôfa, que d'aquelle lado era a primeira da cidade, e devia ficar no cimo da calçada, hoje chamada de S. Chrispim.

Pela direcção que el-rei levava, parecia que ia sahir da velha cerca.

Antes porem da porta da Alfôfa, que era aberta na muralha da cidade e olhava para o poente, havia então a porta principal do Castello, que ficava muito proxima da Alfôfa e olhava para o Sul.

Por cima da porta principal do Castello elevava-se uma torre que não estava concluida e a que chamavam torre Albarrã ou do Haver. Era n'esta torre que se guardava o thesouro d'el-rei e se ar-

recadavam todas as quantias que constituiam os rendimentos da nação.

Ao chegarem á porta do Castello el-rei e o seu privado em vez de a transporem, desappareceram pela pequena porta que ia dar á torre Albarrã.

Não seguiremos el-rei ao interior da torre; o estado de guerra em que se achava o reino por causa da ultima rebellião do infante D. Affonso motivava talvez algumas visitas amiudadas á casa do Haver, onde el-rei provavelmente ia consultar o seu thesoureiro-mór, o judeu D. Judas, sobre os recursos de que podia dispor para a sustentação da lucta com seu filho o infante D. Affonso. Não affiançamos comtudo que este fosse o motivo que levava n'aquella noite el-rei á casa do thesouro, mas o que nos atrevemos quasi a affiançar é que elle a devia visitar muitas vezes, porque D. Diniz foi um rei muito zeloso e miudo em questões de dinheiro, como parecem proval-o as discordias que houve entre elle e o filho por causa do augmento dos rendimentos que D. Affonso exigia varias vezes. Não sabemos qual dos dois teria razão, nem se este motivo, entre outros que D. Affonso allegava para se pôr em campo contra o pae seria ou não verdadeiro, comtudo affigura-se-nos que se o infante herdeiro se valia d'esse pretexto é porque elle não peccava por absurdo.

Se este livro estivesse destinado a chamar a attenção de alguem talvez fosse motivo de reparo o

dar-mos a D. Diniz qualidades tão chatas e burguezas; nós, porém, fazendo, não uma apreciação de historiador, porque temos o folego curto para tamanhos sopros litterarios, mas uma simples confissão de homem sincero, dizemos que ao encarar bem de frente o rei que nos dão a conhecer nas escólas pelo cognome de Lavrador, não nos parece que fosse pessoa a quem se devam erigir altares, nem de santidade, nem de gloria. Uma outra qualidade que não o honra foi a demasiada tendencia que sempre mostrou para atraiçoar a fé conjugal. N'isto teve muitos modelos e imitadores, mas n'elle são talvez mais para se notar similhantes faltas, porque tendo posto em vigor a lei que serve de epigraphe a este livro, era o primeiro que pelo seu exemplo induzia os vassallos a esquecerem-n'a. Fechando porém este parenthesis, reatemos o fio da narração e vejamos o que mais fez el-rei fóra dos paços da Alcaçova ou do Castello n'aquella noite fatal.

Depois de bastante demora na torre Albarrã, el-rei voltou pelo mesmo caminho por onde fôra e tornou a entrar na rua que ladeava o palacio real.

El-rei vinha cabisbaixo, e não dava palavra; parecia que profundos e talvez tristes pensamentos o preoccupavam. Fernão Froyão, pelo contrario, vinha de cabeça erguida, olhando sempre em frente, e parecia prescutar o que quer que fosse em meio das trevas.

E de feito, no momento em que ambos sahiam de baixo do passadiço, a vista inquieta do escudeiro, graças á viva claridade do luar, que n'aquelle momento conseguira infiltrar-se por uma fenda aberta no nevoeiro, descubriu um vulto que tendo galgado o peitoril da janella e deslisado pela balaustrada, se conservava suspenso e immovel ao longo da parede.

Ao aperceber o vulto, o escudeiro sentiu uma tal commoção que esquecendo-se por assim dizer da qualidade da pessoa a quem acompanhava, não se pôde conter, e parando de repente, apontou para a janella e exclamou em voz baixa, mas que deixava transparecer certo alvoroço:

—Eil-o.

D. Diniz, ao ver parar tão de subito o seu companheiro, parou tambem, e attentando no gesto que elle fazia, olhou na direcção indicada.

Quando D. Diniz distinguiu o vulto, que evidentemente sahia da janella dos aposentos da rainha, soltou uma exclamação de colera.

N'este mesmo momento el-rei e Fernão Froyão viram com bastante assombro o vulto despenhar-se da janella, em vez de descer suavemente por meio d'alguma escada de corda, ou por outro qualquer modo.

Como relatamos no capitulo antecedente, Affonso Fernandes vacillou e cáhiu de chofre sobre a calçada.

Tão fatal circumstancia veiu auxiliar el-rei na descoberta do criminoso. Ao ver o vulto por terra, correu logo para elle exclamando.

— A elle, Fernão Froyão, precisamos de saber a todo o transe quem é o traidor.

O escudeiro foi no seguimento de el-rei, e não se mostrou menos pressuroso do que o seu real amo no reconhecimento do criminoso, que o coração já por certo lhe segredara quem fosse.

Affonso Fernandes tinha perdido os sentidos; jazia de costas, inanimado, com a cabeça descoberta. O luar banhava-lhe frouxa e tristemente o rosto pallido e demudado.

Ao reconhecerem-n'o, commoções bem diversas se manifestaram no rosto de cada um dos que o contemplavam. No rosto d'el-rei via-se a contracção d'uma colera terrivel, emquanto que no rosto do escudeiro, se divisava, mesmo á luz dubia que illuminava aquella scena, certa alegria que elle na sua bem entendida prudencia forcejava por dissimular.

El-rei, depois de contemplar por alguns momentos com fixidez sombria o mancebo que lhe jazia aos pés, exclamou em tom colerico:

— Que vejo! pois será possivel que Affonso Fernandes de quem tanto fiava, me atraiçoasse d'um modo tão infame! Se Deus não acabou de fazer justiça tirando-lhe a vida no momento em que vem de

perpetrar tão nefando crime, fal-a-hei eu, e segura e rapida como deve ser feita n'um traidor!

O mancebo continuava immovel; parecia que, el-rei não teria necessidade de exercer o seu tremendo papel de juiz sobre aquelle reu.

Fernão Froyão, apesar de ser o mais interessado na solução naturalmente terrivel d'aquella scena, continuava mudo espectador. Subira a tal auge a colera do rei que não era preciso coisa alguma que a excitasse para que ella produzisse seus terriveis effeitos.

Entretanto Fernão Froyão, com os seus olhos de lynce fez de repente nova descoberta. No pescoço do prostrado escudeiro viu brilhar um objecto. Movido por inspiração diabolica baixou a lanterna para melhor examinar o objecto, que lhe feria a vista. Dirigida por este movimento a attenção de el-rei convergiu para o mesmo ponto.

Então poderam ambos ver o firmal que Ermezenda deitara ao pescoço do seu desditoso amante.

El-rei fez-se horrivelmente pallido,—no firmal reconhecera uma devota reliquia que pertencia á rainha. (1) No mesmo instante tirou de baixo da capa um punhal. Fernão Froyão estremeceu; julgou que el-rei ia ali mesmo por suas mãos fazer justiça ao

(1) Estes objectos de devoção e similhantes eram muito usados n'aquelles tempos. No testamento de D. Diniz falla-se nas *minhas cruzes pequenas que são de trazer ao colo.*

criminoso. Foi de curta duração o engano; em vez de cravar o punhal no coração do mancebo, el-rei dispoz-se a cortar a fita que segurava o firmal. Mas n'aquelle momento, profundo suspiro solevantou o peito de Affonso Fernandes, signal de que elle ia tornar em si. Então D. Diniz recuou com vivacidade. Voltando-se para o seu valido, disse:

— Affonso Fernandes deve bem depressa recuperar os sentidos. Ficará com o firmal, o que de pouco lhe ha de valer, porque não o porá a salvo da minha justiça o sagrado influxo de tão devoto objecto.

Acabando de proferir estas palavras, el-rei e Fernão Froyão affastaram-se e desappareceram por detraz do angulo que fazia o palacio ao fundo da rua onde se achavam.

Assim que elles se retiraram, Affonso Fernandes levantou-se com alguma difficuldade, passou a mão pela fronte, e depois que pareceu reconhecer a situação de que sahia, contemplou demoradamente a janella d'onde se despenhara, e afinal partiu vagaroso e meditabundo para a banda opposta áquella por onde haviam desapparecido o rei e o seu confidente.

Tornou tudo a cahir no mais profundo silencio, a escuridão continuou a ser quasi absoluta como até ali; só a janella dos aposentos da rainha, em razão de ter aberta a adufa, estava mais illuminada de que no começo das scenas contadas no capitulo antecedente.

Como fieis narradores, vejamos o que lá se passava.

Quando a rainha entrou no aposento já o escudeiro, que era objecto da predilecção de Ermezenda, havia desapparecido. Porém, ou fosse porque sentisse ruido ou porque já andasse desconfiada, o facto é que a rainha, apenas entrou, dirigiu em roda do aposento um olhar prescutador. Em cima do estrado estava ainda o gorro que o escudeiro ali pozera e que na sua precipitacão se esquecera de levar. Ao dar com os olhos no gorro, o semblante da rainha tomou uma expressão terrivelmente severa. Adivinhou toda a verdade; o dono do gorro de veludo só podia ter sahido pela janella. D. Izabel dirigiu-se immediatamente para ali.

Então Ermezenda, cheia de terror, suspeitando que a rainha tudo adivinhara, preferiu ella só incorrer na colera da sua senhora, e salvar o amante que ainda por certo não tinha tido tempo de descer. Atravessando-se diante da rainha, lançou-se-lhe aos pés, e desfazendo-se em sentido choro, abraçou-a pelos joelhos.

Similhante procedimento era uma confissão tacita da culpa propria e da culpa alheia. D. Izabel apesar da sua inexcedivel austeridade, não pôde deixar de se commover; Ermezenda além de muito nova, era a mais amada das suas donzellas, e aquella que pelo seu procedimento irreprehensivel até ali, e

pela candura angelical da sua alma, mais podia merecer indulgencia n'uma primeira falta, que por certo havia de ter circumstancias que lhe attenuassem a gravidade.

A rainha, mostrando no rosto mais a comiseração do que o rigor, exclamou com voz severa:

— Ermezenda! tal não podia esperar de ti! Que desvario foi esse que se apoderou da tua alma? Commetteste a mais negra e feia culpa que podias commetter, manchaste a pureza da tua alma e a honestidade d'estes aposentos. Ermezenda, como has de expiar tamanha culpa?

Ermezenda com difficuldade podia responder; os soluços embargavam-lhe a voz. Continuava entretanto de joelhos aos pés da rainha, cujo rosto d'uma belleza austera mas angelical, emmoldurado pelo transparente oural ou veu das donas, parecia o d'uma santa que tivesse descido das alturas movida das supplicas d'uma peccadora gentil e arrependida.

Apesar de já não se achar no esplendor da mocidade, D. Izabel ainda conservava todos os vestigios da notavel formosura da seductora princeza do Aragão que mais d'um rei ambicionara para esposa. Na sua fronte alva e immaculada reflectia-se toda a pureza d'uma alma a quem o sopro das ruins paixões, que incessantemente se agitaram em torno da mãe do infante *bravo*, não tinha podido empanar a nativa candura nem alterar os celestiaes instinctos.

Com uma voz em que já o affecto parecia levar de vencida a indignação, a rainha volveu:

—Ermezenda, sabes que tenho sido para ti uma especie de mãe; deposita pois em meu seio as culpas que devastam o teu; bem sei quanto é fragil o espirito d'uma donzella, e quão funestos exemplos muitas vezes recebem n'esta côrte os jovens que são n'ella creados. Dize-me, Ermezenda, quem foi o que assim abusou do teu amor e te desvairou a ponto de faltares ao respeito que devias a ti e a estes aposentos?

—Oh! não, nunca, bradou a joven com voz energica e entrecortada; nunca direi quem foi aquelle em quem confiei e em quem ainda confio. Castigae-me a mim só, dizei a el-rei que uma das vossas donzellas deu logar a que violassem os vossos aposentos. El-rei mandar-me-ha por certo encerrar na mais severa clausura. Que importa! Ali a minha alma, a quem o amor com certeza não destruiu a casta essencia, evaporar-se-ha em orações por aquelle a quem amou no mundo, e fará por esquecer os momentos de innocente desvario. Não, nunca direi o seu nome. Para que? Qual é o crime? Violou este aposento, é verdade, mas acaso violou a minha alma matando-lhe a fé, destruindo-lhe a esperança? Não; a esperança ainda a tenho bem viva no fundo da alma, e a fé, nunca se perde quando aquelle que nol-a inspira ainda nol-a não roubou. E qual será o

leal cavalleiro que empeçonhe com labios fementidos as crenças que seus labios arreigaram no coração d'uma donzella.

Ermezenda havia-se posto de pé; nos seus olhos mal enxutos das lagrimas transparecia a exaltação d'um coração apaixonado que não hesita ante o sacrificio.

Ao ouvir-lhe as ultimas palavras o rosto da rainha tornou a tomar uma expressão severa. Passados momentos exclamou:

—Se o achas digno da tua fé, se o tens na conta de leal cavalleiro, porque não dizes quem elle é?

—Oh! bem sabeis quão severo é el-rei para os que abusam da casa de seu senhor, volveu Ermezenda.

—E quem te diz que elle saberá de tão mau feito como o que esta noite se praticou?

—Não saberá se vós l'ho não disserdes; mas vós senhora, que tão severa sois, como podereis perdoar similhante offensa?

—Perdoar-te-hei, volveu a rainha, se me confessares tudo.

—Que vos hei de eu confessar, senhora? Apesar das más apparencias do crime, elle não é tão grave como se vos affigura. Foi esta a unica vez que ambos tivemos o arrojo de commetter tão audaciosa acção. Por certo que me ides perguntar com que intento foi tamanha ousadia. Com o intento de mu-

tuamente nos inspirarmos a esperança de que carecemos; com o fim de concertarmos o melhor meio de realisarmos a nossa tão suspirada ventura.

— Mas, atalhou a rainha, agora que me vês inclinada a perdoar a esse tresloucado mancebo, por que não dizes o seu nome?

Ermezenda continuou a hesitar; pelo convulso ondear do seio via-se que no seu intimo se travava terrivel combate.

Afinal respondeu:

— Vós sois boa, sois santa, devo depositar no vosso seio o nome do meu amado, mas acaso não commetterei uma traição em faltar ás minhas promessas?

— É inutil a tua traição, volveu o rainha em tom de reprehensão maternal. É inutil dizeres-me o seu nome; quem não ha de adivinhar o nome d'aquelle que celebra com tanto enthusiasmo nas suas trovas o oiro dos teus cabellos? Quem não ha de saber o nome d'aquelle cujo coração de poeta bate sobre o arnez do cavalleiro. Ermezenda, Ermezenda! porque não me disseste ha mais tempo que amavas Affonso Fernandes? Que precisão havia de chegares a este perigoso lance?

No rosto da donzella transparecia a um tempo o remorso pelo passado e a anciedade pelo futuro.

Animada porem, pelo tom maternal da rainha, redarguiu:

— Como haviamos de combinar o melhor meio de realisar a nossa ventura?

— E quem, Ermezenda, melhor do que eu vos poderia guiar e aconselhar, em tão grave empenho.

— Oh! sim, volveu Ermezenda, sei quanto o vosso coração é bondoso e santo, mas quem me havia de dar forças para vos confessar uma paixão que deve por força desagradar a el-rei? Bem sabeis, senhora, quanto é nobre o sangue que me corre nas veias, em quanto que Affonso Fernandes não passa d'um simples escudeiro.

— E é violando os reaes aposentos pela calada da noite, arriscando a vida e a honra em tão perigoso feito, que se igualam os nascimentos, que um simples escudeiro ganha o seu grao de cavalleiro fidalgo? Á fé que o não sabia e folgo muito de o saber.

Ermezenda sentiu a cruel verdade d'estas palavras; porem, conhecendo o coração angelico da rainha, não desanimou, e reprimindo as lagrimas que novamente tentavam irromper abundantes, respondeu com voz humilde:

— Oh! não, não, Affonso Fernandes bem sabe, sabe como nenhum outro, qual é o modo de ennobrecer o sangue e engrandecer o seu nascimento.

Affonso veiu esta noite aqui, repito, para combinar comigo qual o melhor meio de realisar santamente a sua e a minha ventura.

Ermezenda contou á rainha o que ella passara na entrevista com o amante.

Acabada a narração, D. Izabel exclamou:

— Bem, Ermezenda, perdôo-te; nunca tornes porem a confiar tão pouco na tua rainha e senhora. Quanto á tenção em que está Affonso Fernandes de praticar feito de vulto na proxima lide, espero que será tenção irrealisavel, porque Deus não ha de permittir que mais uma vez se commetta o horrendo peccado d'uma lucta entre aquelles cujos laços de sangue o amor deve robustecer. Entretanto fallarei a el-rei nos vossos projectos e estou certa que elle ha de ceder aos meus rogos. E tu, Ermezenda, pede a Deus que te illumine para que no caminho da vida não acertes mais nenhuma vez de te achares á beira de tão fundo abysmo como este de que te salvaste. Adeus, fica pedindo ao Senhor para que illumine a alma de meu filho e o afaste do errado e criminoso caminho em que tem andado.

A rainha sahiu; Ermezenda cahiu de joelhos e poz-se a orar com fervor........................
....
....

Fora do alcaçar o silencio continuava a ser profundo.

No interior todos repousavam, menos duas pessoas: uma donzella a quem os cuidados do amor davam uma noite desvelada, e uma rainha cujas vigilias eram passadas em orações pela paz do reino e concordia dos entes que lhe eram mais caros, o esposo e o filho.



III

Alcaçar por sua real senhoria

El-rei D. Diniz fez tudo quanto quiz.

Proloquio popular

No dia que se seguiu á noite em que succederam os acontecimentos narrados no capitulo antecedente, outros, mais graves porem e de mais geral interesse, se davam nos paços do Castello e traziam sobremaneira alvoroçados os moradores do concelho de Lisboa e d'arredor.

Pelas ruas e terreiros do concelho, nos numerosos ajuntamentos formados pelos moradores a quem os acontecimentos roubavam aos seus mesteres quotidianos não se fallava n'outra coisa senão na rebel-

lião do senhor infante D. Affonso, filho legitimo d'el-rei e natural successor d'estes reinos.

Corria voz entre os populares, voz aliás bem fundada, de que o senhor infante acompanhado dos fidalgos de sua casa e de grande copia de peões já se achava perto de Lisboa, e vinha em som de guerra exigir d'el-rei seu pae accrescentamentos importantes nos rendimentos de sua casa.

Era grande a indignação das gentes do concelho, e unanime a sua adhesão a el-rei com quem n'aquella conjunctura faziam causa commum, achando-se todos dispostos a prestar-lhe auxilio de fazendas e vidas, no caso de sua senhoria querer, como se dizia, reprimir mais uma vez a rebellião do filho e fazel-o conter nos justos limites que o respeito real e a auctoridade paterna lhe impunham.

Eram pois extraordinarios o bulicio e a inquietação em toda a area do concelho. Nas lojas dos ferreiros e armeiros reinava desusada actividade; batiam-se solhas, repregavam-se laudeis, corregiam-se espadas e afiavam-se ascumas. Pelas ruas e principalmente no terreiro que havia em frente do alcaçar do Castello, apinhava-se grande chusma de populares entre os quaes já se notavam muitos peões armados das suas ascumas e paos ferrados, alguns besteiros armados das suas bestas e munidos do competente numero de virotões, e um ou outro cavalleiro do concelho com a sua lança em punho, um

ou outro escudeiro d'el-rei, já vestido com a sua loriga de combate. (1)

Vê-se pois que todos esperavam só pelo signal de partida, e que apenas elle soasse, sua senhoria o bom rei D. Diniz, aquelle rei de quem se disse que *fez tudo quanto quiz,* poderia abalar com a sua hoste ao encontro do infante rebelde, cuja indole *brava* tão facilmente o levava ao esquecimento do que devia a el-rei, de quem, sobre ser vassallo, era filho.

Segundo dissemos em frente do alcaçar o ajunctamento era mais numeroso.

Provinha isso principalmente de terem logo de manhã entrado para a morada real os seguintes importantes personagens: o meirinho-mór da côrte, Lourenço Annes Redondo, o chanceller-mór, ou como se dizia n'áquelle tempo, o *chançarel moor,* Francisco Domingues, o bispo de Lisboa D. Gonçalo, o alferes mór d'el-rei João Affonso, e o alcaide de Lisboa, Fernão Rodrigues Bogalho acompanhado dos honrados *alvasis* do concelho, Fernão Lobeira e Pedro Annes Gayo.

Em quanto porem os homens bons da cidade e os moradores dos arredores esperam no terreiro do al-

(1) Solhas, armadura formada de laminas de aço que defendia o tronco. Laudel, especie de saia de malha. Ascuma, lança curta. Besta, arco que servia para arremessar os virotões ou frexas. Loriga, armadura parecida com o laudel mas talvez mais completa.

caçar que soe o signal para mais uma vez mostrarem o seu affecto e lealdade á pessoa d'el-rei, entremos nós na vivenda real, subamos a larga escadaria e penetremos no aposento em que sua senhoria el-rei D. Diniz conferenceia com as principaes authoridades.

El-rei estava á cabeceira d'uma grande meza, sentado em magestosa cadeira de largo espaldar ornado de bem acabados lavores.

Em volta da meza em assentos rasos achavam-se os personagens cuja entrada fora presenceada pelos populares.

Entre elles estava tambem o infante D. Affonso Sanches, o filho natural, ou o filho de *ganhadia* como lhe chamara no seu ciume o infante D. Affonso herdeiro do throno.

El-rei acabara de expor o motivo para que ali os chamara, e Affonso Sanches que se considerava com justa razão o motivo principal que levara o infante herdeiro a proceder d'um modo tão insolito, foi o primeiro a responder a el-rei:

Com voz grave e o aspecto entre severo e magoado, Affonso Sanches rompeu no seguinte arrasoado:

— Muito é para sentir meu senhor rei e pae, o procedimento do infante D. Affonso. Não é esta a primeira vez que o senhor infante meu irmão recorre á força das armas para sustentar as suas des-

avisadas pretenções. Já bastante sangue se tem derramado repetidas vezes n'estas luctas inglorias que tanto damno trazem a estes reinos, e não seria demasiado todo o esforço que se empregasse para evitar que mais uma vez o senhor infante desembainhasse a espada em prol d'uma causa que a todos se antolha tão injusta. Apesar de dar como pretexto do seu procedimento a escacez dos rendimentos de sua casa e pedir por isso que el-rei lh'os augmente, quer-me parecer que um tal pretexto não é mais que apparente e que o motivo da irritação do animo do senhor infante não é outro senão a minha permanencia n'esta côrte. Devotando-me pois como sempre á paz e tranquillidade do reino, entendo em meu juizo que o melhor meio de asserenar o animo do senhor meu irmão, e evitar assim a lucta que está prestes a travar-se, é a minha sahida d'esta côrte. Lembrado haveis de estar, senhor rei, que ainda nas ultimas discussões entre vós e vosso filho, este exigia que eu me retirasse da côrte, e que mal eu me fui a viver em Castella, o senhor infante largou as armas e a paz foi logo restabelecida com geral contentamento d'estes reinos. Depois que regressei á patria, da qual tanto me pezava ver affastado, o senhor infante D. Affonso, começou a dar claras mostras de descontentamento, e eil-o ahi vem sobre Lisboa com animo decidido a desembainhar a espada contra seu rei e senhor, e dar mais uma vez ao

mundo o espectaculo desolador d'um pae e d'um filho a gladiarem com a furia e o encarniçamento de estranhos e de inimigos. É meu parecer pois que se evite um tal espectaculo, o que facilmente se conseguirá retirando-me eu da côrte. Disposto estou a sacrificar-me e bastará que vós, senhor rei e pae, pronuncieis uma palavra para que eu parta logo para Castella onde vivirei saudoso da patria mas com a consciencia satisfeita de ter cumprido os deveres de bom filho e de leal vassallo.

Ao ouvirem estas razões todos os personagens que assistiam á audiencia do rei, menos os alvasis de Lisboa, deram signaes de as acharem muito sensatas e bem cabidas. Nenhum porem tomou a palavra afim de manifestar a sua opinião; aguardaram que el-rei lh'a pedisse ou a tomasse outra vez e exposesse o que sentia a respeito do alvitre proposto pelo infante.

Depois de se recolher e meditar um pouco, el-rei redarguiu:

— Folguei muito, infante, de vos ouvir fallar com tanta isenção em materia de tamanha gravidade e que tanto entende com os vossos interesses. Foi a vossa resposta a que é propria d'um fiel vassallo, e por ella mostrastes mais uma vez quão reconhecidamente correspondeis ao muito amor que eu sempre vos consagrei, amor que infelizmente tanto ciume tem causado ao vosso irmão o infante D. Affonso.

Dou-vos muita razão quanto a dizerdes que a escacez dos rendimentos não é mais do que um pretexto apparente da parte de vosso irmão. Demasiado sei a má sombra com que o infante D. Affonso, meu herdeiro, tem sempre visto o affecto que eu vos dedico, a ponto de ter chegado no seu tresvario a conceber receios de que eu ponha na vossa fronte a coroa que de direito lhe pertence. Tresloucada suspeita e a que só a cegueira de ruins paixões pode servir de desculpa! Reconhecendo a justiça do vosso arrasoado, permitti comtudo, infante, que eu ouça primeiramente a opinião dos mais personagens aqui presentes para depois tomar a resolução que mais acorde me pareça com o que a justiça e o bem geral requerem. Dizei vosso parecer mui veneravel bispo de Lisboa.

— Escutando a voz da minha consciencia, respondeu o bispo, devo dizer a vossa real senhoria, que em tudo me conformo com o parecer do senhor infante. É a guerra contraria á caridade e á mansidão que a religião recommendam; nenhum pastor da igreja pode em caso algum approval-a, muito menos no caso presente em que significa a quebra d'um dos mais sagrados laços da natureza, o respeito e o amor que devem unir o pae e o filho. É pois minha opinião, a qual sustento com a mão na consciencia e o espirito em Deus, que por todos os meios e até sacrificios possiveis se evite esta guerra

e se procure a reconciliação de vossa senhoria e do senhor infante D. Affonso.

Igual parecer deram o meirinho-mór e o chanceller-mór, restava ouvir a opinião dos honrados alvasis do concelho, opinião que devia representar a dos habitantes em tão grave conjunctura.

Interrogados os alvasis sobre o caso, Fernão Lobeira respondeu do modo seguinte:

— Não ha muito que vossa real senhoria convocou os homens bons d'este concelho de Lisboa a proposito dos males e perturbações que o senhor infante constantemente traz ao reino com as suas desvairadas pretenções. Ouvidas as rasões expostas por vossa real senhoria o concelho accordou unanimemente em que daria todo o auxilio de que el-rei houvesse mister para trazer á obediencia o senhor infante D. Affonso, e outrosim accordou em que n'este concelho não se daria guarida aos malfeitores e gente vil que andam de envolta com a hoste do senhor infante, com grande escandalo das gentes e grave prejuiso dos concelhos. O parecer que n'essa occasião o concelho fez ouvir é o mesmo que eu hoje aqui sustento em seu nome. Os homens bons de Lisboa, leaes vassallos d'el-rei, estão promptos a auxiliar por todos os modos possiveis quaesquer esforços que vossa real senhoria empregar para restituir ao reino a paz e a tranquillidade de que tanto ha mister. E mais ainda, os honrados moradores d'este

concelho, mesteiraes ou homens de prol, peões ou cavalleiros não têem outro desejo senão que vossa real senhoria trate o mais prompto possivel de trazer á obediencia o senhor infante D. Affonso, para exemplo dos rebeldes e escarmento dos malfeitores que se acoitam sob a sua bandeira.

Após Fernão Lobeira, tomou a palavra Pedro Annes Gayo.

— Ha dois annos que os homens bons d'este concelho convocados por vossa senhoria, accordaram, como acaba de dizer aqui Fernão Lobeira, em que dariam todo o auxilio de que el-rei houvesse mister para trazer á obediencia o infante D. Affonso, e outro sim accordaram que não se daria guarida n'este concelho a nenhum dos malfeitores que andam na hoste do senhor infante, auxiliando-o em toda a casta de depredações por onde quer que elle passa. Como haveis de estar lembrado, senhor el-rei, andava então o senhor D. Affonso bem longe, para as bandas do Douro e Minho e não havia pois nenhum risco proximo e imminente de que esta cidade soffresse com as devastações das gentes do senhor infante. Hoje porem correm as coisas d'outra feição, e segundo as novas recentes, a hoste do senhor infante vem proxima de Loures e segue o caminho d'esta cidade. Se ha dois annos os moradores do concelho vos prestaram de bom grado todo o auxilio que exigistes, hoje, com muito mais razão vos

hão de soccorrer, porque alem do escandalo que ha tanto tempo está dando o senhor infante com a sua rebellião e desobediencia, existe o perigo de que a sua hoste entre n'esta cidade e exerça as suas malfeitorias nos habitantes e em seus haveres. E vêde, senhor, que se não levaes por diante a tenção que fazeis de ir atalhar o passo á hoste do infante, elle por certo poderá fazer-nos grande damno porque uma grande parte da cidade jaz indefesa como são as freguezias da Madanela e S. Gião, sem fallar no Rocio e na rua Nova, o que tudo fica fora da cerca que n'esta conjunctura de quasi nada nos serve. ([1]) Por todas estas razões a gente do concelho não só vos presta todo o auxilio que lhe pedis, como, ainda mais, vos roga que sahiaes a campo e castigueis severamente os desmandos do senhor infante.

Durante os arrasoados dos alvasis os outros circumstantes não deram mostras de grande assombro apesar da extraordinaria differença dos pareceres, porque ha já muito estavam habituados áquella fir-

(1) A cerca ou muralha que rodeava Lisboa descia do Castello, passava em frente da Sé, voltava pela rua das Canastras, corria á beira mar e subindo pela Adiça ia encorporar-se outra vez no Castello pelo lado do nascente. Na Adiça, quem quizer ainda hoje póde ver um resto da antiga muralha. Como dizia Pedro Annes Gayo estava sem defensão uma parte importante da cidade, e foi porque reconheceu isso por uma terrivel experiencia que D. Fernando mandou construir nova muralha, cujo ambito muito maior já comprehendia o elegante Chiado de hoje e toda a parte da cidade que presentemente se chama a *baixa*.

meza da parte da gente do concelho quando se tratava de pugnarem pelos seus interesses, e el-rei, por que assim lhe convinha, era sempre fovoravel á causa popular, e muito mais agora que essa causa era tambem a sua.

Affonso Sanches cujo favoritismo parecia ser o motivo principal de similhantes acontecimentos, e que talvez concebesse vagas esperanças de que a coroa ainda lhe viesse a poisar na fronte, dissimulava a custo a alegria de ver que uma opinião importante, a do elemento popular, contrabalançava a da dos outros personagens presentes, e igualmente a opinião que elle manifestara nas suas palavras, embora talvez não fosse a que lhe dictasse a consciencia offuscada pela ambição.

Após curto silencio, el-rei, disse o seguinte:

— Muito me approuve, ouvir-vos fallar de tal feição, honrados alvasis. Outra coisa não esperava da vossa boca. É antigo o affecto que me dedicam os meus bons habitantes de Lisboa e d'elle tenho recebido repetidas provas que jamais esquecerei. Tambem eu sou de opinião que se deve a todo o custo trazer á obediencia o senhor infante meu filho. Bastante me pesa o lance; é duro e muito duro para o coração d'um pae, ter de desembainhar a espada para um filho, mas a terrivel necessidade a isso me impelle. Chegado a esta idade tão avançada em que costumam não vir longe os horisontes da

morte, tenho desejos de deixar o reino em paz e o nome real respeitado para futuro exemplo dos meus successores. Por isso, eis a minha resolução: amanhã após a primeira refeição, partirei com os fidalgos e cavalleiros da minha casa, com os cavalleiros e pioada do concelho de Lisboa ao encontro do infante, o qual segundo noticias que tenho se acha acampado no Lumiar. Não querendo porem que se diga com justa razão que eu não procurei por todos os meios evitar tão odioso lance, enviarei adiante como embaixador, um cavalleiro da minha casa, para fazer uma ultima tentativa de reconciliação junto de meu filho. Se tão sinceros esforços não forem coroados de exito, então recorrerei á lucta que é o unico meio que me resta para dar a tranquillidade ao meu espirito e a paz ao meu reino. Ficai pois vós todos entendendo a minha deliberação: vós, alcaide e alvasis de Lisboa, lançareis hoje mesmo pregão para que amanhã cedo se reunam no castello todos os homens de guerra do concelho, e vós, veneravel bispo, mandareis celebrar na cathedral uma missa a que eu assistirei com a minha hoste, afim de rogarmos a Deus pelo exito de nossa causa tão justa. Vós, Lourenço Annes Redondo, apresentae-vos esta tarde depois da hora da refeição nos meus aposentos; tenho de resolver comvosco um grave negocio de justiça.

Ditas estas palavras el-rei voltou-se para os

alvasis e accrescentou em tom de authoridade:

—Em vista das vossas palavras e do anterior procedimento dos habitantes d'este concelho, espero que amanhã todos os vossos homens de guerra me acompanharão de bom grado ao encontro do infante.

—Nem o mais insignificante peão faltará ao chamamento para a hoste, volveu Fernão Lobeira. E direi mais, os moradores d'este concelho anceiam por auxiliar el-rei a oppor-se á entrada do senhor infante na cidade. Se vossa senhoria quer ter uma prova incontestavel do que digo, não tem mais que assomar á janella e relancear a vista para o terreiro do alcaçar.

El-rei assim fez. Como sabemos o alvasil não mentia; quando el-rei chegou á janella, alguns dos populares apinhados no terreiro, bradaram logo voz em grita:

—Alcaçar por sua real senhoria!

Este enthusiasmo do populacho não era para admirar porque não havia muito tempo que el-rei tinha feito consideraveis concessões ao concelho, concessões a que os reis então não se podiam esquivar muito porque precisavam da gente dos cencelhos para contrabalançarem o poderio e a avidez dos fidalgos.

El-rei retirou-se para dentro.

Após a ultima scena os circumstantes compre-

henderam que estava terminada a audiencia e fazendo respeitosa venia despediram-se. Assim que elles se retiraram correu voz entre os populares que a lide ficava aprazada para o dia seguinte.

O ajuntamento foi-se desfazendo pouco a pouco; um grande numero de populares voltou dos seus mesteres afim de aproveitar o que restava do dia, outros foram afiar a sua lança de peão, ou experimentar a sua modesta armadura de cavalleiro villão afim de no outro dia irem bem armados na hoste em frente da qual el-rei queria submetter o infante D. Affonso, que os povos ja appellidavam *o bravo* em razão da sua indole irrequieta que constantemente se manifestava na rebellião permanente contra o pae por causa dos ciumes do valimento do seu irmão Affonso Sanches o filho de *ganhadia* que el-rei muito amava.

IV

O meirinho-mór da côrte

O mar semelha muio aqueste Rey
....
Com gran tormenta o fará morrer
(Trovas do seculo XIV)

Davam tres horas as torres da velha cathedral.

N'um dos aposentos do interior do palacio estava el-rei D. Diniz sentado a uma meza coberta de pergaminhos.

El-rei escrevia; pela expressão do rosto contrahido d'um modo severo, via-se que n'aquelle momento não se entregava aos devaneios de trovador, e que não era nenhuma trova ao gosto provençal o que estava traçando com a ponta do estilo (1) na face lisa do pergaminho que tinha diante de si.

(1) Penna de ferro com que se escrevia em pergaminho.

Cuidados mais graves o preoccupavam por certo n'aquelle momento.

De pé, em frente d'el-rei, na attitude em qne se revelava o respeito do inferior para com o superior, estava um mancebo, que parecia aguardar as suas ordens. Trajava um rico gibão de seda golpeada, e segurava na mão direita um gorro de veludo negro com pluma ao lado presa por um broche de prata. Os cabellos, não muito compridos, corredios, cahidos sobre os hombros, eram de cor arruivada.

Segundo o costume d'então, usava a barba toda, a qual tinha a mesma côr que o cabello. O aspecto d'este personagem, que não era outro senão Fernão Froyão, o escudeiro que já conhecemos, tinha pouco de sympathico e de insinuante. O seu olhar, velado por compridas sobrancelhas era enviesado e cauteloso. A sua attitude parecia denotar mais a humildade simulada do que o respeito sincero.

Qnando acabou de escrever el-rei levantou a fronte e disse de subito:

— Ainda não tornaste a ver Affonso Fernandes?

— Já esta manhã o vi.

— Que lhe disseste?

— Nada que mereça a pena relatar-se. Encontrei-o na loja de Esteveannes, o armeiro que mora junto á porta do ferro.

— Que fazia elle ahi? perguntou el-rei, com visivel curiosidade.

Fernão Froyão respondeu com um leve sorriso de ironia a despontar-lhe nos labios.

— Estava a recommendar que lhe polissem o seu arnez de prova para amanhã cedo.

— É para ir á lide, disse el-rei, ha de ir de certo mas a lide bem differente.

O escudeiro estremeceu ao ouvir estas palavras; encerravam um sentido enigmatico mas que podia ser terrivel.

Dissimulando a sua commoção Fernão Froyão volveu com voz meliflua:

— E pena é se não for; Affonso Fernandes é um dos valentes espadas que na côrte se conhecem.

— E um dos mais vis traidores que na côrte se abrigam, retorquiu el-rei com voz colerica; mas por isso cara lhe ha de sahir a traição, dentro de vinte e quatro horas tel-a-ha pago como merece.

Pelo olhar do escudeiro passou um fulgor estranho; foi um relampago; após elle as trevas d'aquella alma tornaram a lançar sobre aquelle olhar o veu sombrio que constantemente o velava.

A colera parecia entretanto tornar el-rei expansivo. Convinha tirar todo o partido d'aquelle estado em que se achava o real animo; foi o que fez o bom e leal escudeiro.

Contendo a alegria que lhe trasbordava da alma e ameaçava espraiar-se-lhe no rosto Fernão Froyão disse:

— E se houvesse engano, se Affonso Fernandes tivesse ido aos aposentos da senhora rainha animado das mais puras intenções?...

— Puras intenções! haveis endoudecido Fernão Froyão; como é possivel que se possa entrar com puras intenções no aposento d'uma dama ou donzella valendo-se para issso talvez d'uma escada de corda e por certo das trevas da noite? Se por acaso amava alguma donzella ou cuvilheira da rainha e era correspondido, porque não declarou as suas honestas intenções e não pediu a seu rei e protector o consentimento, que de certo não lhe havia de ser denegado, de satisfazer ás suas mais ardentes aspirações? Dou-vos de conselho, Fernão Froyão, que se alguma vez vos achardes em igual situação não sigaes o exemplo de Affonso Fernandes; valem mais do que as trevas da noite e as escadas de corda o nosso amor e a nossa protecção.

Era por este momento que o sagaz escudeiro esperava.

Ao acabar el-rei de dizer estas palavras lançou-se-lhe aos pés e exclamou com voz humilde e supplicante:

— Castigae-me pois tambem, senhor rei; se não pratiquei o mau feito de violar os aposentos das damas e donzellas do paço, commetti a falta de amar a occultas a mais nobre donzella ao serviço da minha rainha e senhora. Amo louca, loucamente a for-

mosa Ermezenda Affonso; mas se vós, senhor rei, não me julgaes digno de a possuir, deixae-me então procurar a morte na lide ou ir nas galés de Micer Manuel Pezagno que proximamente partem para as costas da Barbaria; lá nas praias dos infieis buscarei com a morte o esquecimento do meu amor e a remissão das minhas culpas.

Era tão pathetico o tom de Fernão Froyão que el-rei sentiu-se commovido. Fazendo-o levantar, disse-lhe:

— Mas corresponde Ermezenda a esse amor?

— Nos modos e no olhar tem-me dado inequivocas provas de que não é insensivel ao affecto que lhe dedico; porém, de que me valeria o seu amor se vossa real senhoria não houvesse por bem dar-lhe a sua approvação?

— Bem, Fernão, a minha approvação já a tens. Se approuver a Deus voltarmos ámanhã da lide com saude no corpo e paz na alma, direi á senhora rainha minha esposa que dê a Ermezenda a boa nova de que em breve desposará o predilecto de sua alma.

Foi immensa a alegria que o escudeiro repentinamente sentiu; promettiam-lhe, segura e proxima, a realisação da sua ventura, e, o que era não por certo menos, antevia tambem para breve a satisfação de seus desejos de vingança torpe e mesquinha.

Ia talvez na expansão da sua alegria lançar-se segunda vez aos pés d'el-rei, quando o reposteiro que havia a um lado ondeou um pouco e deixou ver o rosto imberbe d'um pagem que annunciou com voz juvenil:

—O meirinho-mór da côrte.

El-rei fez signal ao escudeiro para se retirar.

Momentos depois Lourenço Annes Redondo achava-se em presença d'el-rei.

O meirinho-mór manifestava na physionomia um certo pasmo d'envolta com uma leve expressão de receio. Tinha razão; os deveres do seu cargo eram assaz graves e espinhosos.

Competia ao meirinho-mór das justiças especialmente o prender os fidalgos quando delinquissem, e geralmente entender n'aquellas coisas de justiça que por sua natureza fossem de mais alta importancia. Ora Lourenço Annes Redondo reflectira e reflectira bem, que se el-rei o mandava chamar tão de chofre e com tanto mysterio era porque alguma coisa bem grave succedera na côrte para a qual se tornava necessaria a interferencia da sua pessoa. O que logo muito naturalmente lhe accudiu á lembrança foi que el-rei precisava d'elle para effectuar a prizão d'algum fidalgo ou escudeiro que tivesse incorrido em crime de rebellião por se achar de accordo ou correspondencia com o infante D. Affonso ou com algum dos do seu partido.

Os acontecimentos da epocha autorisavam sobremaneira uma tal suspeita.

Entretanto o meirinho por indicação do rei, sentou-se n'um escabello que ficava ao pé da meza e esperou as ordens regias.

El-rei recostou-se na sua cadeira d'amplo espaldar e com voz pausada e firme disse ao meirinho das justiças.

—Sabeis, meirinho, quão grave é o crime dos que abusam da protecção do seu senhor e levam á sua morada a vilta e a deshonra como se fora morada de barregan ou vil prostituta que mercadeja com o seu corpo?

O meirinho-mór cahiu das nuvens, ou antes cahiu de Scylla em Caribdes ao ouvir similhante exordio. Esperava crime de rebellião, sahia-lhe crime de amores, mas de amores, ao que parecia, com a circumstancia aggravante de abuso da morada real.

O bom do meirinho tremeu pela sorte do criminoso. Similhantes reflexões, porém, não lhe tolheram a falla e respondeu logo:

—Mui feio crime é esse que vossa real senhoria aponta e tão feio que vossa real senhoria entendeu dever pôr em vigor uma ordenação bem severa a similhante respeito.

—E lembraes-vos do que n'essa ordenação determino? perguntou el-rei.

— Perfeitamente, redarguiu o meirinho.

E com voz cheia e pausada como a de qualquer mestre em leis, o meirinho accrescentou:

—Vossa real senhoria poz ha vinte e tantos annos por lei e ainda não revogou, que todo o homem que com senhor viver, quer por soldada, quer a bem fazer sendo seu governado, ou andando por seu e jouver com sua filha, irmã, prima co-irmã, prima, ou com a sua madre ou criada do seu senhor com que viver, que moira porém. E esto se entende assy nos fidalgos como nos villãos. (1)

Após esta citação erudita o meirinho, a despeito da gravidade do caso, revelou no rosto a mais plena satisfação que se pode imaginar no rosto grave d'um meirinho. E tinha razão; a memoria não lhe faltara, o seu credito de homem de justiças não perdera, antes ganhara em tão espinhosa conjunctura.

—Bem, volveu el-rei, essa é a lei, agora no tocante ao modo de a executar é que surge a difficuldade.

O bom do meirinho fez novamente cara de pasmo; não se saber como se havia de cumprir uma lei era caso talvez novo nos annaes da côrte. Entretanto aguardou que seu real senhor se dignasse dar mais amplas explicações.

—Que responderieis vós, dom meirinho, se eu vos dissesse que ha um criminoso em quem a lei

(1) Copiado textualmente do codigo das ordenações Affonsinas onde vem esta lei de D. Diniz. Jouver é ter ajuntamento carnal.

que haveis citado tem forçosamente de ser cumprida, mas que do cumprimento d'essa lei, pelos modos ordinarios, proviriam grande vilta e infamia para a morada d'el-rei? O que preferieis vós, o escandalo ou o não cumprimento da lei?

O meirinho embaçou; a resposta era difficil, mas urgia dal-a; para os casos difficeis é que se tinham feito especialmente os meirinhos.

Fechando os olhos, não os do corpo, que seria falta de respeito, mas os da consciencia que não se veem, o honrado meirinho respondeu pois ás cegas:

— Eu preferia acima de tudo cumprir a lei sem escandalo; a occultas, accrescentou timidamente.

— Eis o meu parecer, exclamou sua senhoria, e para accordarmos n'esse meio é que vos mandei chamar.

O bom do meirinho deu um suspiro d'allivio; estava nos seus dias felizes, as respostas sahiam-lhe mal pensadas mas acertadas.

— E para melhor dizer, accrescentou el-rei, já me occorreu um meio que me parece excellente.

Segundo suspiro d'allivio fez arfar o peito do honrado magistrado; o caso não era para menos, sua senhoria poupava-lhe trabalho; dispensava-o de cogitações.

— E poderei saber que meio é esse? perguntou o meirinho para dizer alguma coisa.

— Não deverá ser amanhã executado um villão,

grande criminoso, cuja sentença assignei ha bastantes dias?

—Ámanhã de certo, por volta do meio dia.

—Bem, disse el-rei, substitue-se o villão pelo traidor de quem fallo.

—Mas como? perguntou o meirinho com a mais sincera expressão de embaraço que se pode imaginar.

—Facilmente; entendendo-vos com o corregedor da côrte e o corregedor com o carcereiro do Castello.

—Bem, mas é preciso que vossa real senhoria me diga quem é o criminoso, volveu o meirinho com invejavel sagacidade.

—Poderia dizer-vol-o, mas não é preciso. O criminoso é o escudeiro que eu ámanhã vos enviar com um recado meu.

—Que recado? acudiu logo o meirinho, o recado é o mais importante; pode haver algum equivoco desgraçado.

El-rei meditou um instante e depois respondeu:

—Basta que diga que vae da parte d'el-rei saber se já cumpriu a sua sentença certo villão, grande criminoso.

—Muito bem.

—E não vos esqueça recommendar que guardem todos os objectos que elle comsigo levar, principal-

mente um certo firmal de oiro que deve ter ao pescoço. D'esses objectos tereis vós especial cuidado para m'os entregardes.

Agora podeis retirar-vos.

Após profunda venia o meirinho sahiu.

Quando o meirinho transpoz o limiar do aposento se não estivesse bastante preoccupado teria feito reparo n'um vulto que se metteu apressado por uma porta lateral, como quem evita ser visto. O vulto era Fernão Froyão. Se o tivesse visto, acharia facilmente a explicação d'um phenomeno ás vezes vulgar, o de terem as paredes ouvidos.

Não fez porém reparo. Preoccupava-o o que quer que fosse, tanto que a meio do caminho, parou, hesitou, voltou para trás e correndo um pouco o reposteiro metteu a cabeça, e vendo el-rei ainda sentado, disse com voz respeitosa:

— Occorre-me uma reflexão, e se vossa real senhoria m'o permitte dil-a-hei.

— Pois entrae e dizei, volveu el-rei que era affa vel.

— Como tudo se ha de combinar com o corregedor parece-me mais conveniente que o recado seja levado ao carcereiro que logo ali fará a substituição dos criminosos. Parece-me de mais simples execução.

— Fallaes avisadamente, dom meirinho; fica pois acordado que o justiçado será aquelle que fôr

da parte d'el-rei saber se a sentença já foi executada. Que seja amanhã sem falta a execução.

— Serão cumpridas as ordens d'el-rei, volveu o meirinho e retirou-se, mas d'esta vez não voltou.

Depois d'elle desapparecer el-rei soltou um suspiro de magoa e disse em tom repassado de funda tristeza:

— Ámanhã farei dois actos de justiça. Doloroso é ser rei, porém, muito mais doloroso é ser rei e pae.

V

O armeiro da porta do ferro.

....tocam á arma, ferve a gente.
Camões, Lusiadas.

No outro dia de manhã, logo muito cedo, na loja de Esteveannes, o armeiro da *Porta do ferro*, notava-se desusado bulicio e movimento.

Era Esteveannes o mais acreditado armeiro que havia no concelho, e o epitetho porque se tornara conhecido provinha de se achar o seu estabelecimento nas visinhanças d'uma das portas da velha cerca da cidade chamada a *porta do ferro*, a qual ficava nas proximidades da Cathedral quasi no sitio onde hoje fica a igreja de Santo Antonio da Sé.

Esta porta da qual não resta o mais pequeno vestigio, era uma das mais frequentadas n'aquelle tempo, e ainda no seculo XVI, quando já a cidade occu-

pava incomparavelmente muito maior extensão, a *porta do ferro* permanecia de pé com o seu arco soturno e profundo aberto na espessura da velha muralha que tambem ainda existia apesar de já ser uma coisa inutil, pois que no seculo XIV, el-rei D. Fernando para pôr a cidade a salvo d'algum ataque, escarmentado com a lição que recebera na guerra contra a Hespanha, mandara cercar a cidade com uma nova muralha, cuja porta mais occidental ficava nas proximidades do Loreto. Esta segunda cerca tambem com o tempo se tornou uma inutilidade, porque, graças ás riquezas provenientes das conquistas, a cidade tomou um desenvolvimento extraordinario no seculo XVI a ponto de ser uma cidade admirada pelos estrangeiros que a ella vinham.

Havia pois, como dissemos, desacostumado movimento na loja de Esteveannes. Ao fundo da loja brilhava a forja, a qual innundando com o seu clarão avermelhado aquelle negro recinto dava ao estabelecimento do armeiro uma apparencia de antro infernal. Contribuia tambem para augmentar a illusão o temeroso martellar dos mesteiraes nas solhas, nos elmos, peitos d'aço e mais peças de armadura, algumas das quaes, por certo, eram destinadas a servir n'aquelle mesmo dia na lide em que deviam achar-se frente a frente el-rei e o seu filho rebelde o infante D. Affonso.

Entre os diversos mesteiraes ali occupados distinguia-se o vulto espadaudo e alentado do velho armeiro. Era homem de idade avançada, mas de corporatura erecta e robusta. Tinha a barba e os cabellos já grisalhos e n'um estado tão revolto que davam ao honrado mesteiral aspecto mais repellente do que sympathico.

Esteveannes acabara n'aquelle momento de dar a segunda mão no polimento d'um arnez.

Depois de o mirar e remirar muito tempo como quem se extasia com o bem acabado da obra, disse para o mesteiral que lhe ficava mais proximo:

— A' fé de quem sou, que na minha aturada lide de quarenta annos n'este mester d'armeiro ainda não vi arnez de mais fina prova do que este que acabo de polir. E ficou-me que nem um espelho! Desejava que apparecesse o senhor Affonso Fernandes para lhe dar os emboras da grande peça que possue; com um arnez assim não é a lança de nenhum cavalleiro do senhor infante que chega ás carnes do nosso valente escudeiro.

Após esta oração laudatoria á boa tempera da peça d'armadura que tinha na mão, o armeiro ia arrumal-a a um canto, onde ficaria até que o dono a viesse buscar, quando o galopar d'um cavallo que lhe parou á porta o fez estacar no meio da loja.

O armeiro soltou uma exclamação de surpreza e

de satisfação ao vêr quem era o cavalleiro que se apeara e lhe entrava pela porta dentro, de viseira erguida.

—Bem vindo sejaes, senhor Affonso Fernandes; já vos aguardava; n'este momento fallava em vós, exclamou Esteveannes com a sua voz aspera e sonora.

—Se não me engano, honrado Esteveannes, é meu o arnez que tendes na mão?

—É vosso, dom escudeiro, e bofá que é uma peça como poucas.

—Creio bem, Esteveannes, e se alguma duvida me restasse a tal respeito, hoje teria uma occasião de me convencer do que dizeis.

—Fio, senhor Affonso Fernandes, que não vos haveis de arrepender dos bons maravedis que por elle houverdes dado.

—Pois sabei Esteveannes, redarguiu o escudeiro pegando no arnez, que não foram nem maravedis nem nenhuma moeda de outra qualidade o que me deu a posse de tão valiosa peça.

—Como assim, dom escudeiro, acaso a obtivestes pelas más artes d'alguma feiticeira que a fosse buscar ás forjas de Belzebuth? replicou o armeiro escancarando a grande boca n'um riso de satisfação, crusando as mãos atrás das costas e descaindo um pouco o corpo para diante na attitude descançada de quem se dispõe ao prazer da conversa.

— Pois não acertastes, Esteveannes, e bem sabeis que nunca me quiz com bruxas nem feitiços. Este arnez que aqui vêdes e que merece os vossos gabos, foi dadiva que me fez Micer Pezagno, almirante d'el-rei, que o trouxe lá das terras de Italia onde se fabricam optimas armaduras. Mas dizei-me, não ides hoje á lide incorporado na hoste?

— Não falto, segundo é minha tenção, respondeu o armeiro. E vós, escusado é perguntar, partis já, a avaliar pela pressa que trazeis.

— Não, Esteveannes, venho n'esta pressa porque vou primeiramente da parte d'el-rei levar um recado á prizão da Alcaçova.

— Mas n'esse caso, senhor Affonso Fernandes, bem que vos peze, não podereis ouvir a missa que hoje se dirá na Cathedral e á qual assiste el-rei com a sua hoste?

— Não me peza, Esteveannes, já achei remedio a isso. A senhora rainha que é tão zeloza cumpridora dos seus deveres, ordenou igualmente, segundo sei de boa fonte, que se rezassem hoje tres missas na capella real para que Deus na sua grande misericordia se amerceie d'estes reinos e derrame a sua luz no espirito do infante D. Affonso e faça com que elle ainda se lembre do que lhe cumpre como bom filho e successor do reino. A nossa boa rainha e senhora põe ainda toda a sua esperança na intervenção divina e está convencida de que ho-

je mesmo se fará a paz entre el-rei e seu filho sem que nenhum d'elles tenha de desembainhar a espada. N'este ponto as esperanças da senhora rainha não vão accordes com a opinião geral da côrte que antevê uma lucta muito encarniçada nas proximidades de Lisboa. Entretanto, eu, como cavalleiro e bom christão, não podendo talvez assistir á missa da Cathedral, vou já d'este passo assistir a uma das missas que se hão de rezar na capella do alcaçar. Depois de cumprir estes dois deveres hei de ter ainda tempo de alcançar a hoste real no caminho para o Lumiar.

—E a côrte não assiste ás missas da rainha?

—Não, tem ordem d'el-rei para assistir á da Cathedral. Ás missas da capella real só provavelmente assistem as covilheiras e donzellas da senhora rainha, accrescentou o escudeiro.

Quem attentamente tivesse observado a physionomia do enamorado escudeiro ao proferir estas ultimas palavras ter-lhe-hia notado claros symptomas de extrema commoção. O armeiro não era porém homem no caso de fazer observações subtis, e a alteração que se deu no rosto do escudeiro passou desapercebida.

—Ora bem, exclamou de subito o escudeiro, não convem demorar; aqui mesmo envergarei o arnez.

Affonso Fernandes arredou-se para um canto da loja, tirou o elmo, despiu um brial, que era uma

veste que se costuvava trazer por cima da armadura, e envergou o arnez.

Passados poucos momentos tinha já posto o elmo e tornado a vestir o brial.

—Agora, mestre Esteveannes, disse o escudeiro segundo o nosso ajuste pagar-vos-hei esta divida quando receber d'el-rei a minha quantia. (1) Mas dizei-me, na vossa qualidade de besteiro do concelho, não ides, como vos cumpre, á lide?

—Vou já n'este momento armar-me da minha besta e do meu bacinete para me encorporar com a gente de guerra do meu concelho. Na minha qualidade de morador de Lisboa não faltarei com o meu braço no feito de atalhar o passo ao senhor infante que vem sobre a cidade, segundo se diz, com animo de entrar n'ella acompanhado de chusma de malfeitores e bem sabeis o damno que isso poderia causar á cidade.

Instantes depois, Affonso Fernandes, despediu-se do armeiro, montou a cavallo e partiu a galope pela ingreme ladeira que conduzia á Alcaçova.

Ainda se ouvia distinctamente o galope do cavallo quando da banda da Alcaçova, appareceu um outro cavalleiro.

Como trazia o rosto descoberto, o armeiro que assomara á porta no momento de Affonso Fernan-

(1) Quantia era uma especie de soldada que el-rei dava aos seus fidalgos.

des partir, reconheceu logo o recem-vindo e bradou:

—Bem vindo sejaes, senhor Fernão Froyão; que vos traz para estas bandas a taes horas?

—Guarde-vos Deus mestre Esteveannes, o mais entendido armeiro de Lisboa e arredores, redarguiu Fernão Froyão apeando-se. Muito folgo de aqui vos encontrar porque hei mister da vossa arte para o corregimento d'esta viseira, que está perra e não a posso calar e erguer tão prestes como desejara.

—E Fernão Froyão que já a este tempo entrara na loja, tirou e elmo e pol-o nas mãos de Esteveannes.

O armeiro examinou-o e depois de o entregar a um dos officiaes, fazendo-lhe algumas explicações sobre a maneira de o correger, rapidamente, voltou para junto do escudeiro.

—Que vos pareceu? perguntou-lhe o escudeiro d'el-rei. Será caso para grande demora?

—Pouco vale aquillo, respondeu-lhe o armeiro; quatro martelladas só e tel-o heis prompto n'um abrir e fechar d'olhos.

—Ora pois assim convem, volveu o escudeiro, porque tenho de me encorporar com a hoste que vae ao encontro do senhor infante e que já vem caminho da Cathedral.

—Que me estaes dizendo! pois a hoste d'el-rei já vem caminho da Cathedral! Oh! exclamou com

sobresalto o armeiro. E eu ainda aqui! Dispensae-me, senhor Fernão Froyão, não devo deter-me mais tempo; o arranjo do elmo ahi fica entregue a boas mãos, e pouca demora pode levar. O Anadel (1) já deve ter dado pela minha ausencia. Vou arranjar-me, e n'um credo acho-me com a hoste afim de tambem assistir á missa da Cathedral. E vós, mesteiraes, accrescentou, fallando aos que trabalhavam podeis-vos tambem ir; alguns de vós pertencem ao troço de guerra da cidade e conviria que não faltasseis ao feito de hoje. E vós, Lopo Baião, disse dirigindo-se ao que se incumbira do elmo, assim que tiverdes concluido o corregimento d'essa peça, fechae a loja, e abalae tambem para a hoste.

Acabando de proferir estas palavras, Esteveannes vestiu o seu saio, (2) poz na cabeça um chapeo

(1) Anadel, capitão d'uma companhia de besteiros.

(2) Saio era uma veste de homem, que parece chegava á cintura. O sainho de que já acima fallámos, era trajo de mulher, que tambem chegava á cintura, arredondado em baixo e sem abas. Isto tudo são supposições. Dos trajos de tão remotas epochas, só rigorosamente se conhecem os nomes, porque se encontram nos documentos. O finado romancista portuense Arnaldo Gama, escriptor estudioso e investigador profundo, nas descripções de trajos toma por guia os escriptores francezes que tratam da especialidade. O sr. Alexandre Herculano, de todos o mais competente, não desce nos seus romances admiraveis a minuciosidades n'este ponto, o que leva o autor d'este livro a crer que não existem monumentos por onde se possa ajuizar dos trajos portuguezes na edade media. Pelo menos ainda os não viu nem tem grandes esperanças de os ver.

de feltro de grandes abas, despediuse de Fernão Froyão e abalou rijo pela porta fora.

O conselho do armeiro foi seguido; d'ali a pouco só havia na loja Lopo Baião e o escúdeiro.

Passado um quarto de hora, o muito, Lopo Baião apresentava ao escudeiro o elmo já devidamente corregido.

Fernão Froyão encaixou-o na cabeça e experimentou a vizeira; baixava e subia perfeitamente.

Depois de pagar o concerto e quando hia a retirar-se, acudiu-lhe uma idéa subita e voltando-se para Lopo Baião perguntou-lhe:

— Dizei-me se sabeis, quem era aquelle cavalleiro que partia d'aqui quando eu chegava?

— Era o senhor Affonso Fernandes, respondeu de prompto Lopo Baião.

— Affonso Fernandes! exclamou o escudeiro em tom de grande assombro. Mas que veio elle aqui fazer? accrescentou no mesmo instante.

— Veio por um arnez que tinha cá posto. Quando vós chegaveis partia elle a encorporar-se na hoste.

— A encorporar-se na hoste! redarguiu Fernão Froyão cujo assombro subiu de ponto.

— Não, para a hoste, não, atalhou de golpe Lopo Baião; agora me occorre que elle aqui fallou por alto n'um recado que devia levar da parte d'el-

rei não me lembra aonde. Só depois de dar o recado d'el-rei é que se vai reunir á hoste.

— Bem sei, exclamou Fernão Froyão, bem sei que recado é esse que elle vai levar da parte d'el-rei. Eu tambem vou para o Castello a reunir-me a el-rei, — e a ver de caminho se o recado de sua real senhoria foi cumprido como é mister — accrescentou fallando comsigo.

Depois de calar a viseira, Fernão Froyão tornou a montar no seu ginete, esporeou-o com ancia e partiu para o Castello.

No caminho encontrou a hoste que já descia da Alcaçova.

Não tardou muito que não passasse tambem o armeiro Esteveannes na mesma direcção.

Como dissera tinha ido armar-se para se juntar á hoste d'el-rei.

Na sua qualidade de besteiro do concelho levava ao hombro a sua besta de polé, na cabeça um bacinete de camal, que era um elmo com defeza de malha de ferro para o pescoço, e no peito uma armadura a que chamavam solhas.

. . . .

. . . .

Quando já tinham dado onze horas, sahia da cidade a hoste em direcção ao Lumiar. El-rei que acabara de assistir á missa que devotamente mandara dizer, segundo era costume antes d'uma hoste

entrar em combate, el-rei postara-se rodeado dos cavalleiros incumbidos da guarda da sua real pessoa, proximo da porta de ferro, e estivera vendo deslisar a sua gente formada em ordenança de guerra.

No momento em que a *çaga* ou rectaguarda já franqueava a escura e profunda porta da cerca, e el-rei se dispunha tambem a pôr-se a caminho, ouviu-se das bandas da rua que subia para a Alcaçova bradar uma voz rouca e desgradavel:

—Justiça que sua senhoria el-rei mandou fazer n'este traidor; que morra enforcado como qualquer villão.

El-rei que ouvira o pregão sinistro, deu de redea ao cavallo e disse ao cavalleiro que lhe ficava mais proximo:

— Aquelle nunca mais torna a ser traidor ao seu rei, se é que o foi.

— Quando é que a justiça d'el-rei se engana? volveu o cavalleiro.

Ao ouvir estas palavras, el-rei bem a seu pezar, estremeceu sobre o seu ginete de guerra.

N'aquella mesma tarde, na forca armada no sitio chamado hoje S. João da Praça balouçava um cadaver.

Pelo que dissera o pregoeiro, aquelle cadaver era o d'um traidor que morria como merecem morrer os villões traidores.

Porém entre a villanagem que assistira á execução e que reparara no rosto livido do cadaver, corria voz que aquelle não era um vil peão, mas um escudeiro da creação do Paço.

Qual fora porém o crime que o tornara merecedor de morte tão aviltante?

Eis o que a villanagem não sabia dizer.

VI

O Balsão negro

Este rei D. Diniz houve guerra com seu filho D. Affonso, per razão que queria que Affonso Sanches, que era seu filho de barregan, que reinasse.

Livro das Linhagens.

A hoste real franqueou a chamada a porta do ferro, desceu á rua Nova, que tão celebre e fallada depois se tornou e cuja edificação devia ser então recente e tomou em direitura ao rocio. Aqui el-rei, como lhe cumpria, tomou logar na vanguarda rodeado d'uns vinte cavalleiros que formavam a guarda da sua pessoa. Entre elles achavam-se os seus dois filhos D. Pedro, conde de Barcellos e D. Affonso Sanches, mordomo-mór e talvez causa principal da lucta que se ia travar.

João Affonso na qualidade de alferes-mór empu-

nhava a signa ou bandeira real a qual ia ainda mettida na respectiva funda, porque, segundo o regimento de guerra d'aquelles tempos a bandeira, real só se desfraldava quando a hoste entrava em combate.

Logo atrás d'el-rei e dos cavalleiros a quem competia a honra de rodear a pessoa do rei quando ia á guerra, cavalgava o resto dos fidalgos do partido d'el-rei devidamente revestidos das suas pesadas armaduras, e acompanhados dos seus *aquantindos*, isto é, dos homens d'armas que elles tinham ao seu serviço e que recebiam por isso soldo ou *quantia*.

Após os cavalleiros fidalgos e seus aquantiados formavam os cavalleiros-villãos os quaes, na maior parte, iam unicameute armados de lança e escudo e um simples peito de ferro.

Na rectaguarda ou *çaga* iam os besteiros do conto armados pela mesma forma que ha pouco vimos o armeiro da porta do ferro, isto é de bestas de polé, solhas ou peitos d'aço e de bacinetes de camal (1)

Quasi de envolta com os besteiros ia um grande

(1) É encostando-nos á opinião de Alexandre Herculano que fazemos figurar entre a gente de guerra do rei os besteiros do concelho que n'esse tempo é provavel que já estivessem organisados. Rebello da Silva já os faz figurar um seculo antes no seu romance *Odio velho não cança*. Talvez seja cedo de mais.

numero de peões do concelho armados, uns de lanças e de cutellos, e outros apenas de paos ferrados.

Do rocio a hoste tomou o caminho de Valverde, que era o sitio onde hoje está o Passeio Publico, e d'ahi seguindo para Andaluz, que ainda tem o mesmo nome, chegou aos campos d'Alvalada, que presentemente se chamam Campo Grande e Campo Pequeno.

Nos campos d'Alvalada el-rei mandou fazer alto.

No lado opposto avistavam-se alguns corredores da hoste do infante D. Affonso que, segundo noticias recebidas, estava acampado no Lumiar.

No rosto do rei transpareceu então a mais pungente amargura; via-se quanto lhe era doloroso aquelle lance, e que só a dura obrigação que lhe impunha a dupla qualidade de pae e de rei, o levava a tão extrema resolução.

Em cumprimento do que promettera no dia antecedente, el-rei enviou um dos seus cavalleiros mais autorisados, Alvaro Martins d'Azevedo, ao campo da hoste inimiga afim de emprazar D. Affonso a voltar para Santarem com as suas gentes de guerra sob pena de receber ali mesmo pela força das armas, o severo castigo dos seus desmandos e insolitas pertenções.

Alvaro Martins d'Azevedo calou a viseira e desembainhando a espada d'armas partiu ao galope do

seu possante ginete para a hoste acompanhado d'um simples pagem.

Passada cerca de meia hora Álvaro Martins de Azevedo voltava do campo inimigo.

Foi de mau agoiro a impressão que produziu quando ergueu a viseira; trazia o aspecto demudado e revelando mal reprimida colera.

Quando o viu, el-rei, participou da impressão geral; deu-se comtudo pressa em perguntar:

— Dizei, Martins d'Azevedo, que acolhida deu o senhor infante á missão que de mim lhe levastes?

— Senhor, respondeu Martins d'Azevedo com voz que a commoção e a colera tornavam pouco firme, tendes no senhor infante o mais respeitoso dos filhos e o mais leal dos vassallos.

—Então, volveu el-rei com um certo alvoroço, o senhor infante resignou-se a voltar para Santarem e aguardar ahi o que nós houvermos de determinar?

— O senhor infante, respondeu o cavalleiro d'elrei com voz repassada de severa mas respeitosa indignação, não só não se resigna á vontade real como disse que se eu não fosse cavalleiro da casa d'elrei seu pae, me mandaria ali mesmo cortar a cabeça como a um traidor.

— O senhor infante, volveu el-rei u'um tom em que mais se revelava a magua d'um pae do que a colera d'um rei, tem genio mal sofrido e com razão lhe chamam o *bravo*.

— Teve porém motivo para de tal modo me ameaçar, retorquiu o cavalleiro com indizivel ironia, na minha qualidade de fiel vassallo e amante da dignidade real e do bem d'estes reinos que tanto padecem com os desmandos do senhor infante, tomei a liberdade de fazer algumas respeitosas considerações; ao ouvil-as o senhor infante arremetteu para mim ás estocadas, e se não fossem os cavalleiros que se achavam presentes, teria por certo ali soffrido grande desaire ou a dignidade do rei na pessoa do seu cavalleiro ou a lealdade d'um vassallo por causa do senhor infante.

Ao acabar Martins de Azevedo de proferir estas palavras a indignação transpareceu no rosto de todos os circumstantes; Affonso Sanches, o filho natural, deu claras mostras de impaciencia.

El-rei permanecia a um tempo indignado e perplexo; bem se via quanto o lance lhe ia ser custoso e quanto hesitava em dar ordem de marchar contra o filho, agora que não lhe restava duvida de que a lucta se deveria forçosamente empenhar. A sua hesitação durou comtudo pouco tempo. Ao dirigir a vista para a extremidade do campo viu apparecer a vanguarda da hoste do infante D. Affonso, que marchava ao encontro d'el-rei; a lide era pois inevitavel.

El-rei poz-se pallido e em toda a hoste real levantou-se um rumor e percebeu-se uma agitação

percursora por certo de temerosa tempestade. Nós, porém, agora que se prepara a lucta, temos de retroceder um pouco e vermos o que se passava em Lisboa no alcaçar do Castello, ao tempo que el-rei marchara para a lide.

Como Affonso Fernandes declarou, a rainha D. Izabel, a santa, mandara dizer por especial intenção algumas missas na capella real para que Deus houvesse de permittir que a paz e a concordia novamente se estabelecessem entre el-rei D. Diniz e seu filho sem que nenhum dos contendores tivesse de desembainhar o gladio homicida.

A rainha, portanto, á hora aprazada, dirigiu-se pelo passadiço de que fallamos no primeiro capitulo d'este romance para a capella real, acompanhada de todas as suas donzellas e covilheiras, as quaes partilhando os receios e soffrimentos da sua real ama, quizeram unir as suas preces ás d'ella para que Deus se amerceasse da amarga situação em que el-rei se achava, abrandando o coração do filho e fazendo com que elle se lembrasse dos seus deveres de infante e de vassallo.

Ao tempo que el-rei se dispunha a partir com a sua hoste para assistir á missa que se havia de rezar na Cathedral, prostrava-se a rainha conjunctamente com as suas serviçaes no pavimento da capella real, e com exemplar devoção e inexeedivel recolhimento começava a ouvir a primeira das mis-

sas que mandara dizer pela paz do reino e concordia do filho e do marido.

Entre as donzellas e covilheiras do paço achavam-se Urraca Vasques, Estevainha Martins, Maria Annes, Joanna Peres, D. Guilhemoa e D. Marqueza Rodrigues que segundo dizem foi aia e collaça da rainha, e, como era natural, Ermezenda Sanches, a formosa donzella que já conhecemos.

Ermezenda distinguia-se facilmente d'entre as mais pela singular belleza dos seus longos e aureos cabellos cahindo-lhe em caprichosas ondas pelos hombros e pelo collo de graça incomparavel.

O silencio profundo que reinava no templo era apenas interrompido pelas palavras que em voz grave o ministro e o seu acolyto proferiam na consagração do incruento sacrificio.

De repente no meio d'aquella solemne quietação, ouviram-se nas lages do pavimento, ao longo da nave, uns passos pesados e sonoros e um como tinir d'armas.

Á devoção e profundo recolhimento da rainha e de muitas das suas damas e donzellas passou desappercebido aquelle inesperado ruido. Porém, algumas voltaram a cabeça com certo alvoroço e Ermezenda foi uma das que não se pôde subtrahir ao impulso da curiosidade.

Quando a donzella bem amada da rainha olhou para trás, ás faces cobertas da pallidez de magoas

recentes assomou-lhe um vivo carmim, e um mysterioso estremecimento percorreu-lhe o corpo. O som das passadas que lhe despertara a curiosidade era motivado por um cavalleiro completamente armado que entrara na egreja. O recemvindo avançou até ao meio da nave, ajoelhou e começou com todas as mostras de profunda devoção a ouvir a missa que n'aquelle momento já ia em meio.

Porque estremecera Ermezenda? Porque tão de subito se avivaram as desbotadas rosas d'aquelle rosto gentil? Foi porque no cavalleiro que entrara reconhecera Affonso Fernandes, que, segundo o que os leitores já sabem, tinha ido assistir a uma das missas que a rainha mandara dizer, por não poder, em consequencia do recado d'el-rei, assistir á que se celebrava na cathedral.

Entretanto quando as tres missas se acabaram de rezar e a rainha concluiu as suas orações e se levantou, já o namorado escudeiro havia desapparecido.

O desditoso mancebo fora cumprir o mandado d'el-rei, mandado que tinha, como os leitores sabem, alcance tão sinistro e fatal.

Quando a rainha se ergueu, todas as damas e donzellas do seu sequito a imitaram.

Então D. Izabel voltando-se para D. Marqueza Rodrigues, dama já idosa e de aspecto venerando, disse:

—Minha boa Marqueza, agora que me sinto mais animada pelas orações que dirigi a Deus vou pôr em execução o meu intento. Estou que o Todo Poderoso me ha de ajudar no meu empenho, e dar-me ao gesto tal authoridade e ás palavras tanta eloquencia que meu filho cahirá em si, e embainhando a espada criminosa se reconciliará com el-rei seu pae.

—Pois insistis, senhora rainha? volveu D. Marqueza.

—Insisto, sou rainha, sou mãe e confio em Deus. Vós ficae ahi com as minhas damas e donzellas a orar pelo bom successo da minha missão. Espero firmemente que bem depressa hei de voltar com as boas novas de paz e então só teremos a agradecer a Deus o auxilio que na sua grande misericordia se dignou dispensar-nos n'este lance tão grave e doloroso.

E ditas estas palavras a rainha poz-se a caminho.

As damas e donzellas seguiram-n'a. A' porta da igreja um pagem segurava pela redea uma mula que tinha sobre o possante dorso um commodo silhão.

Depois de se despedir affectuosamente das suas serviçaes, D. Izabel montou na mula, envolveu-se n'uma mantilha que o pagem lhe entregou, e partiu

pelas ruas da Alcaçova em direcção ao logar da lucta.

Os populares a quem encontrava pelo camiuho descobriam-se respeitosamente mal a viam, e voltando-se uns para os outros perguntavam:

— Onde irá a nossa santa rainha?

Nós porém que já sabemos onde se dirigia a boa e virtuosa senhora precedel-a-hemos a fim de vermos o que se passou no campo da lide depois que as duas hostes se viram em frente uma da outra.

Com essa hesitação que antecede sempre as tremendas luctas e os criminosos feitos, nenhum dos contendores, apesar das suas rancorosas disposições teve animo de logo mandar tirar da funda e desfraldar a respectiva signa e dar de semilhante modo o signal de começar a lide.

As duas hostes não haviam ainda travado decididamente a peleja, e estavam como dizem os velhos chronistas que fallam d'este caso, em *alas paradas*.

Entretanto na *costaneira esquerda*, ou como se diz na linguagem technica de hoje, no flanco esquerdo, muitos homens d'armas, besteiros do concelho e peões, levados do seu ardor bellicoso tinham já travado lucta com a *costaneira* inimiga que lhes ficava em frente.

Os virotes das bestas, atravessavam, silvando, de

um a outro lado do arraial, muitas das lanças da peonagem voavam em hastilhas e nos escudos e armaduras dos homens d'armas soavam temerosos os golpes dos montantes ou espadas *d'ambas las mãos.* (1)

A gente do infante agrupava-se em redor d'um balsão negro que um pagem d'armas empunhava.

Era este balsão o motivo principal da lucta. Debalde porém tentavam os homens d'el-rei apoderar-se d'elle. Não só lh'o impediam os homens de pé que o defendiam, como tambem um esforçado cavalleiro a quem o balsão pertencia, e cuja estatura agigantada e armas negras pareciam só pelo seu terrivel aspecto, intimidar os mais ousados e ardidos.

Porém de repente, quando mais accesa estava a lucta e mais debatida a posse do balsão, chegou ao campo um novo cavalleiro.

Pelo ruidoso resfolegar do seu formoso ginete todo coberto de suor, parecia vir de longe e ter sustentado vertiginosa carreira.

Mal chegou e viu o cavalleiro das armas negras,

(1) O montante era uma espada muito comprida, de que os cavalleiros se serviam com ambas as mãos, no meio da confusão e no mais acceso da lucta. A espada d'armas era mais curta, e por conseguinte mais manejavel.

abriu caminho com o seu ginete pelo meio dos combatentes e approximou-se d'elle.

Os que pelejavam affastaram-se e alguns fazendo reparo no escudo sem divisa do recemvindo, exclamaram:

— Um escudeiro d'el-rei!

Chegado que foi proximo do cavalleiro de negro, o que parecia escudeiro, bradou em voz sonora:

— Martim Gonçalves Leitão, lembras-te do teu feito de Coimbra em que fizeste aquella grande traição a Gonçalo Pires Ribeiro, o melhor cavalleiro d'elrei?

Martim Gonçalves Leitão por unica resposta soltou um rugido de colera.

— Já vejo que te lembras, redarguiu o escudeiro d'el-rei. És pois um vil traidor, Martim Gonçalves. E sabe que hei de hoje apresentar a el-rei esse teu balsão em prova de que a tua traição já foi castigada.

— Para m'o tirares seria preciso tirares-me primeiro a vida, e essa não a ha de tirar a Martim Gonçalves, um insignificante escudeiro que eu não conheço e que é talvez filho d'alguma das suas barregans.

Por seu turno foi o escudeiro quem deu um rugido.

— Se me queres conhecer, dom traidor, fende-

me o elmo e a viseira primeiro que eu te ganhe esse balsão e te arranque a vida que só te ha servido para feitos vis como os de Coimbra.

E ditas estas palavras os dois contendores arremetteram um para o outro com temeroso impeto.

VII

O anjo da paz

> Antre as muitas virtudes que houve na Rainha Dona Izabel em quanto viveo foy procurar sempre paaz e amisade de que ella se presou muito.
>
> Ruy de Pina, Chr. de D. Diniz.

Mas que traição era esta de que fallava o escudeiro?

Eis o que vamos dizer em poucas palavras, em quanto os dois adversarios não satisfazem a sanha de que estão possuidos com a derrota d'um d'elles.

Pelo que já temos dito, no decurso d'este romance, lenda ou o que lhe quizerem chamar, facilmente se deprehende que não era esta a primeira vez que D. Affonso se punha em campo contra o pae, apparentemente por causa da exiguidade dos rendimentos de que D. Affonso se queixava, mas na realidade por causa dos receios que lhe inspirava o

grande valimento de que seu irmão natural D. Affonso Sanches gosava no animo de el-rei.

N'uma d'essas vezes, no anno 1359 da era de Cezar, dois annos antes da lucta de que se falla na presente narrativa, os exercitos do pae e do filho tinham-se encontrado em Coimbra. D. Affonso achava-se de posse da cidade, e D. Diniz vendo que o filho não acceitava as condições que lhe tinham sido propostas resolveu-se a atacal-a, tentando entrar pela ponte que ficava sobre o Mondego. Foi aqui que se deu o feito a que o escudeiro se referiu no repto ao cavalleiro da hoste do infante. Martim Gonçalves Leitão, e seu irmão Estevam Leitão, vassallos de D. Affonso defendiam a ponte. Na investida distinguiu-se sobremodo um cavalleiro d'el-rei por nome Gonçalo Pires Ribeiro, que fiado no seu esforço, segundo o dizer da chronica, conseguiu entrar a porta que ficava sobre a ponte; porem, se o ardor dos que atacavam era extraordinario não era menor o denodo dos que defendiam a entrada da cidade, e Martim Gonçalves Leitão, isto é o cavalleiro que vemos agora em combate singular com o escudeiro, ajudado pelo seu irmão, conseguiu lançar da ponte abaixo a Gonçalo Pires Ribeiro. Não diz a chronica d'onde extractamos a narração d'este episodio se o cavalleiro d'el-rei se affogou no rio, mas se a memoria nos não falha, Gonçalo Pires Ribeiro figura no testamento da rainha Santa Izabel, que foi feito

annos depois de terem acontecido os factos a que nos referimos, e por conseguinte a sua audacia não teve tão funestas consequencias como seria para receiar.

Era d'esta affronta ao vassallo d'el-rei que o escudeiro queria tirar vingança.

Dadas estas explicações que nos pareceram indispensaveis, vejamos o que se passava entretanto no campo d'Alvalada.

Foram logo terriveis os primeiros golpes; se no cavalleiro de negro se notava a firmeza de homem endurecido nas pelejas, no escudeiro revelava-se todo o ardor e toda a agilidade dos verdes annos.

Esteve por muito tempo indecisa a lucta. Houve um momento em que os da hoste do infante tremeram pela vida de Martim Gonçalves Leitão. Foi quando elle tendo vibrado um temeroso golpe com a sua espada d'armas, o escudeiro lh'o aparou no escudo, e a espada saltou feita pedaços. Porém contra o que todos esperavam, o escudeiro não se valeu da superioridade em que aquelle incidente o collocou, e aguardando que o seu adversario empunhasse o montante que um pagem lhe veiu trazer, dispoz-se a recomeçar a lucta mesmo em condições tão desiguaes.

Se não era loucura o procedimento do escudeiro, era porque então combatia fiado n'alguma protecção ignota e mysteriosa.

Martim Gonçalves estava cego de colera; a generosidade do escudeiro pareceu que em vez de o acalmar mais lhe augmentou a sanha. Erguendo com ambas as mãos o montante descarregou com furia um tremendo golpe sobre o escudeiro. Porém este em vez de o aparar no escudo, como da vez primeira, evitou o golpe fugindo para o lado, e o montante só encontrou o vacuo. No impeto com que vibrou o montante e faltando-lhe a resistencia que esperava, o cavalleiro perdeu o equilibrio e cahiu de bruços sobre o pescoço do cavallo.

Não deixou o escudeiro escapar como da primeira vez tão favoravel circumstancia; atirando um fortissimo golpe com a sua espada d'armas á cabeça do seu adversario fez com que elle atordoado soltasse os braços e cahisse do cavallo, o qual, vendo-se sem governo, partiu desenfreado pelo campo fora.

Entretanto o escudeiro vencedor apeou-se e correndo para o seu adversario derribado apontou-lhe a espada á parte superior do gorjal, que deixava um pouco a descoberto a garganta, e bradou:

— Rende-te, dom traidor!

N'este momento, porém, uma frecha perdida partiu do campo do infante, cravando-se no lado direito do escudeiro fel-o largar a espada e vacillar.

Besteiros e outra gente da hoste real rodearam-n'o logo e conduziram-n'o para a *çaga* onde foi en-

tregue aos cuidados de mestre Estevam, physico mór d'el-rei, que tambem fôra na hoste.

O escudeiro estava tambem ferido, e podia ser que mortalmente, porque as frechas n'aquelle tempo eram muitas vezes *hervadas* ou empeçonhadas.

Não tardou muito que aos ouvidos d'el-rei chegasse a nova de que um escudeiro de sua casa vencera em combate singular o vassallo do infante Martim Gonçalves Leitão, o traidor que na ponte de Coimbra lhe ia matando Gonçalo Pires Ribeiro.

Quando tal soube, el-rei exclamou:

—Dê-lhe Deus vida que eu lhe darei o mais valioso galardão que elle desejar.

Quando D. Diniz acabava de proferir estas palavras, João Affonso, seu alferes, que levava o estandarte real, chamou-lhe a attenção para o que se passava na hoste inimiga.

El-rei olhou e viu desenrolada a signa do infante e ouviu ao mesmo tempo as trombetas darem o signal de arremetter.

Então D. Diniz aprumando o corpo que os annos e mais ainda os desgostos traziam já alquebrado, ordenou a João Affonso que desfraldasse o estandarte real.

No mesmo instante abalaram os ares em clamor guerreiro as trombetas e anafís d'ambas as hostes. Então os cavalleiros embraçaram os escudos, ergueram as espadas d'armas, ou terçaram as lanças, os

peões brandiram as ascumas, e os besteiros encurvando os arcos das bestas disposeram-se a arremessar os seus virotões hervados sobre a hoste que lhes ficava em frente.

Foi um momento terrivel; como cumpria aos primeiros cavalleiros do reino, achavam-se na vanguarda das hostes quasi em frente um do outro el-rei D. Diniz e seu filho o infante D. Affonso; ia talvez n'aquelle instante perpetrar-se o mais horrendo dos crimes.

Mas de subito, como por encanto, calaram-se os bellicos instrumentos, os cavalleiros sopearam os cavallos prestes a abalarem em vertiginosa carreira, os peões baixaram as suas ascumas, e os besteiros afrouxaram as cordas das bestas já promptas para arremesarem as empeçonhadas armas.

Que milagrosa causa produzia tão maravilhoso effeito? Fora porque rei, infante, cavalleiros, besteiros e gente meuda das hostes, em meio dos homens d'armas cegos de ira, das bestas que se curvavam, dos montantes que se erguiam e das ascumas que scintillavam aos raios do sol prestes a fenderem os ares, tinham visto apparecer de subito, como visão milagrosa, como iris de paz em meio das nuvens temerosas da procella, a rainha D. Izabel, aquella que o povo já chamava santa, muito antes que a igreja lhe prestasse a devida homenagem ás suas virtudes celestiaes.

E o povo tinha razão; D. Izabel, alem da severidade angelical do seu proceder em meio das intrigas que ferveram na côrte em tempos de D. Diniz, da doce resignação com que via seu esposo entregar-se constantemente a amores criminosos, resignação que chegava ao ponto, segundo dizem os seus chronistas, de acolher com protecção maternal os filhos bastardos d'esses amores, D. Izabel não se esqueceu do povo, e alem de muitas outras instituições de beneficio, fundou, por exemplo, o hospital dos Innocentes em Santarem, onde recolhia as creanças engeitadas.

O povo não esquece porém os seus bemfeitores, e uma moeda em que lhes paga é a gratidão, tanto mais valiosa quanto mais duradoira, porque passando de geração em geração, perpetua-se durante seculos, como sucede com D. Izabel, cujo vulto suavemente illuminado pelas doces irradiações da poesia popular, figura ainda nas formosas lendas tão geralmente conhecidas em que ora o dinheiro dos pobres se transforma em rosas no regaço da rainha, ora as rosas da rainha se transformam em oiro nas mãos dos pobres que ella protegia.

Assim como partira dos paços do Castello D. Izabel vinha montada na sua mula. Com a rapidez da carreira descompozera se-lhe um pouco o transparente oural ou veo das donas que lhe emmoldurava a fronte angelica e veneranda; o sol, que já cami-

nhava para o poente, dava-lhe em cheio e revebe-rando no manto d'escarlata em que vinha envolvi-da, rodeava-a d'um vivo fulgor que produzia nos que para ella olhavam o effeito da aureola que cos-tuma circumdar as celestiaes apparições.

Apeando-se e dirigindo-se para o infante que es-tacara no seu impeto guerreiro, a rainha com uma voz em que se alliava a severidade da indignação com a doçura do amor maternal, exclamou:

— Que fazes, Affonso! Que doloroso espectaculo reservaste para os meus dias derradeiros?

D. Affonso ao ver a rainha ao pé de si apeou-se respeitosamente.

D. Izabel proseguiu:

— Affonso, meu filho, esquece-te embora da obe-diencia que o vassallo deve ao rei e ao senhor mas não esqueças o amor e o respeito que os filhos de-vem aos paes, não olvides que tambem és pae e has de vir a ser rei e bem sabes quanto a Providencia é inexoravel com os filhos que desobedecem aos seus maiores.

O infante abalado por estas palavras, embainhou a espada d'armas e beijou a mão da rainha. No rosto transparecia-lhe grande indecisão.

D. Gonçalo, o veneravel bispo de Lisboa, que tambem fôra na hoste, ao ver o infante em tão fa-voravel disposição, acudiu logo com a sua voz au-

torisada a persuadil-o tambem de que devia ali reconciliar-se com el-rei.

Entretanto em todo o campo d'Alvalada estabelecera-se profundo silencio; el-rei tinha a viseira levantada e no seu rosto lia-se mais oa ffecto do pae, que abria os braços para receber o filho desvairado, do que a severidade do rei que quizesse castigar o vassallo rebelde.

D. Izabel ao ver a indecisão do filho e querendo acabar d'uma vez com aquellas luctas inglorias e fataes, que tanto damno traziam aos povos e tão mau exemplo lhes davam, tornou a dirigir-lhe a palavra e lembrou-lhe as promessas solemnes que fizera dois annos antes e os juramentos que por essa occasião proferira. Mostrou-lhe quão feio era o procedimento d'um cavalleiro que nem os seus juramentos cumpria, e d'um filho e vassallo que tão facilmente esquecia as promessas de obediencia e respeito a seu rei e pae. (1)

D. Affonso, como depois mostrou no seu reinado, era brioso cavalleiro, e não pôde deixar de reconhecer a verdade d'aquellas palavras e de se sentir pesaroso do seu procedimento irreflectido agora que

(1) Estas promessas e juramentos tinham sido feitos dois annos antes. A rogos tambem de D. Izabel, D. Affonso viera pedir perdão ao pae e prometter-lhe submissão e affecto. Como se vê, a rainha santa era o anjo da paz que andava constantemente a reconciliar o pae e o filho.

a voz suave e o rosto sereno da rainha lhe faziam abrandar os impetos do seu genio irascivel.

Dirigindo-se para o pae que aguardava a sua resolução e que tambem já se apeara, poz um joelho em terra e beijou-lhe a mão.

—Infante, disse então D. Diniz fazendo-o erguer com gesto amoravel, sei que vos queixaes de terdes recebido alguns aggravos d'el-rei. Não ignoraes quanto o nosso animo é inclinado á justiça; exponde portanto vossos aggravos, que á fé de quem sou, fio que não heis de dizer que só ao primeiro dos meus vassallos é que nego a justiça que lhe cabe.

O infante respondeu então:

—Os aggravos que tenho recebido, não d'el-rei mas d'alguem que eu agora não nomeio, guardo-os para occasião mais propria os expor; por agora só peço a el-rei meu pae licença para voltar para a boa villa de Santarem.

—Se é essa apenas a vossa vontade podeis retirar-vos para onde bem vos aprouver.

Após esta scena pathetica, as duas hostes pozeram-se em movimento; a do infante voltou para o Lumiar e a d'elrei para Lisboa.

Dias depois D. Affonso achava-se em Santarem.

Douravam os ultimos raios do sol poente as muralhas do Castello e o cimo das torres da Cathedral,

quando el-rei á frente da sua hoste entrava na cidade velha pela porta do ferro.

No rosto da rainha lia-se a mais doce satisfação. Mais uma vez desempenhara a sua missão de anjo de paz para a qual parece que a Providencia a destinara fazendo-a rainha d'estes reinos.

VIII

A justiça de sua real senhoria

Ó virtude adoravel!
Ó tu das almas nobre encanto.
Caldas. Poesias sacras.

Estavam por tanto mais uma vez feitas as pazes entre el-rei e o infante graças á benefica influencia da santa rainha D. Izabel, cuja missão de paz esteve quasi a exercer-se outra vez, annos depois, por occasião da guerra de D. Affonso IV e do rei de Castella; n'esta occasião, porém, a rainha não chegou a realisar o seu intento porque, no caminho para Extremoz, onde D. Affonso se achava, falleceu, talvez por effeito do cansaço da viagem a que a sua organisação já debilitada pelos annos não podera resistir.

No dia que se seguiu á lide que houve nos

campos d'Alvalada reinava o habitual socego nas ruas e viellas da Alfama e Alcaçova, e o costumado bulicio e animação na rua Nova que já começava a ser o centro do movimento da cidade: os mesteiraes punham de banda a besta ou a ascuma e voltavam aos seus mesteres, e os fidalgos e aquantiados de fora do concelho regressavam aos seus lares.

Nós que temos porém de ver qual foi o desfecho do drama mysterioso que intimamente se liga com estes factos historicos, vamos para isso penetrar outra vez nos Paços de sua senhoria el-rei e ver o que ali se passava.

Hão de estar lembrados os nossos leitores do moço escudeiro d'el-rei que, d'um modo bisarro, vencera em combate singular o cavalleiro do partido do infante, Martim Gonçalves Leitão.

Tambem não deve ter esquecido que o escudeiro ficara ferido e fora entregue aos cuidados de mestre Estevam, physico-mór d'el-rei, e que sua real senhoria dissera, ao saber do resultado do combate, que se o escudeiro vencedor escapasse do ferimento, teria o galardão que mais desejasse em recompensa de tão brilhante feito.

Era porém mysterio ainda, para quasi todos os moradores do Paço, quem seria o feliz e brioso cavalleiro que praticara acção de tamanho vulto. Geralmente apenas se sabia que na vespera tinham desapparecido dois escudeiros: Fernão Froyão e Af-

fonso Fernandes. Um d'elles devia forçosamente estar morto, porque não apparecia, e o outro devia ser o que tinha ficado ferido e entregue aos cuidados de mestre Estevam.

Quem portanto estava forçosamente ao facto da verdade era o physico do Paço. Por este motivo, mestre Estevam, principiara logo de manhã, a soffrer incessante perseguição da parte dos curiosos ou dos interessados, que queriam, não só saber qual o estado do ferido, mas tambem quem elle fosse.

Porém mestre Estevam tivera a estranha birra de responder a todos, que bem depressa se saberia quem fora o heroe do dia antecedente, porque elle não havia de tardar a apparecer são e escorreito, graças — accrescentava mestre Estevam com louvavel modestia — não ao meu grande saber de physico, mas á nenhuma gravidade do ferimento.

Esta curiosidade parece que não foi só das creaturas inferiores do Paço, porque até a propria rainha mandou logo muito de manhã chamar aos seus aposentos o physico da côrte, e apenas elle sahia da presença da sua senhora, recebia igualmente ordem de se apresentar a el-rei que o aguardava.

Levados tambem de mui natural curiosidade vejamos o que se passara com o physico-mór nos aposentos de sua senhoria.

El-rei achava se na mesma casa onde pela ultima vez fallara com o seu escudeiro favorito e com

o meirinho-mór da côrte. Tinha o parecer mais alegre.

Na frente da meza, em attitude respeitosa, estava o mestre physico.

El-rei rompeu o silencio:

—Mandei-vos chamar, não para vos perguntar quem seja o ferido, porque demasiado o presumo, mas para saber do seu estado.

—Visto que vossa senhoria sabe quem é o ferido, só direi que o seu estado se pode julgar de perfeita saude.

—De perfeita saude! volveu el-rei sobremodo admirado.

—De perfeita saude, retorquiu o phisico, porque apenas ficou levemente ferido n'um lado pela frecha d'um besteiro, que fora despedida com tamanha força, que a não ser de tão fina tempera o arnez onde bateu, já a estas horas não existiria o vosso escudeiro. Ainda assim valeu-lhe não ser a frecha empeçonhada.

—Deve por tanto a saude á rijeza do seu arnez, que impediu que aquella frecha traidora fizesse n'elle maior estrago, volveu el-rei com ar prazenteiro.

—E nada deve á minha pobre sabença, retorquiu mestre Estevam inclinando modestamente a fronte scientifica.

—Tal não digaes, mestre physico, não chameis pobre ao vosso saber, que por mim não conheço

outro mais sabio do que vós na nobre arte de curar. Só me peza que tamanho saber não exista em homem christão.

Nova curva arqueou o corpo de mestre Estevam, mas d'esta vez um meio sorriso de satisfação assomou-lhe, mau grado seu, á flor dos labios delgados.

El-rei proseguiu:

—Voltando ao heroe da lide, visto achar-se elle de boa saude pode vir á nossa presença. Sabeis em que parte do Paço estará n'este momento?

— Agora mesmo acabo de o ver no corredor que dá para os aposentos das donzellas da senhora rainha, respondeu o physico-mór com um sorriso malicioso, sorriso que el-rei não advertiu, porque se distrahira n'aquelle momento com um pedaço de pergaminho que tinha diante de si.

Comtudo ao ouvir as ultimas palavras de mestre Estevam, levantou a cabeça e redarguiu com algum assombro:

—E que fazia elle ahi?

—É de crer que tivesse sido chamado pela senhora rainha, acudiu pressuroso, o physico, talvez arrependido das palavras que acabara de proferir, a senhora rainha já esta manhã me perguntara novas do escudeiro ferido na lide.

—Bem, tornou el-rei, visto saberdes onde pouco mais ou menos pára, podeis-vos retirar e ao primeiro pagem que encontrardes por esses corredores,

dizei-lhe que o vá chamar da minha parte e venha o mais prestes que possa á minha presença.

El-rei fez um aceno de despedida.

Depois de respeitosa venia o physico-mór sahiu do aposento.

Momentos depois de mestre Estevam se haver retirado, finos e longos dedos de mão alva e franzina colhiam o reposteiro pelo meio e affastavam-n'o um pouco.

El-rei que depois da sahida do seu physico-mór não despregara os olhos do reposteiro, esperando ancioso ver apparecer d'nm momento para o outro o seu escudeiro predilecto, altivo, de fronte erguida, orgulhoso do feito que praticara e que mais uma vez o faria merecedor da estima e particular affecto d'el-rei, em contrario do que esperava, viu apparecer, não a varonil figura de Fernão Froyão, mas o vulto ainda formoso mas severo da rainha.

El-rei ergueu-se e foi ao seu encontro.

Depois que os dois esposcs mutuamente se saudaram e a rainha se sentou, D. Diniz disse:

—Não vos esperava, senhora, mas folgo bastante de vos ver porque sempre as vossas subitas apparições costumam ser indicio seguro de paz e de ventura. Ainda hontem, senhora, se vós não surgisseis em meio da peleja, como anjo de paz baixado das alturas, teriamos hoje por certo na nossa al-

ma graves motivos para lagrimas e quem sabe se para remorsos.

— O que eu hontem fiz, senhor el-rei, não tem merito nenhum. Estaes enganado se suppondes que foi á minha presença e ás minhas palavras que se deveu a paz. A Deus, só a Deus, cujo auxilio implorei nas minhas orações, é que deveis a paz que hoje se disfructa no reino e a tranquillidade que ora haveis de sentir na alma. É a Elle, só a Elle, que tendes de dar graças no fundo do vosso coração e no mysterio das vossas orações.

— Concordo no que dizeis, D. Izabel; é de Deus que dimanam, não só as amarguras que nos depuram a alma em horas de soffrimento, como os momentos de paz e tranquillidade que veem após a inquietação e o padecer. Porém não é isso impedimento a que eu e os meus vassallos, sejamos reconhecidos ao desvelo com que sempre curaes das coisas que dizem respeito ao bem d'este reino.

— É esse o meu dever, volveu a rainha, e crêde-me que se as forças me teem faltado algumas vezes para bem o desempenhar, não me accusa a consciencia de jamais ter esquecido a quanto me obrigam as minhas qualidades de esposa e de mãe.

A voz da rainha era grave. El-rei contrahiu a fronte; as palavras que D. Izabel acabava de proferir eram talvez uma recriminação pela injustiça que não havia muito elle lhe fizera. Dois annos antes D.

Diniz desterrara a esposa para Alemquer por suspeita de que ella era favoravel á causa do infante D. Affonso e connivente com a sua rebellião.

— Mas, volveu a rainha mudando de assumpto, já que fallaes de gratidão e de reconhecimento, não haveis de ter esquecido que os deveis a alguem que hontem se distinguiu na lide.

— Tanto me não esqueço dos que me servem, disse el-rei, que mesmo agora acabo de mandar vir á minha presença esse que eu julgo ser a mesma pessoa de quem fallaes.

— Eu referia-me, disse a rainha, ao escudeiro que hontem venceu aquelle grande traidor e rebelde que se chama Martim Gonçalves Leitão.

— Era d'elle mesmo que eu fallava, exclamou D. Diniz. Acaso tambem particularmente vos interessaes por esse bom escudeiro?

— Tambem, e não é outro o motivo que me trouxe a fallar-vos. Haveis já escolhido mercê digna do seu feito?

— Fal-o-hei cavalleiro fidalgo.

— Acaso ja lhe escolhestes noiva?

— Não lh'a escolhi, porém já lhe concedi a que elle me pediu. E agora que m'o lembraes, é occasião azada para fallarmos d'esse assumpto. Sabeis quem elle me pediu para noiva?

— Se elle corresponde, como firmemente creio, ao ardente affecto que lhe dedicam, não deve ter

pedido outra senão Ermezenda Sanches, aquella formosa donzella que está ao meu serviço e que vós bem conheceis.

— Foi effectivamente Ermezenda quem elle me pediu para noiva. Não hesitei, como bem deveis suppor, em lh'a conceder, mui principalmente por me haver elle confessado que a vossa donzella correspondia ao affecto que lhe votava. Prometti-lhe que vos havia de fallar a tal respeito, e já estava de antemão seguro do vosso consentimento, porque demasiado conheço quanto sois inclinada a tudo quanto é devido e justo, e nada ha no mundo mais justo do que unir duas almas que se amam e que Deus formou uma para a outra.

— Bem fizestes em dar o vosso consentimento, volveu a rainha, e se a desigualdade do nascimento fosse serio obstaculo para similhante união, o feito que hontem o vosso escudeiro praticou, torna-o digno do fôro de cavalleiro e realça-lhe a nobreza do nascimeuto.

— Dizeis bem, senhora, Fernão Froyão é digno a todos os respeitos de Ermezenda Sanches.

Ao ouvir similhantes palavras transpareceu no rosto da rainha o maior assombro e sobresalto. El-rei, a quem aquella subita commoção não passou desappercebida, não pôde deixar de exclamar:

— De que vos admiraes? Por ventura não concordaes com as minhas palavras?

— Não vos comprehendo, respondeu a rainha. De quem estaes fallando?

— Da quem estamos fallando, disse el-rei, a quem coube a vez de se admirar, de quem senão de Fernão Froyão, meu fiel escudeiro e de Ermezenda Sanches que lhe dedica ardente amor.

— Ermezenda Sanches nunca dedicou amor a esse escudeiro; Ermezenda só amou, só ama, segundo o que ella propria me tem confessado, o bom e leal escudeiro Affonso Fernandes.

Ao ouvir este nome o rosto do rei tomou uma expressão carregada e severa.

— Se Ermezenda Affonso ama esse que dizeis, ama um vil e um traidor; se Ermezenda teve tal desvario e nelle presiste, deplorae a desdita da vossa donzella porque a misera dedica mal fadado affecto a um morto!

A rainha fitou el-rei com a maior expressão de assombro que se pode imaginar.

— A um morto, dizeis!

— A um morto, sim, volveu el-rei. Affonso Fernandes jaz morto d'esde hontem.

— Como podeis dizer tal, exclamou D. Izabel, se ainda ha pouco mestre Estevam me disse que o escudeiro, que hontem se distinguiu na lide, apenas soffreu um leve ferimento, e que bem depressa, quem quizesse o poderia ver são como se nada lhe houvesse succedido.

— Mestre Estevam, retorquiu el-rei com um ar de convicção aterrador, não vos enganou; o escudeiro que hontem se distinguiu na lide está são como se nada lhe houvesse succedido, mas esse escudeiro não é Affonso Fernandes, porque elle não podia hontem ir á lide em consequencia d'um recado que foi levar da minha parte á prisão da Alcaçova donde não tornou a sahir.

— Mas, atalhou a rainha, como é isso possivel, se mestre Estevam não negou que esse escudeiro fosse Affonso Fernandes?

— Mestre Estevam, tornou el-rei com firmeza, ou não vos quiz desenganar, ou, o que é mais de crer, apesar de homem de bom e claro entendimento, com a canceira dos seus muitos estudos na arte de curar, perdeu repentinamente o siso.

A rainha não podia ainda convencer-se do que ouvia; comtudo começava a recear pela sorte do escudeiro e a sentir-se assaltada por funestos presentimentos. Passados poucos instantes perguntou como que machinalmente:

— E como foi sua morte?

— Affonso Fernandes, respondeu el-rei, soffreu a morte que soffrem os traidores mais vis.

No rosto de D. Izabel transparecia a maior afflicção; começava a advinhar toda a verdade. O que se passara nos seus aposentos uma das noites antecedentes justificava as mais terriveis apprehensões.

El-rei proseguiu:

— Hontem, ao tempo da lide, Affonso Fernandes foi enforcado como qualquer villão na forca da cidade.

— Porém, como é possivel que um escudeiro fidalgo soffresse morte tão afrontosa?

— Eu vol-o explico. Se Affonso Fernandes fosse julgado pelos meios ordinarios, proviria d'isso grande deshonra para estes Paços. Com o fim de a evitar, entendendo-me primeiro com o meu meirinho, mandei hontem o traidor á prisão da Alcaçova com um recado meu, e ali, em cumprimento de ordens já recebidas, deve ter sido violentamente obrigado a substituir um grande criminoso e a marchar para a forca em seu logar.

— Mas qual foi o seu crime? perguntou a rainha cheia de angustia.

— O maior crime que um vassallo pode commetter contra o seu senhor. Affonso Fernandes tinha a criminosa ousadia de escalar por horas mortas os muros d'este Paço e entrar nos seus aposentos. E sabeis em que aposentos?

A rainha estremeceu; demasiado sabia quanta verdade havia nas palavras de D. Diniz.

— Em que aposentos? perguntou machinalmente.

— Nos vossos, senhora; abusava da vossa ausencia, da vossa confiança. Conheceis muito bem a lei especial que fizemos para os casos em que alguem,

fidalgo ou villão, abusar por similhante modo da confiança e da morada de seu senhor. Affonso Fernandes commeteu esse crime; penetrava nos vossos aposentos e mantinha relações criminosas com alguma das vossas damas ou donzellas.

— Estaes enganado, senhor el-rei, acudiu a rainha com firmeza. Quereis saber toda a verdade? Eu vol-a digo. Affonso Fernandes penetrava, ou melhor disendo, penetrou uma unica vez nos meus aposentos. As suas intensões eram puras. Confessou-m'as a sua propria cumplice, a sua desditosa amante, Ermezenda Sanches e Ermezenda não mente. Similhante crime, se crime se lhe pode chamar, merece toda a indulgencia, eram ambos novos e amavam-se. Demasiado deveis saber a que desvarios o amor leva as creaturas quando o amor é ardente e apaixonado. A lei que impera nos meus aposentos é severa, rigorosa, é dura. Amavam-se, tinham muito que dizer, e não souberam concertar outro meio para se fallarem. O que vos digo é a verdade; Ermezenda não sabe mentir. Tenho sido para ella mais uma mãe do que rainha. Com os meus olhos maternaes vejo-lhe ainda no rosto a mesma immaculada pureza, nas fallas a mesma inexcedivel candura. Se mandaste matar Affonso Fernandes por este unico crime, a vossa justiça, rei que blasonaes de justiceiro, foi cega e cruel.

El-rei, apesar da eloquencia severa d'estas pala-

vras, não se mostrava abalado na sua convicção.

— Não fui cego nem cruel, volveu com severidade, nunca a minha justiça feriu d'um modo tão certeiro. Julgando castigar um crime castiguei dois. Affonso Fernandes foi amplamente traidor; faltou ao respeito á casa do seu rei, e correspondia-se com os fidalgos traidores do partido do infante, com os fidalgos que só trabalham para a perda do meu filho. E senão, vêde este pergaminho que foi encontrado ao traidor momentos antes de expiar a sua culpa.

El- rei pegou n'uma tira de pergaminho que tinha em cima da meza e leu o seguinte:

«E vós, èm prol da vossa causa, procurae por todos os modos possiveis indispor el-rei com a rainha. Como sabeis dentro em pouco, el-rei e o infante empenhar-se-hão forçosamente em lucta decisiva, e convem que a rainha, como já uma vez aconteceu, não appareça em meio dos contendores quando a lucta estiver para nós no seu aspecto mais favoravel. Um meio seguro de indispor os dois reaes esposos seria o convencerdes el-rei de que a rainha...»

— Falta n'este pergaminho, continuou el-rei, um pedaço que foi rasgado e que a mim me quer parecer que seria d'uma aleivosia infame se não fosse absurda. O que resta é comtudo, se o meu juiso não erra, sufficiente para provar a traição. Depois

d'esta prova quem vos affirma que o traidor não subisse aos vossos aposentos para que as suspeitas recahissem sobre vós? Como explicaes a posse d'um firmal de ouro que Affonso Fernandes devia ter comsigo e que eu sei que vos pertence?

—Affonso Fernandes, redarguiu a rainha, com firmeza, é incapaz de tanta infamia, e esse firmal de que fallaes ha muito que eu o dei a Ermezenda; foi ella quem provavelmente o deu por seu turno ao vosso escudeiro levada d'alguma devota intenção. Porem, se Affonso Fernandes, foi, como dizeis, castigado, porque não estaes tambem de posse d'esse firmal que forçosamente se lhe deveria ter encontrado?

—Eis o que ainda não pude explicar, porque bastante recommeudei que guardassem todos os objectos que o criminoso comsigo tivesse, e muito especialmente um certo firmal de ouro. Entretanto bem depressa saberemos a razão de tudo isso, por que o meirinho-mór das justiças deve estar prestes de volta da prisão do castello, aonde foi inquirir mais a fundo a maneira como as coisas se passaram. Em todo o caso, accrescentou el-rei, cuja convicção era inabalavel, aqui temos este pergaminho que prova que Affonso Fernandes foi traidor. E se o não era, porque estava elle de posse de similhante documento?

—Os mortos não ressussitam, respondeu a rai-

nha com tristeza. E como explicaes vós a falsidade de Fernão Froyão que vos mente dizendo que Ermezenda o ama?

— Essa falsidade elle mesmo a explicará, porque já mandei chamar Fernão Froyão, e não deve tardar.

Quando el-rei acabava de, proferir estas palavras communicaram-lhe que um escudeiro queria fallar com el-rei para lhe dar conta d'um recado.

— Mandae-o entrar.

E voltando-se para a rainha accrescentou:

— Os mortos não ressussitam, mas ahi tendes um vivo, interrogae-o.

A rainha voltou-se com anciedade para a porta.

VIII

O Juizo de Deus.

> Ser isto ordenação dos Ceos divina,
> Por signaes muito claros se mostrou.
>
> Camões, Lusiadas.

Quando el-rei acabava de proferir as palavras que deixamos transcriptas no antecedente capitulo, correu-se o reposteiro e entrou um mancebo.

Ao vel-o, el-rei ergueu-se em sobresalto; a rainha não pôde conter uma exclamação, a um tempo de assombro e de alegria.

O recemvindo era Affonso Fernandes.

Tinha no rosto a pallidez dos cadaveres.

Quando o escudeiro entrou, não pôde deixar de sentir certa estranheza ao attentar na impressão que a sua presença causava. Porém, como lhe cumpria, nada disse, e avançando até ao meio do aposento,

parou e esperou que el-rei lhe dirigisse a palavra.

Como dissemos, el-rei posera-se de pé; em vista das idéas supersticiosas em voga n'aquelles tempos, não era para admirar que elle julgasse ter diante de si um espectro.

Foi por isso que em tom pouco firme, perguntou;

—Que me quereis, alma penada?

Em voz pausada, mas que deixava transparecer o natural assombro que a pergunta d'el-rei n'elle despertara, o moço escudeiro respondeu:

— Venho dar-vos conta do vosso recado, senhor el-rei. Como me ordenastes, fui antes da lide á prizão do Castello. Em resposta ao vosso mandado disseram-me que as ordens d'el-rei já tinham sido cumpridas na pessoa d'um escudeiro, que ali tinha ido antes de mim com um recado da parte d'el-rei. Custou-me a comprehender, e ainda agora não comprehendo, a significação d'estas palavras. Entretanto, como a missão que vossa real senhoria me confiou se limitava áquelle recado, parti logo d'ali para o campo da lide afim de vos prestar o fraco auxilio do meu braço contra os vossos inimigos. Quando cheguei já as hostes estavam formadas em frente uma da outra. Um golpe que recebi n'um combate singular em que me empenhei, foi causa de que eu não viesse hontem mesmo dar conta a el-rei da missão de que fui encarregado.

Depois que o escudeiro acabou de fallar, el-rei fi-

cou um breve espaço sem dizer palavra e com ar meditabundo; parecia tambem custar-lhe a comprehender a razão de tudo aquillo, e afinal disse:

— Bem sei do combate singular que hontem houve na lide e de que me acabaes de fallar, mas julguei que fosse outro e não vós, o author de tão nobre feito. Porém, dissestes que quando fostes á prizão da Alcaçova já alguem ahi tinha ido com o mesmo recado; acaso sabeis quem foi o mensageiro e como succedeu que outrem se vos adiantasse no cumprimento do meu mandado?

— Ignoro quem fosse, respondeu o escudeiro. Em todo o caso serviu melhor vossa real senhoria do que eu, que não andei tão prestes como deveria andar no desempenho do cargo que recebi.

— E porque empregastes tão pouca diligencia no desempenho das ordens d'elrei? O que vos distrahiu do vosso reconhecido zelo pelo serviço de sua real senhoria? atalhou a rainha com alvoroço na voz e no gesto.

— Um motivo de natureza tal que estou que elrei me ha de perdoar a minha negligencia. Receando não me ser possivel, por causa do recado d'elrei, assistir á missa que se devia dizer na Cathedral pelo bom successo da lide, e não querendo, como bom christão e cavalleiro faltar a tão saudavel preceito, passei, no meu caminho para a prisão da Alcaçova, pela capella do paço e entrei. Rezava-se n'a-

quelle momento uma das missas que a senhora rainha mandara dizer por intenção da paz do reino. Assisti devotamente áquelle acto que me fez esquecer mais do que devia o serviço d'el-rei, e por isso quando cheguei á prisão da Alcaçova já outro mais zeloso, ou mais afortunado, se havia adiantado e cumprido o vosso carrego.

No rosto da rainha pintou-se a mais viva alegria; com voz commovida acudiu logo, dirigindo-se a el-rei:

— Já vêdes, senhor, que a vossa justiça se enganou e que a protecção divina baixou sobre a cabeça de quem vós julgaveis criminoso. Deus não esquece nunca os bons e os que bem o servem.

Affonso Fernandes não podia comprehender o que se passava desde que entrara; apenas percebia que succedera alguma coisa de extraordinario.

Entretanto el-rei já via que o seu escudeiro não era o traidor que elle suppunha, e que só escapara d'um castigo tremendo, de que não era afinal merecedor, por um acaso em que manifestamente se revelava a protecção de Deus.

Com gesto mais tranquillo já, D. Diniz exclamou, dirigindo-se ao escudeiro:

— Julguei-vos, Affonso, um vassallo indigno que abusava da morada do seu senhor, e destinei-vos um castigo proprio de tamanha culpa. Salvou-vos da affrontosa pena uma bem manifesta intervenção

do Todo Poderoso. Pelo que a rainha já me disse, vejo que o castigo era demasiado para a vossa culpa, e Deus, salvando-vos da vilta e da deshonra, veiu mostrar-me que havia um outro que era o verdadeiro traidor. Esse—tremendo designio da Providencia!—expiou hontem no logar em que os villões expiam os crimes, expiou a traição que só a sua morte me veiu descobrir. Não sei ainda quem elle fosse, mas não me peza que tal succedesse, porque esse outro era grande criminoso. Salvou-vos a piedade: sois bom christão e bom vassallo. Da primeira qualidade tivestes já, como acabaes de ver, a devida recompensa. Falta-vos o premio da segunda; é a mim, como rei, que me compete dar-vol-a. Sois um simples escudeiro, far-vos-hei cavalleiro fidalgo, que bem o mereceis pelo vosso nobre feito de hontem na lide; já sei porém que o vosso coração ambiciona mais valiosa recompensa. Que desejaes, dizei?

Era extraordinaria a commoção de Affonso Fernandes; se bem que entrevia confusamente a verdade do que se passara, não lhe restava comtudo duvida de que escapara d'um grande perigo, e de que tinha, como nunca, proxima e segura a realisação da sua tão anhelada ventura.

Cobrando por isso animo respondeu a el-rei com uma voz que forcejou por tornar firme:

—Senhor, o feito que hontem pratiquei na lide não é merecedor de tanto encarecimento como vós

julgaes. Venci, e não podia deixar de vencer, porque pelejava por uma causa justa e sob o influxo d'um milagroso objecto. A causa pela qual pelejava, era a vossa; o sagrado objecto que me protegia era, este.

Dizendo estas palavras, Affonso Fernandes tirou do seio o firmal que pertencera á rainha.

El-rei conheceu-o; agitado por mysteriosa impressão não pôde deixar de se fazer pallido, e de perguntar:

— Quem vol-o deu?

Ao ouvir similhante pergunta, Affonso Fernandes deu mostras de mais evidente hesitação.

A rainha, que bem conhecia a causa que motivava aquelle natural receio, atalhou logo:

—Fallae com franqueza, Affonso; a verdade deve sempre dizer-se, e não sou eu por certo que vos assegure que el-rei não a saiba.

Tomado d'uma subita resolução o escudeiro d'el-rei respondeu:

— Este firmal deu-m'o Ermezenda, a quem amo e que me ama...

—Não digaes mais, interrompeu el-rei; repeti-me apenas que Ermezenda vos ama.

— Repito, volveu Affonso, porque ella m'o jurou.

—Bem está, Affonso, acredito n'essas palavras e vejo que Fernão Froyão me mentiu quando disse

que Ermezenda o amava a elle. Fernão Froyão mentiu pois, e só parece que o falso já sabe que foi descoberta a sua falsidade porque nem hontem o vi na lide nem hoje no alcaçar...

Ao dizer estas estas palavras el-rei estremeceu; um vago presentimento lhe assaltou o animo.

Mas n'aquelle momento annunciaram o meirinho-mór da côrte.

Pouco depois achava-se Lourenço Annes Redondo na presença d'el-rei.

O bom meirinho trazia cara de pouca satisfação; parece que os espinhos do seu alto cargo não lhe dávam treguas á consciencia e lh'a espicaçavam a miudo.

El-rei, apenas elle entrou, disse-lhe:

— Escusaes de me participar que não trazeis o firmal; não era possivel trazerdes-m'o.

Ao ouvir asssim fallar el-rei, o meirinho creou alma nova, mas não pôde deixar de fazer comsigo a seguinte reflexão que muito abonava a sua sagacidade.

— Pois el-rei já sabe que eu não trago o que elle quer! Dar-se-ha caso que el-rei se entregasse ultimamente ás más artes de feiticeria e advinhação?

E ao acabar este monologo intimo, o bom meirinho sentiu um como impeto de fazer o signal da cruz.

Não teve porem remedio senão conter-se.

El-rei continuou:

—Porém, embora não saibaes do firmal de que vos fallei, acaso sabereis novas do meu escudeiro Fernão Froyão?

Na physionomia, aliás pouco expressiva do meirinho-mór, manifestou-se o maior pasmo que se pome manifestar no rosto d'um vassallo sem que deva por isso ser acusado de falta de respeito pela pessoa do seu rei.

E de feito o pasmo de Lourenço Annes Redondo não conhecia limites; apesar da grande conta em que até ali tinha tido a lucidez d'espirito d'el-rei seu senhor, não pôde deixar de mudar de idéas e de fazer a seguinte reflexão, atilada e logica como todas as suas reflexões:

—Terá porventura endoudecido sua senhoria el-rei?

E não atinando de prompto com uma resposta decisiva, o meirinho apenas articulou a seguinte exclamação:

—Senhor!

El-rei que viu o embaraço do seu ministro, embaraço que lhe robustecia as suspeitas, insistiu na pergunta.

Vendo-se muito instado e não sabendo explicar a si proprio a curiosidade d'el-rei, o meirinho respondeu afinal, decidido a arrostar todas as eventualidades que podessem provir d'algum erro grave

que se tivesse dado, que era o que elle começava a agoirar em vista da pergunta d'el-rei

—Senhor, Fernão Froyão, como lembrado haveis de estar, levou hontem um recado de vossa real senhoria á prisão do Castello, e d'ahi, segundo o que fora ordenado por vossa real senhoria...

Todos os personagens que tomavam parte n'esta scena sentiram-se agitados por extraordinaria commoção.

El-rei, com um certo alvoroço na voz, e o rosto repentinamente animado, disse ao meirinho:

— Acabae, Lourenço Annes, ieis a dizer que Fernão Froyão levou o recado de que eu vos fallei e foram n'elle executadas as minhas ordens?

Lourenço Annes ao observar a favoravel mudança que se operava no rosto d'el-rei, sentiu o alivio que sentiria se lhe tivessem tirado o peso d'algumas libras de cima do peito; com a voz mais desafogada, respondeu:

—Fernão Froyão, em cumprimento do que por vossa real senhoria fôra ordenado, soffreu morte affrontosa, hontem, ao tempo da lide, na forca da cidade. Ainda que outros crimes não tivesse commettido, bem teria merecido similhante castigo só pelo traiçoeiro accordo em que andava com os rebeldes que acompanham o senhor infante.

É inexplicavel a impressão que a rainha, Affonso

Fernandes e o proprio rei sentiram ao ouvir as palavras do meirinho.

Estava aclarado o que succedera: Affonso Fernandes comprehendia que um acto de devoção o salvara d'um castigo imminente e que elle não merecia, a rainha reconhecia mais uma vez quanto valem uma consciencia pura e uma alma devotada a Deus, e el-rei via claramente quanto o seu juiso era falso e como a Providencia se incumbira de o remediar, substituindo o innocente pelo verdadeiro criminoso.

Voltando-se então para o escudeiro, disse:

— Pelo que acabaes de ver, Affonso Fernandes, fui injusto para comvosco, e a minha injustiça poz-me em risco de perder um servidor, sincero e leal. Se hontem não assistisseis á missa da rainha, terieis chegado mais cedo á prisão do Castello com o meu recado e em vós seriam cumpridas as minhas ordens. Salvou-vos a piedade; Fernão Froyão, inspirado talvez pela Providencia que vela pelos bons e castiga os maus, Fernão Froyão precedeu-vos e teve a sorte que eu destinara áquelle que ali fosse com um recado da minha parte. Como sempre, a Providencia acertou d'esta vez, porque Fernão era um traidor como a sua morte nos veiu mostrar, e agora vejo quão fementidas eram as suas palavras quando fallava em vosso desfavor. Se a mim me peza o erro da minha justiça, não vos deve a

vós pezar o successo, em que tão grave perigo correstes, porque elle deu logar a que bem claramente se patenteasse de que lado estavam a culpa e a infamia. Mas á fé de quem sou, juro-vos que a minha injustiça será largamente reparada. Tereis mercê de cavalleiro fidalgo e desposareis, visto que vos approuve ao coração tão excellente escolha, a nobre Ermezenda Sanches. Ide já levar-lhe tão boa nova, e dizei-lhe que el-rei lhe dá os emboras do bom emprego que deu ao seu affecto.

Affonso Fernandes, cuja immensa commoção não lhe permettia achar palavras com que agradecesse tamanha mercê, ajoelhou perturbado diante d'el-rei e beijou-lhe a mão; depois de fazer o mesmo á rainha, retirou-se.

Após elle o meirinho-mór tambem se retirou.

A rainha, que ficara só com el-rei, disse-lhe:

— Já vêdes que não foi preciso que um morto resuscitasse para saberdes que a justiça real se engana.

— Os juizos dos homens são falliveis, senhora, já ha muito que o sei, respondeu el-rei com tristeza, falliveis como o seu entendimento é curto, e é por isso que não logro comprehender como soube Fernão Froyão da traça que eu ideei com o meu meirinho para castigar o criminoso, nem o motivo que lhe inspirou a fatal lembrança de ir á prisão do Castello em tão perigosa conjunctura.

A rainha encolheu os hombros e redarguiu:

— Assim como sabeis há muito que os juisos dos homens são falliveis, tambem deveis saber que ha um juizo que jamais se engana, e que ás vezes dá aos maus inspirações que são a sua ruina e castigo.

— E o juizo de Deus! exclamou el-rei com solemnidade.

— Pois foi o juizo de Deus que emendou o vosso, senhor el-rei.

EPILOGO

Pouco nos resta que dizer.

Como el-rei lhe promettera, Affonso Fernandes teve mercê de cavalleiro e desposou Ermezenda Sanches, a querida do seu coração.

Dias depois, na capella real, effectuaram-se os desposorios a que a côrte assistiu. Ermezenda levava o veu da Santa que a rainha costumava pôr ás noivas da sua casa e com o qual tinha particular devoção.

Continuaram ambos a viver no paço.

Das chronicas e manuscriptos d'onde extrahimos esta veridica e extraordinaria historia, não podemos apurar se foi pequena ou numerosa a progenie dos

dois venturosos esposos. Mas, o que podemos affiançar, tomando por fundamento os citados documentos, é que Affonso e Ermezenda viveram n'uma especie de lua de mel indefinida, a ponto de quasi o antigo escudeiro se esquecer de fazer trovas ao gosto provençal, o que explica em parte o facto de no *Cancioneiro da Vaticana*, valiosa collecção de canções e trovas dos poetas d'aquella epocha, só se encontrarem duas canções suas.

Pelos mesmos documentos vê-se tambem que Affonso Fernandes, por morte de D. Diniz, continuou ao serviço da côrte, onde era estimado pelo esforço do seu animo e lealdade do seu caracter. Por occasião da batalha do Salado, tão gloriosa para as nossas armas, batalhou na hoste portugueza, e provou mais uma vez quanto podia o gume da sua espada e a pujança do seu braço.

Quanto a D. Affonso, que depois reinou com o titulo de Affonso IV, o Bravo, e foi o matador da formosa D. Ignez de Castro, retirou-se depois da lide d'Alvalada, para Santarem como promettera ao pae. Mas, d'ahi a pouco, esteve outra vez prestes a travar lucta com el-rei a proposito tambem de seu irmão natural D. Affonso Sanches.

D'esta vez o conde D. Pedro e mais algumas pessoas de bom conselho impediram um completo rompimento

Um anno depois dos acontecimentos narrados

n'esta historia, D. Diniz, por effeito talvez de tão continuos desgostos, cahiu perigosamente enfermo e falleceu.

Sobreviveu-lhe a boa rainha D. Izabel, que hoje se venera como santa nos altares do catholicismo.

Talvez que algum esmiuçador de peccados litterarios, ao ir consultar o livro das linhagens do conde D. Pedro, nos acoime de pouco consciencioso por não encontrar o nome de Affonso Fernandes entre os dos fidalgos d'aquelle tempo.

A isto responderemos nós que o nosso primeiro historiador, o sr. Alexandre Herculano, já reduziu ás suas justas proporções a importancia do livro das linhagens, e que o mysterioso manuscripto que trata principalmente d'este caso, e que tivemos occasião de ver n'uma bibliotheca ainda mais mysteriosa, diz muito positiva e terminantemente que Affonso Fernandes, *trobador que trobou muy ben*, foi o que levou o recado da parte d'el-rei, e que d'el-rei recebeu mercê de cavalleiro.

Pelo tempo adiante, Affonso Fernandes e o meirinho conversando muitas vezes sobre aquelle estupendo caso que se passara com elles pelo tempo da lide de Alvalada, forcejavam por descobrir a maneira como Fernão Froyão soubera das ordens d'el-rei, o que dera logar a que elle fosse mais cedo do que o verdadeiro condemnado saber se essas ordens ti-

nham sido cumpridas e cahisse assim no laço armado para outrem.

De todas as vezes que discutiam este ponto, na impossibilidade de o resolverem, concluiam dizendo que tudo fora por secreto designio da Providencia.

Nós, porém, que estamos mais ao facto de como as coisas se passaram, devemo-nos lembrar de que Fernão Froyão escutou a conversa que el-rei teve com o meirinho no dia anterior á lide.

Foi-lhe fatal a curiosidade; como vimos no dia da lide, ancioso de saber se já tinham sido cumpridas as ordens de seu amo, foi á prisão do Castello saber o que se passara, dizendo que ia da parte d'el-rei. E no Castello, vendo aquelle escudeiro que levava similhante recado, executaram n'elle as ordens que tinham recebido.

A descoberta do pergaminho confirmou os homens da justiça na ideia de que elle era o criminoso que el-rei mandava justiçar.

Quando Affonso Fernandes appareceu, suppozeram muito naturalmente que aquelle segundo mensageiro não ia alli mais do que para satisfazer a curiosidade d'el-rei, que queria saber se effectivamente as suas ordens tinham sido cumpridas.

N'aquelle momento já tinha começado a ser executada a real justiça no primeiro mensageiro que ali apparecera.

De tarde, ao tempo da lide, balouçava um cadaver na forca da cidade; ao reparar n'elle, a villanagem dizia que não era o cadaver d'um peão, mas d'um fidalgo da creação do paço. Como sabemos, a villanagem acertava; o cadaver era de Fernão Froyão.

E foi assim que a Providencia, que no dizer da rainha Santa Izabel, vela sempre pelos bons, salvou da morte ignomiosa o piedoso escudeiro que effectivamente ia *da parte d'el-rei.*

NOTA FINAL

Na historia da Vida, Morte e Milagres da Rainha Santa Izabel, pelo bispo do Porto, D. Fernando Correia de Lacerda, vem entre outras, contada a seguinte lenda:

Certo pagem consegue convencer el-rei de que um outro pagem, muito estimado da rainha, tem amores com ella. D. Diniz combina com o dono d'um forno de cal, que será lançado dentro do forno o individuo que elle ali mandar com um recado. O pagem, que urdira a entriga, ancioso de saber se o seu camarada já tinha soffrido a morte que el-rei lhe destinara, foi ao forno da cal, e por um equivoco muito facil — nas lendas principalmente — é tomado pelo verdadeiro condemnado e arremessado ás chammas, não lhe valendo protestos nem declarações. O supposto criminoso salvou-se, porque chegou depois, em consequencia de ter entrado n'uma igreja e assistido á missa que então se resava.

Como se vê, esta lenda foi que serviu de base ao enredo do romance *Da parte d'el-rei.*

Entre todas as lendas em que figura a rainha Santa Izabel, não é esta, por certo, a mais poetica, mas lançámos mão d'ella, por ser, segundo nos pareceu, a que melhor se prestava a encadear-se com os successos notaveis do reinado de Diniz que imperfeitameute deixamos esboçados.

Tambem se nota n'esta lenda, devemos confessal-o, um pronunciado sabor fradesco, e o seu inventor, querendo exaltar a Providencia divina, que tão de molde acode aos bons e aos crentes, deprime a virtude da rainha Santa, admittindo a supposição d'el-rei acreditar que a esposa lhe era infiel.

Similhante supposição é absurda, attendendo ao caracter e á idade de D. Izabel, e nós, sentindo verdadeira repugnancia por esta parte da lenda, apesar de que nos facilitava o effeito romantico, affastámo-nos d'ella quanto pudemos fazendo recahir as suspeitas d'el-rei n'uma donzella do paço.

Apesar de absurda nos accessorios, a lenda dos dois pagens, é verosimil na sua essencia. O facto d'el-rei castigar com a morte os que abusavam nos seus amores, da morada real, é um facto provado. El-rei D. João I, rei de caracter mais cavalheiroso e levantado que D. Diniz, castigou severamente um fidalgo por similhante delicto, como se pode ver pelo admiravel romance — O MONGE DE CISTER — a que esse facto serve de assumpto. D. Pedro I praticou, por identico motivo, uma crueldade inaudita em um individuo de sua casa, como se pode ver em Fernão Lopes que narra o caso com uma simplicidade notavel, simplicidade que nós nem

de longe queremos imitar, porque nem sempre conveem narrações demasiado simples. El-rei D. Diniz, embora a historia não lhe attribua iguaes proezas, mandou pôr em vigor a lei que já citámos, e que diz: *aquelle que jouver com manceba que viver com seu señor que moira porem*, ou em linguagem d'agora, aquelle que tiver relações amorosas com mulher solteira que viver em casa do seu senhor que morra por isso.

Pelo que se vê, todos os senhores reis d'aquelle tempo eram inexoraveis com faltas d'esta ordem, porém, o que tambem se observa, é que nenhum d'elles dava o exemplo de ser o primeiro a respeitar a lei.

Damos estas esplicações quanto á parte romantica da composição; quanto á parte historica procurámos ser o mais rigoroso possivel.

No romance—DA PARTE DA RAINHA—que se ha de publicar em referencia á mesma epocha, tencionamos empregar igual rigor, e tomar por assumpto factos historicos do mesmo reinado.

INDICE

DOS CAPITULOS CONTIDOS N'ESTE VOLUME

Aos srs. Assignantes

Contando mais de tres annos de existencia, esta empreza é uma das que actualmente têem maior numero de assignantes, o que a habilita a fazer regularmente uma tiragem de 5:000 exemplares.

Para Portugal este numero deve chamar-se prodigioso, porque o nosso mercado litterario não pode por forma alguma sustentar parallelo com os mercados litterarios da Inglaterra, França, nem mesmo Hespanha.

A tão extraordinaria protecção dispensada pelo publico, a empreza HORAS ROMANTICAS tem-se esforçado por dignamente corresponder. Uma das condições do seu programma, em cujo cumprimento maior empenho tem empregado, é a da regularidade das publi-

cações. Salvo algumas interrupções por occasião de se concluir a publicação d'uma obra e começar a de outra, interrupções inevitaveis em rasão dos grandes preparativos que as suas publicações exigem, a empreza HORAS ROMANTICAS pode ufanar-se de que nem uma só vez succedeu ficar interrompida a distribuição de qualquer obra no decurso da sua publicação.

Uma circumstancia se tem dado durante a existencia d'esta empreza que pode casualmente haver suscitado reparo da parte dos srs. assignantes: é a de parecer que damos preferencia ás obras hespanholas. Entendemos dever a este respeito uma explicação aos nossos subscriptores. A empreza HORAS ROMANTICAS tem publicado mais frequentemente romances hespanhoes pela rasão de que são menos conhecidos pelos nossos leitores, e, devemos dizel-o, embora seja um facto de difficil explicação, porque apesar da lingua hespanhola ser de facil comprehensão para o nosso publico, os livros escriptos n'esta lingua são muito mais caros, pouco procurados e pouco lidos. Não succede o mesmo com os romances francezes, o que não tem obstado a publicarmos tambem alguns, que nos pareceram reunir as indispensaveis condições de agrado que o gosto dos leitores exige. Se porém n'esta parte temos querido satisfazer o nosso programma, só com alguma difficuldade o havemos conseguido por duas rasões principalmente: a primeira, porque o romance francez já está muito explorado entre nós, e a segunda, porque as publicações d'este genero, que actualmente vêem a luz publica em França, são na maior parte d'um gosto com que a moralidade não lucra por certo, e encerram doutrinas que as familias não hão de gostar de ver analysadas, estudadas e discutidas no seu seio.

Uma outra condição do nosso programma nos podemos ufanar de ter cumprido cabalmente: é a dos premios distribuidos pela loteria. N'esta parte fizemos até uma innovação, que nos parece um progresso n'este genero de concessões. Como os premios distribuidos pela loteria só a rarissimos assignantes podem caber, resolvemos distribuir um premio valioso a todos os srs. assignantes sem excepção. Este premio, apesar de parecer, considerado isoladamente, menos valioso do que os premios concedidos pela loteria, é comtudo o que maior encargo representa para a empreza, como facilmente os srs. assignantes podem avaliar, reflectindo nas despezas que deve occasionar uma tiragem de 5:000 volumes de 160 paginas cada um, e a remessa de cada volume aos srs. assignantes das provincias.

Se porém para a empreza este premio é importante, não deixa de o ser tambem para os seus assignantes, attendendo a que elle consta d'um romance original, e d'um genero relativamente pouco cultivado no nosso paiz, como é o romance historico.

Do merecimento litterario do brinde, os srs. assignantes poderão ajuizar; comtudo não devemos deixar de chamar a attenção dos leitores para a circumstancia de tratar d'uma epocha pouco conhecida, de se referir a um facto importante e curioso e de reunir ás condições de interesse, que se dão n'este genero de composições, a circumstancia de ser um livro instructivo e verdadeiro na parte historica.

Fiada em que o publico lhe continuará a dar a sua protecção, a empreza resolveu na publicação do seguinte romance—**Ciumes d'uma Rainha**—distribuir tambem um premio a todos os assignantes sem excepção.

Constará d'um romance historico, original, intitulado

DA PARTE DA RAINHA

Como se vê pelo titulo, prender-se-ha com o romance—DA PARTE D'EL-REI—e terá as mesmas condições litterarias e instructivas.

A empreza aproveita esta occasião para agradecer a todos os seus assignantes e correspondentes, e a todas aquellas pessoas das provincias que teem concorrido para divulgação dos seus prospectos, a valiosa protecção que lhe teem dispensado, protecção que espera continuará a merecer durante as futuras publicações.

O Proprietario

David Corazzi.

OBRAS PUBLICADAS POR ESTA EMPREZA

PONSON DU TERRAIL

Os Cavalleiros da Noite—Traducção de Annibal de Mascarenhas.

É um dos mais bellos romances historicos do fecundo romancista. Trata da epocha em que Henrique IV era apenas o humilde rei de Navarra. É um quadro animado da côrte da rainha Margarida, que tão notavel se tornou pelo seu talento como pela sua leviandade.

Edição esgotada, 3 vol. 1$500 réis.

Os Herdeiros Falsos—Traducção de A. M. da Cunha e Sá.

Como todos os do auctor do *Rocambole*, este romance embora pequeno, desperta immenso interesse. E' um esboço bem traçado da vida elegante e mysteriosa de Paris.

Ha alguns exemplares. 1 vol. 400 réis.

Amores de Luiz XV ornado com gravuras—traducção de Francisco de Lencastre.

Basta o titulo para se imaginar o interesse que deve despertar este romance, devido á penna do mais habil e fecundo romancista que ultimamente tem brilhado no mundo das letras. É notoria a devassidão perfumada e elegante da côrte de Luiz XV, e Ponson du Terrail, tratando d'este assumpto, deu mais uma vez prova incontestavel da fecundidade do seu talento e do brilhantismo da sua imaginação.

2 vol. 800 réis.

Os Mascaras Vermelhas, ornado com 2 gravuras — Traducção de A. M. da Cunha e Sá.

Este interessante romance é baseado nos factos que vão d'esde a morte de Luiz XVI até á morte de Robespierre. Figuram nos MASCARAS VERMELHAS, grande numero de principaes personagens da epocha como Danton, Robespierre, e Luiz Capeto.

3 vol. 1500 réis.

FERNANDEZ Y GONZALEZ

O Rei Maldito, ornado com 44 gravuras — Traducção de A. M. da Cunha e Sá.

Notavel romance historico do primeiro romancista da actualidade. Tracta d'uma das epochas mais notaveis da historia. É d'um enredo que não permitte ao leitor suspender a sua leitura. Os mysterios da corte do rei Filippe II, do rei parricida, do rei a quem chamaram o *Demonio do Meio Dia*, são o assumpto d'este excellente romance.

5 vol. 3$400 réis.

Historia dos Sete Morcegos, ornado com 4 gravuras — Traducção de A. M. da Cunha e Sá,

Não pode haver nada mais phantastico e poetico do que esta lenda. Tem referencia á fundação da mysteriosa Alhambra.

1 vol. 600 réis.

TARRAGO Y MATEOS

Odio de Bourbons (memorias escriptas com sangue), ornado com 34 gravuras — Traducção de A. M. da Cunha e Sá.

A publicação d'este romance teve extraordinario acolhimento.

As memorias escriptas com sangue são um quadro fiel do reinado de D. Izabel II e do rei Francisco d'Assis, d'esse reinado cujo desfecho está ainda na lembrança de todos. Apesar de tratar d'um assumpto tão melindroso, Tarrago y Mateos não offende susceptibilidades politicas, e o seu romance, além do interesse da epocha, é primoroso sob o ponto de vista litterario.

ORTEGA Y FRIAS

O Diabo na Côrte, ornado com 27 gravuras—Traducção de A. M. da Cunha e Sá.

Este romance, que teve em Hespanha primeira e segunda edição, e que vae ter terceira, é a mais interessante producção d'este genero que trata dos amores do principe D. Carlos e da sua madrasta a rainha D. Izabel. Figuram n'elle os principaes personagens do reinado de Filippe II, e apesar da natureza do assumpto sobre que é baseado, a sua leitura deve ser agradavel ao leitor mais meticuloso em questões de moralidade.

3 vol. 2$100 rs.

J. PEDROSO

A gravura de madeira em Portugal——Forma um primoroso album de gravuras executadas pelo delicado buril do nosso primeiro gravador o sr. J. Pedroso.

Os desenhos d'este album são todos devidos ao lapis dos nossos primeiros desenhistas e a impressão das gravuras é mandada fazer a Inglaterra. Apesar do esmero

e das despezas d'esta publicação, o custo de cada gravura é apenas de 80 réis.

Estão já publicadas bastantes gravuras, cuja primeira edição foi esgotada.

GUSTAVE AIMARD

As Guerrilhas de Juarez — Traducção de Francisco de Lencastre.

Como facilmente se deprehende do titulo, AS GUERRILHAS DE JUAREZ tem por logar d'acção os magnificas e esplendidas solidões da America do Sul, e por thema a lucta encarniçada em que desempenhou importante papel o audacioso guerrilheiro que mais tarde viu coroados os seus esforços com a investidura do primeiro poder da republca Mexicana.

1 vol. 400 rs.

CIUMES DE UMA RAINHA

Além das mesmas circumstancias que se dão no ODIO DE BOURBONS tem sobre elle a vantagem de se passar em epocha mais interessante e fertil em intrigas que se prestem á urdidura romantica. Como o seu titulo indica, os CIUMES DE UMA RAINHA é um romance historico de alta intriga de côrte. Tratado por Tarrago y Mateos, cujos predicados de romancista tanto fazem lembrar o sempre chorado Alexandre Dumas, o seu enredo é d'uma finura puramente franceza e d'um enredo palpitante.

PREMIOS

1.° volume—6 bolsas de prata (em 6 premios).

2.° » —Um relogio d'oiro.

3.° » —Uma machina de costura.

4.° » —100$000 em inscripções.

Além destes brindes a empreza distribuirá no ultimo volume a todos os seus assignantes indistinctamente, um premio constando do romance historico, intitulado:

DA PARTE DA RAINHA

que servirá de complemeuto ao romance DA PARTE D'EL-REI.


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 06 07 010 4